



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Wanderson Oliveira dos Santos

**Representação e identidade do Gaúcho:
“A Exposição do Centenário Farroupilha”**

Rio de Janeiro

2018

Wanderson Oliveira dos Santos

Representação e identidade do Gaúcho: “A Exposição do Centenário Farroupilha”

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Política e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Teresa Toríbio Brittes Lemos

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

S237 Santos, Wanderson Oliveira dos
Representação e identidade do Gaúcho: “A Exposição do Centenário Farroupilha” / Wanderson Oliveira dos Santos . – 2018.
140f.

Orientadora: Maria Tereza Toribio Brittes Lemos.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Brasil – História – Guerra dos Farrapos – 1835-1845 – Teses. 2. Brasil – História – Guerra dos Farrapos - Exposições - Teses. 3. Identidade social – Rio Grande do Sul – Teses. I. Lemos, Maria Teresa Toríbio Brittes, 1943-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 981”1935/1845”

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Wanderson Oliveira dos Santos

Representação e identidade do Gaúcho: “A Exposição do Centenário Farroupilha”

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Política e Cultura.

Aprovada em 24 de agosto de 2018.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Maria Teresa Toríbio Brittes Lemos (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr. Flaviano Bugatti Isolan
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof.^a Dra. Maria Medianeira Padoin
Universidade Federal de Santa Maria

Rio de Janeiro

2018

AGRADECIMENTOS

A Minha orientadora Dra. Maria Teresa Toríbio Brittes Lemos que sempre esteve junto a mim nessa caminhada do mestrado;

A Flaviano Bugatti Isolan que me ajudou na elaboração do projeto preliminar de pesquisa e sempre se mostrou disponível para a coorientação deste projeto;

A Maria Medianeira Padoin que me recebeu muito bem em Santa Maria para discutirmos os pontos do trabalho final e também sempre se colocou à disposição para me auxiliar e tirar as dúvidas a respeito deste trabalho;

Ao fotógrafo Ronaldo Bastos que cedeu parte de seu acervo de fotos para ilustrar a dissertação;

A Luis Henrique que diagramou os jornais;

A Dra Ana Paula K.Farina pela atenção dispensada durante o mestrado.

A minha esposa Elisangela Evaristo da Silva dos Santos, uma parceira incrível, sempre junto a mim, mesmo nos momentos de dúvidas dessa longa caminhada acadêmica;

Ao meu coordenador André Vieira Pinto, sempre pronto a negociar meu horário de trabalho para que eu cumprisse as obrigações acadêmicas do mestrado;

A minha mãe Leila Oliveira dos Santos e ao meu avô Ivo Agripino dos Santos que me proporcionaram a base educacional tão importante para o cumprimento dessa jornada.

RESUMO

SANTOS, W.O. Representação e identidade do Gaúcho: “A Exposição do Centenário Farroupilha”. 139f. Dissertação (Mestrado em história política) - Programa de Pós-graduação em História, Rio de Janeiro, 2018.

O objetivo central do trabalho foi entender como a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, de 1935, realizada em Porto Alegre, funcionou como uma tentativa de construir um discurso mais favorável aos Farrapos, muitas vezes acusados de separatistas, desde a Revolução Farroupilha (1835-1845), considerada como mito fundador dessa sociedade. Como metodologia de pesquisa, realizamos a leitura e crítica dos trabalhos produzidos nos meios acadêmicos, como monografias e artigos, e dos livros que trataram da construção dessa identidade do rio-grandense, que viria a ser conhecido como gaúcho, posteriormente. Após perfazer esse caminho, chegou o momento de pesquisar como a mídia da época tratou a Exposição do Centenário Farroupilha. Assim, analisamos as edições do *Diário de Notícias* e *Correio do Povo* de setembro de 1935 que destacavam o evento e a valorização dos ideais da Revolução Farroupilha. Ao final, concluímos que Exposição ainda é um assunto pouco estudado na historiografia gaúcha e brasileira, mas confirmamos nosso entendimento que o evento foi uma reafirmação do discurso que entende a Revolução Farroupilha como o episódio mais importante da história do Rio Grande do Sul e a Exposição seria o embrião da Semana Farroupilha comemorada anualmente desde 1988.

Palavras-chave: Exposição do Centenário. Revolução Farroupilha, Imprensa, Representação, Identidade gaúcha.

ABSTRACT

SANTOS, W.O. Representation and identity of the Gaucho: "The Exposition of the Farroupilha Centenary". 139f. Dissertação (Mestrado em história política) - Programa de Pós-graduação em História, Rio de Janeiro, 2018.

The main objective of the work was to understand how the Farroupilha Revolutionary Centennial Exhibition, held in Porto Alegre, in 1935, served as an attempt to construct a more favorable discourse on rags, often accused of separatists, since the Farroupilha Revolution (1835- 1845), considered as the founding myth of this society. As a research methodology, we carried out the reading and critique of the works produced in academic circles, such as monographs and articles, and the books that dealt with the construction of this Rio Grande identity, which later became known as the Gaucho. After completing this path, it was time to research how the media of the time treated the Farroupilha Centenary Exhibition. Thus, we analyzed the editions of the *Diário de Notícias* and *Correio do Povo* of September 1935 that highlighted the event and the valorization of the ideals of the Farroupilha Revolution. At the end, we conclude that Exposition is still a subject little studied in the Brazilian and Brazilian historiography, but we confirm our understanding that the event was a reaffirmation of the speech that understands the Farroupilha Revolution as the most important episode in the history of Rio Grande do Sul and the Exposition would be the embryo of the Week Farroupilha celebrated annually since 1988.

Keywords: Exhibition of the Centenary. Farroupilha Revolution, Press, Representation, Gaucho Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DO GAÚCHO	12
1.1 Revolução Farroupilha como mito fundador	15
1.2 Revisitando a Revolução Farroupilha	19
2 O GAÚCHO: CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS	28
2.1 Indígenas e negros - Contextualização	37
2.2 A discussão acerca do protagonismo negro na Revolução Farroupilha	40
2.3 Visão e versão: o gaúcho e caudilhismo	44
2.4 O Sul, o Império do Brasil e as Guerras no Prata	48
3 EXPOSIÇÕES NACIONAIS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL	52
3.1 As Exposições – breve histórico	52
3.2 Cenário político brasileiro na década de 1930 e a criação de uma identidade .	53
3.3 Apresentando a Exposição do Centenário Farroupilha	57
4 EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO FARROUPILHA: ANÁLISES CONCEITUAIS SOBRE O EVENTO	66
4.1 A Exposição do Centenário Farroupilha contra o esquecimento	68
4.2 Memória Social da Revolução Farroupilha	74
4.3 Comemorar para lembrar	78
5 EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO FARROUPILHA: JORNAIS COMO FONTE ⁸¹	
5.1 A imprensa e o jornalismo do Rio Grande do Sul nos anos 1930	82
5.2 O Setembro Farroupilha nos jornais: apresentação e análise	84
5.3 Análises específicas de temas ligados à Revolução Farroupilha nos jornais	88
5.3.1 Participação de índios e negros	88
5.3.2 Os mitos Farrapos	89
5.3.3 Mulheres na Revolução Farroupilha	91
5.3.4 Nacionalização das comemorações	91
5.3.5 Militarização e politização do evento	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	102
ANEXO A - Ilustrações	107
ANEXO B - Fotografias	120

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XIX e início do XX, estava em disputa no campo da historiografia e literatura rio-grandense qual seria o discurso mais adequado para explicar a Revolução Farroupilha (1835-1845) e qual seu lugar na construção da identidade do Rio Grande do Sul. Em campos opostos, estudiosos do assunto teciam teorias baseadas em documentos escritos acerca do movimento que colocou em lados opostos, principalmente, os estancieiros, sacerdotes, comerciantes, militares, profissionais liberais do Rio Grande do Sul e o Império do Brasil no século XIX, levando em consideração os dois grandes grupos envolvidos na contenda.

Assim, já no século XX, a realização da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha de 1935, iniciativa do Instituto Geográfico Histórico do Rio Grande do Sul (IGHRGS), juntamente dos governos estadual do Rio Grande do Sul e o municipal de Porto Alegre e do próprio governo de Vargas, de propor ao restante do país uma visão claramente favorável aos Farroupilhas, tirando a pecha de separatistas dos revoltosos. Contudo, seria ingenuidade de nossa parte entender o evento como algo apenas voltado para celebrar e comemorar a data. A Exposição teria também o intuito de mostrar ao Brasil a importância econômica e política (Getúlio Vargas era gaúcho e chegara ao poder) do Estado, por isso o apoio econômico da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul) e do Centro de Indústria Fabril. Ao todo, participaram 3.080 expositores de sete estados, e do Rio Grande do Sul e representantes do Uruguai, Paraguai, Argentina, Itália, distribuídos em dezessete pavilhões.¹

¹ Número de expositores do RS e de outros estados
 Pavilhões do Estado do RS / Nº de Expositores
 Indústrias do Rio Grande do Sul 905
 Agricultura 804
 Indústrias estrangeiras 177
 Cultural 294
 Pecuária 287
 Total de Expositores do RS 2.467
 Pavilhões de outros estados / Nº de Expositores
 Estado de São Paulo 62
 Minas Gerais 184
 Santa Catarina 168
 Paraná 38
 Pernambuco 75
 Amazonas 31
 Pará 55
 Total de Expositores de outros estados 613
 Total dos Expositores 3.080

Além do fator econômico, percebe-se um objetivo também político no evento, como dito anteriormente. Para compreender esse viés, precisamos lembrar que o Brasil era governado à época por um representante da oligarquia gaúcha: Getúlio Dornelles Vargas. Em seu governo, Vargas procurou centralizar o poder em suas mãos, fato que desagradou parte da elite gaúcha, da qual fazia parte o governador do Rio Grande do Sul na época, José Antonio Flores da Cunha. Em campos políticos opostos, as duas autoridades foram obrigadas a deixar as desavenças de lado e unir esforços para que a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha conseguisse ser realizada com sucesso, fato que serviria como capital político para ambos.

Falando de nossa proposta, não queremos simplesmente tratar da Exposição como algo apenas episódico, mas como um ponto no trajeto da construção da identidade do povo rio-grandense. Para isso, decidimos percorrer um caminho no qual pretendemos expor como o originário das terras do Rio Grande do Sul foi representado e exposto desde o século XIX até o século XX, entendendo a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha como uma tentativa de oficialização de um discurso no qual o gaúcho não seria mais um separatista e sim um nacionalista que lutou pelos seus interesses, e manteve-se fiel ao Império do Brasil.

Como metodologia de pesquisa, as principais fontes utilizadas foram os periódicos *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, jornais de grande circulação de Porto Alegre, em suas edições do dia 1 a 30 de setembro, mês de abertura do evento e de comemoração do centenário. O objetivo de analisá-los teve com o intuito de entender a importância daquele evento para os gaúchos, revisitando a preparação e os fatos da abertura da exposição e a repercussão do evento. Nesse caso, os dois jornais analisados funcionaram como uma espécie de testemunhas daqueles dias de setembro de 1935, quando a capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, se preparava para receber os visitantes e mostrar ao mundo a grandeza daquele estado. Também realizamos o levantamento de estudos acadêmicos com o fim de fundamentar a análise bem como complementar as informações sobre a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha. Como suporte bibliográfico específico sobre o assunto, utilizamos trabalhos acadêmicos e artigos que tratavam do evento.

Estruturalmente, a dissertação começa com o capítulo debatendo como a Revolução Farroupilha se transformou no mito fundador de uma identidade gaúcha. Cabe lembrar o que foi essa revolta e como a construção de heróis e dos fatos se mostraram como alicerces

para um discurso que ora pendia a favor dos Farrapos, ora entendia a revolta como uma insubordinação contra um governo legitimamente constituído.

O segundo capítulo, apresenta um panorama historiográfico das concepções que pretendem entender a formação identitária do povo gaúcho, através do olhar de diversos estudiosos em diferentes épocas. No campo político, também trataremos da influência dos vizinhos platinos na construção do ideário político do Rio Grande do Sul no século XIX. Duas questões são abordadas: as influências caudilhistas na forma de fazer política e a participação dos líderes Farroupilhas nas lutas políticas na República Cisplatina, que depois viria a ser o Uruguai, e nas Províncias Unidas, projeto do que seria a futura Argentina. Discutimos nesse ponto se a relação com chefes militares vizinhos podem ter ajudado na formação da ideologia dos principais chefes militares gaúchos, além de tentar entender o que seria esse caudilho sul-americano, discutido por algumas correntes historiográficas.

No terceiro capítulo, abordaremos as chamadas Grandes Exposições Internacionais, eventos onde as grandes potências europeias mostravam ao mundo seu triunfo econômico e progresso industrial, além de serem também canais de difusão de conhecimento, além de um local onde invenções eram apresentadas ao grande público. Vamos lembrar que o Brasil também começa a organizar suas exposições no início do século XX, no intuito de construir e consolidar uma identidade nacional. A Exposição do Centenário da Independência e A Semana de Arte Moderna, ambas realizadas em 1922, sendo a primeira no Rio de Janeiro e a segunda em São Paulo, são exemplos dessa busca pela construção de uma identidade brasileira. Além dessa visão geral da construção da brasilidade no século XX, abordamos nesse terceiro capítulo a Exposição do Centenário Farroupilha, propriamente, realizada do dia 20 de setembro de 1935 a 15 de janeiro de 1936. Esse era um momento no qual o Brasil estava se pensando como país² e essas exposições tiveram o objetivo de construir um discurso do que seria esse país nos anos 1930, com suas próprias características culturais, sociais e políticas.

No quarto capítulo, usaremos dois textos como base da análise para a Exposição do Centenário Farroupilha: um artigo de Marlise Maria Giovanaz denominada *As Exposições Universais e seu impacto museológico: o caso da exposição do Centenário Farroupilha (2013)* e outro de Mara Cristina de Matos Rodrigues, *A Releitura do passado Farroupilha no*

² Os anos 1920 e 1930 foram marcados pela realização de eventos que discutiam a nacionalidade brasileira. Como exemplos mais evidentes, citamos a Exposição que marcou as comemorações do centenário da Independência do Brasil em 1922, no Rio de Janeiro, e a Semana de arte Moderna do mesmo ano, realizada em São Paulo. Ambas queriam indicar qual tipo de país o Brasil no campo político, cultural e social desejava ser no novo século que se anunciava.

IHGB (2013). A partir de suas diferentes abordagens, tentaremos entender a importância do evento para o Rio Grande do Sul nos anos 1930 e ainda como foram as disputas pelo discurso a ser mais aceito acerca da Revolução Farroupilha, mote daquela Exposição. Ainda utilizaremos os apontamentos de Maurice Halbwachs e Fernando Catroga no que tange à construção de memórias e ao comemoracionismo sempre alçados como elementos de suma importância quando se pretende criar uma identidade entre determinados entes de uma comunidade.

No quinto capítulo, vamos analisar publicações do mês de setembro de 1935 dos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*. Começaremos com um breve histórico desses dois veículos, além de descrever e analisar como noticiaram os fatos que precederam a Exposição do Centenário Farroupilha e a grande cobertura da abertura do evento. Notamos que com o passar dos dias, após a inauguração da Exposição, há uma diminuição no destaque dado a ela. Contudo, cabe observar como ambos funcionaram não só como noticiadores, mas também como grandes divulgadores da data comemorativa, publicando poemas alusivos aos grandes nomes Farroupilhas e ainda discursos de autoridades políticas que exaltavam o que chamavam de heróis. Percebe-se, então como a imprensa pode funcionar como construtora da memória e da identidade cultural.

Assim, esperamos contribuir para um melhor entendimento do que foi a Exposição do Centenário Farroupilha de 1935, entendendo esse evento como uma tentativa de elevar a Revolução Farroupilha como o mais importante capítulo da história do Rio Grande do Sul e também como um evento nacional e não apenas regional, fundando bases para a cristalização da ideia de um heroísmo farrapo e da construção de um estado que não nadaria mais a reboque de outros entes da Federação. Sem dúvida, uma virada na forma como o Rio Grande do Sul se via e gostaria de ser visto pelo restante do Brasil, agora presidido por um filho do seu solo: Getúlio Dornelles Vargas.

1 REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DO GAÚCHO

A imagem do habitante do Rio Grande do Sul no século XIX está intimamente ligada ao do valente defensor das fronteiras ao sul do território que antes da Independência em 1822 pertencera à Colônia Portuguesa e seria o limite ao sul do Império Brasileiro após o processo de Independência (anos 1820). Assim, em um contexto de guerras contra nossos vizinhos recém-independentes, os habitantes da província de São Pedro do Rio Grande do Sul eram acionados constantemente pelo Império como defensores da integridade territorial do jovem país. Sempre fiéis às designações do Império, sentiram-se traídos quando o preço do charque principal produto comercializado no mercado interno, foi sobretaxado frente ao seu similar platino, causando uma revolta por parte da principal classe econômica e política da região: os estancieiros. Outro motivo importante foi a perda do território da Cisplatina, onde vários brasileiros tinham propriedades, e o comércio também se beneficiava. E nesta guerra com o Uruguai a experiência e as reivindicações dos líderes militares rio-grandenses foram desconsideradas, ferindo o orgulho do povo local.

A Revolução Farroupilha (1835-1845) foi uma revolta regional que pleiteava uma maior justiça econômica, na visão do habitante da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, em relação às taxações sofridas pelo principal produto comercializado como o restante do Império, o charque. Um dos principais motivos para a Revolta foi a constante intervenção do poder central na nomeação do presidente da Província. Durante dez anos, os gaúchos, mais precisamente os estancieiros, lutaram contra o Império, sendo que em 1836, o General Neto proclamou a República Rio-grandense, embora sem a concordância do líder da revolta, o General Bento Gonçalves. Após algumas vitórias iniciais, os revoltosos precisaram mudar a capital de sua recente república, algo que prejudicava sua organização política. Em 1845, o Barão de Caxias assinava junto com o General Canabarro a Paz do Poncho Verde, que, entre outras decisões, perdoava os chefes da Revolta, libertava os escravos que lutaram na Revolução Farroupilha, reintegrava os militares às tropas do Império. Os gaúchos eram convencidos, porém não vencidos, dito que ficou famoso após a assinatura da paz com o governo Imperial.

Nesse contexto, nos propomos a entender e discutir como a Revolução Farroupilha, um capítulo singular da história e do Rio Grande do Sul, se posiciona como importante fator identitário dos gaúchos, contrapondo com a ideia desse mundo carente de referências sólidas,

como Zygmunt Bauman, caracteriza a grande maioria das sociedades ocidentais do século XXI, resultado da globalização e de uma maior mistura entre culturas nos territórios antes homogêneos culturalmente. Porém, não podemos entender essa manutenção identitárias dos gaúchos como algo natural, trata-se de um choque entre elementos de permanência e mudança, além de uma arena onde estão em jogo disputas simbólicas.

Cabe lembrar que as identidades estiveram em discussão, principalmente na Europa, no fim do século XX com a dissolução da União Soviética e Iugoslávia, países criados a partir de uniões onde pouco se levou em conta as características próprias de cada região que os formavam. No caso soviético, as repúblicas socialistas se uniram após as conquistas territoriais após a Revolução Russa, e a Iugoslávia foi o resultado da junção de povos eslavos após o fim da I Guerra Mundial. Assim, não podemos estranhar que com o fim desses dois estados, novos países surgiram ou voltaram a fazer parte do mapa europeu, demonstrando como a amálgama que unia diversos povos e etnias era algo sustentado não por questões culturais, mas sim por decisões político-militares.

Assim, vale revisitar o tema identidade que dá é o nome de um livro resultado da entrevista de Zygmunt Bauman. Ao tratar do assunto, o filósofo entende que “identidade” e “pertencimento” são sentimentos negociáveis e revogáveis. Não são elementos sólidos e imutáveis, ou seja, precisam ser reafirmados e até ressignificados constantemente:

(...) a “Identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusiva da identidade deve ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (BAUMAN, 2005, p.23-24).³

Outro estudioso do assunto, Stuart Hall (2004), afirma que alguns teóricos argumentam que o efeito geral desses processos globais culturais, que não respeitam mais os limites do território nacional como critério para definir características locais, tem sido o de enfraquecer ou solapar formas nacionais de identidade culturais. Hall e Bauman, por exemplo, argumentam que existem evidências de um afrouxamento de identificações com a cultura nacional, e um reforço de outros laços e lealdades culturais “acima” e “abaixo” do nível do Estado-nação.⁴

³ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Zygmunt Bauman. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. RJ. Ed. Jorge Zahar, 2005, pp.23-24.

⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p.42.

Ainda no intuito de delimitar o conceito de identidade, é importante recordar o apontamento desenvolvido por Manuel Castells (1992) ao classificar esse conceito como algo que organiza significados, onde significados são entendidos como identificações simbólicas produzidas por um ator social⁵. A partir de tal definição, podemos pensar a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha como um evento apropriado pelo poder público, já que ao ser institucionalizado, se torna a materialização de um discurso tornado oficial.

Já no entendimento de Jordan Jelić (2000), a identidade se constitui em uma reflexão e um diálogo no tempo e no espaço onde se desenvolve uma espécie de luta entre tradição e uma pretensa nova identidade. Contudo, Jelić (2000) levanta a hipótese de que, na verdade, o homem moderno precisa escolher entre as opções de identidade disponíveis em um determinado cenário social apresentado. Com a globalização, abrem-se diversas possibilidades, dentre as quais escolhemos a que mais nos parece fazer sentido.⁶

Assim, a identidade gaúcha, em nossa análise, se construiu a partir da escolha de um mito fundador que caracterizasse aquele habitante da região ao sul do território brasileiro e fronteiriço com os platinos. Entendemos a Revolução Farroupilha como esse “mito fundador” da sociedade gaúcha, valendo recuperar a visão de Eni Orlandi (2003) sobre o tema. Orlandi considera que discursos fundadores são aqueles que inventam um passado inequívoco e projetam um futuro que dão a impressão de estarmos dentro da história de um mundo conhecido: “diga ao povo que fico, quem for brasileiro que siga-me, *libertas quae sera tamen*, independência ou morte, em se plantando tudo se dá”.⁷ Como Orlandi mesmo diz em parágrafos posteriores: “O que vale é a versão que “ficou”⁸. Outra característica do mito fundador é o fato de criar uma nova tradição e a re-significação de fatos passados, desautorizando os sentidos anteriores e instalando outra filiação. No caso do Rio Grande do Sul, ou Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, seria como se aquele região não possuísse uma história até o momento. Nessa nova narrativa, a figura do gaúcho é construída durante a Revolução Farroupilha, conforme afirmam Leticia Freitas e Rosa Silveira:

⁵ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999 v.2 p.23.

⁶ JELIĆ, Jordan. *Sobre la identidad (Reflexiones e tesis)*. In: LEMOS, Maria Teresa Toríbio. MORAES, Nilson Alves de; LEIRA, Paulo André. *Memória e identidade: I Congresso Internacional de memória social e documento*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000, p.105.

⁷ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003, p.12.

⁸ Ibid.

A figura emblemática e mítica do gaúcho, cuja representação ainda hoje circula em diversos discursos e artefatos, teve sua constituição, sua invenção, forjada graças a inúmeras condições históricas que possibilitaram o seu surgimento, tendo sido apropriada pelo discurso literário, político, e é utilizada nos dias de hoje como símbolo de todas as pessoas nascidas no Rio Grande do Sul. Os discursos e dispositivos pedagógicos da escola, da mídia, e as comemorações e artefatos do nosso cotidiano, interpelam sujeitos, “convidando-os” a tornarem-se gaúchos e gaúchas de acordo com a representação contida nesta figura mítica. Associada a essa figura está a ideia de nação gaúcha, a qual obteve, durante o período da Revolução Farroupilha (1835-1845), uma concretude cuja visibilidade se estende até os dias de hoje. (FREITAS, 2004, p.267).⁹

Cabe ressaltar que a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, seja individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamental dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e nas angústias, como diz Le Goff¹⁰. Assim, a Revolução Farroupilha cabe sob medida como um episódio pretendido como de união dos gaúchos em torno de uma ideia ou ideal.

1.1 Revolução Farroupilha como mito fundador

Carla Menegat, no texto *A invenção dos ‘gaúchos*, publicado na *Revista de História da Biblioteca Nacional*,¹¹ seguindo os passos de Sandra Jatahy Pesavento e Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, indica que a identidade do gaúcho, antes da Revolução Farroupilha, estava ligada à imagem de um homem sem laços fixando-o em um determinado local. Ainda segundo Menegat (2012), apenas a partir da Revolução que envolveu parte do Rio Grande do Sul no século XIX, a identidade do gaúcho foi definitivamente ligada ao natural daquela região.

Em *Capitania d’el Rey. Aspectos da formação Rio-grandense*, Moysés Vellinho (1968) defende existir certo preconceito do restante do Brasil com o povo gaúcho, considerado por muitos como “um corpo estranho na federação brasileira”, com ligações mais

⁹ FREITAS, Letícia Fonseca Richtofen de Fretas e SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. *A figura do gaúcho e a identidade cultural Latino-Americana*. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br.p.267>. Acesso em: 01 jun.2018.

¹⁰ LE GOFF, Jacques. *História e memória. Tradução de Bernardo Leitão*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p. 476. Disponível em: <<http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>>. Acesso em 04 set. 2014.

¹¹ MENEGAT, Carla. *A invenção dos gaúchos*. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, n 86, p.76-79, nov. 2012.

estreitas com os platinos. Vellinho é contrário a essa afirmação que diz respeito à proximidade entre gaúchos e seus vizinhos.

Se as peculiaridades da vida rio-grandense não se originam de fatores naturais e culturais em estado de repouso, pois que esses fatores sofreram aqui longamente a ação tensa, estimulante das guerras e conflitos de fronteira, isso deve, antes mais nada, à nossa posição de constante vigilância sobre as demarcações da nacionalidade em seu ponto crítico por excelência. Tanto vale dizer, sob o ângulo histórico ou sociológico, que aquilo que nos diversifica e particulariza no amplo cenário nacional provém da nossa identidade política, isto é, da nossa própria condição de brasileiros. Nem houve aqui, dentro destas raias meridionais, gente de substância política diversa da que vinha constituindo a base comum das populações de outras partes do Brasil. O mesmo sangue, o mesmo legado cultural, as mesmas raízes. (VELLINHO, 1968, p.8).¹²

Sandra Jatahy Pesavento¹³ lembra que a Revolução Farroupilha é o acontecimento mais destacado da historiografia oficial do Rio Grande do Sul, sendo o responsável por inserir o estado na história do Brasil. Criticamente, Pesavento indica que a longa duração do conflito o transformou em uma epopeia, assim como a paz honrosa oferecida aos revoltosos. Pesavento ainda completa:

Para a historiografia tradicional, a Revolução Farroupilha tornou-se o símbolo do espírito de bravura do povo gaúcho e de suas “tendências libertárias”. Quanto aos principais vultos, converteram-se nos exemplos mais representativos da “raça” gaúcha, tais como a altivez, coragem e desprendimento.

Toadas essas idealizações se articulam dentro de uma visão global que vê na formação histórica sulina, a “democracia dos pampas”, na sociedade da campanha a “ausência de classes” e no gaúcho o “monarcadas coxilhas”, o “o centauro dos pampas”.

Este discurso, elaborado e difundido por historiadores do início do século, de tendência positivista-idealista teve uma função orgânica muito precisa: legitimar e dar coesão ao sistema de dominação vigente e à harmonia do grupo agrpecuaristana sociedade civil.

(...)Através da reelaboração do seu passado, os grupos dominantes buscavam fatos que os notabilizassem e desta forma justificassem seu domínio na sociedade.

Hoje, contudo, a partir de um novo enfoque – pretensamente mais “científico” e menos “emocional” – é possível analisar o acontecimento dentro de uma dimensão um pouco mais lúcida e crítica, visualizando-o no contexto histórico de sua época.: uma rebelião de senhores de terra e gado gaúchos contra a dominação que a oligarquia do centro do país, beneficiária da independência, buscava impor para as províncias da jovem monarquia brasileira. (PESAVENTO, 2003, p.8-9)¹⁴

¹² VELLINHO, Moysés. *Capitania d’El-Rei: Aspectos da formação Rio-Grandense*. Porto Alegre: Editora Globo, 1968, p.8.

¹³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

¹⁴ Ibid. p. 8-9.

Talvez possamos compreender essa transformação da Revolução Farroupilha em uma epopeia se entendermos a imagem dos gaúchos durante a primeira fase da República no Brasil, quando a oligarquia do sul estava alijada do poder. Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais dominavam a cena política brasileira até a chegada de Vargas ao poder em 1930. Assim, estaria evidente a motivação de nunca esquecer o valor daqueles combatentes Farrapos nos dez anos de duração do confronto. Nesse instante, mostramos como a Revolução atravessa os anos, sendo utilizada por diversos grupos políticos, de acordo com suas aspirações de poder.

O que se quer ressaltar, aqui, para aprofundar a reflexão sobre o lugar da Revolução Farroupilha e dos gaúchos no imaginário nacional, é o modo como a historiografia se apropria desses temas, fazendo com que a interpretação (ou explicação) sobre eles varie de acordo com as demandas presentes aos próprios estudos. Em certos casos, principalmente de figuras importantes para o Exército Farroupilha, suas biografias foram escritas com adjetivos elogiosos e até certo ponto exagerados pelos escritores que estudaram a Revolta, caso dos escritores Moyses Vellinho (1968) e Walter Spalding (1987). Ao ler algumas biografias¹⁵ de Bento Gonçalves e do general Antonio de Sousa Neto percebe-se claramente o objetivo de erguê-los como heróis da “Pátria Gaúcha”. Nesse sentido, Pesavento (2003) afirma que a reconstrução da figura de Bento Gonçalves com o *status* de herói insere-se em um antecedente da historiografia oficial, pautada pelo desejo de reconstituir o passado de forma idealista. Essa necessidade de criar heróis e mitos é muito marcante também nos momentos em que as obras sobre o assunto são escritas.

Enquanto que a historiografia tradicional exalta as virtudes militares e de caráter de Bento Gonçalves, obras mais recentes (Tau Golin, *Bento Gonçalves, o herói ladrão*) ou mesmo contemporâneas à época (*O diário de Antonio Vicente da Fontoura*) se incumbem de apresentá-lo sob uma outra faceta, não tão digna. Enquanto que a segunda obra repesneto o testemunho de um contemporâneo que entrou em atrito com o líder Farroupilha, guardando, portanto, a carga apaixonada de um desafeto, a primeira centraliza sua crítica nas atividades de contrabando de gado e usurpação de terras realizadas pelo líder Farroupilha. (PESAVENTO, 2003, p.48).¹⁶

Todavia, a possibilidade de uma cultura política diferenciada tem no episódio da Revolução Farroupilha seu primeiro capítulo, por se tratar de um episódio eminentemente de contestação do poder central, que, no momento da eclosão da revolta, era comandado por um poder provisório, em virtude da menoridade do Imperador D. Pedro II. Cabe aqui, explicar o

¹⁵ SPALDING, Walter. *Revolução Farroupilha*. Triunfo: Editora Petroquímica Triunfo S.A., 1987.

¹⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003, p. 48.

motivo pelo qual a Revolução Farroupilha insere-se na história do Rio Grande do Sul como um episódio da cultura política daquele Estado.

Na visão de René Rémond (2003), o político é uma construção abstrata como o econômico ou o social, é também a coisa mais concreta com que todos se deparam na vida, interferindo na atividade profissional ou se misturando na vida privada de cada indivíduo. Rémond (2003), ainda indica que o político não tem fronteiras naturais, dilatando-se ou retraindo-se dependendo das necessidades externas. Ou seja, as conjunturas política e histórica são preponderantes para o papel que a cultura política exercerá sobre um povo, sendo o político o ponto de confluência da maioria das atividades, fazendo parte do conjunto social de um povo.

No caso do episódio citado, essa herança política pode ser explicada pelo fato de o Rio Grande do Sul na história do Brasil ter ocupado nos séculos XIX e até 1930, com a chegada ao poder do representante da oligarquia gaúcha, Getúlio Vargas, um papel coadjuvante no cenário político e econômico brasileiro. A Lembrança da Revolução Farroupilha demonstrava certo orgulho regional de o Rio Grande do Sul ter se levantado contra o Império para lutar pelo o que julgava justo. Podemos observar nessa reação dos gaúchos, o que Rémond (2003), classifica como algo político, ou seja, aquilo que tem uma relação direta com o Estado e a sociedade global, não se reduzindo a isso, mas estendendo-se às coletividades territoriais.

Rémond (2003), afirma ser o político um ponto de convergência do que chama de “séries causais” e suas complexidades, tornando o fato difícil de decifrar. O acontecimento acaba por ser inesperado mudando o curso do mundo e fundando novas mentalidades, como, por exemplo, uma nova identidade gaúcha, após da Paz do Poncho Verde em 1845, quando na visão de grande parte dos gaúchos eles foram convencidos e não vencidos. Essa história política ainda é considerada elitista e biográfica, como no caso da Farroupilha que erigiu, como heróis, figuras importantes da contenda como Bento Gonçalves, o General Neto e outros estancieiros Farroupilhas, não dando tanto espaço para o povo, no caso, as pessoas sem posse, como os escravos, lanceiros importantes em tantas batalhas. René Rémond (2003) considera as ideias a expressão dos interesses dos grupos que se enfrentam, por exemplo, nesse caso, a nosso ver, as ideias dominantes dos estancieiros acabaram sendo entendidas como de um povo, o do Rio Grande do Sul.

Analisando a Revolução Farroupilha como um mito fundador da sociedade gaúcha, cabe resgatar os apontamentos do grande estudioso do assunto e dono de uma coleção de

documentos invejáveis que no futuro de tornaria parte de um acervo:¹⁷Um trabalho que aborda a importância de Alfredo Varela como figura preocupada em preservar os vestígios da Revolução Farroupilha é a dissertação de mestrado de Jaisson Oliveira da Silva (2010), denominada *A epopeia dos titãs do Pampa: historiografia e narrativa épica na História da Grande Revolução, de Alfredo Varela*.¹⁸Varela se distancia dos historiadores do início do século XX, que até então só utilizavam documentos disponíveis no Brasil e em 1915, escreve *Revoluções Cisplatinas*, sua primeira obra a tratar do conflito Farroupilha. Depois, em 1919, conclui *Duas Intrigas* e, em 1929, *Política Brasileira: Interna e Externa*. As três obras formariam a base de sua grande obra *História da grande revolução*, de 1933.¹⁹

1.2 Revisitando a Revolução Farroupilha

Tratando das relações políticas do século XIX, Pesavento (2003), indica como uma das causas da revolta contra o Governo Central o difícil relacionamento entre as duas partes. A começar pela força obtida pelos comerciantes de charque do extremo sul do Brasil ao final do período colonial e início do I Reinado. A força da pecuária sulista é descrita também por Celso Furtado.

Observada em conjunto, a economia brasileira se apresentava como uma constelação de sistemas em que alguns se articulavam entre si e outros permaneciam praticamente isolados. As articulações se operavam em torno de dois polos principais: as economias do açúcar e do ouro. Articulada ao núcleo açucareiro, se bem que de forma cada vez mais frouxa, estava a pecuária nordestina. Articulada ao núcleo mineiro estava a *hinterland* pecuária sulina, que se estendia de São Paulo ao Rio Grande. Esses dois sistemas, por seu lado, ligavam-se frouxamente através do rio São Francisco, cuja pecuária se beneficiava da meia distância a que se encontrava entre o Nordeste e o centro-sul para dirigir-se ao mercado que ocasionalmente apresentasse maiores vantagens.

¹⁷ Ainda tratando de Varela, vale visitar a Monografia de Conclusão de Curso de Bacharel em arquivologia pela faculdade de biblioteconomia e economia da supracitada Universidade, produzida por Ana Ines Arce, no ano de 2011 que trata da Coleção Varela, importante conjunto de documentos acerca do episódio que estudamos. ARCE, Ana Ines. *Os veredos restos da sublime geração Farroupilha, que andei a recolher de entre o pó das idades: uma história arquivística da coleção Varela*, 2011, 109 f. Monografia (graduação em arquivologia). Faculdade de Biblioteconomia e comunicação. Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

¹⁸ DA SILVA, Jaisson Oliveira. *A epopeia dos titãs do Pampa: historiografia e narrativa épica na História da Grande Revolução, de Alfredo Varela*, 2010, 200f. Dissertação (mestrado em história) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

¹⁹ Ibid. p. 27.

No Rio Grande do Sul coube o impulso dinâmico ao setor pecuário através de suas exportações para o mercado interno do país. Essas exportações; particularmente as de charque, que chegaram a constituir a metade das vendas totais do estado para os mercados interno e externo, no fim do século XIX, reintegraram a pecuária rio-grandense na economia brasileira. A região das colônias se beneficiou da expansão do mercado interno, seja diretamente, colocando alguns produtos de qualidade, como o vinho e a banha do porco, seja indiretamente, através da expansão urbana do estado, possibilitada pelo aumento de produtividade no setor pecuário. (FURTADO, 2005, p.84).²⁰

Caio Prado Junior²¹ explica que a organização econômica chamada por ele como definitiva e estável só se realizará após 1777, quando é assinado o Tratado de Santo Idelfonso, quando os espanhóis mantiveram a colônia e a região de Sete Povos das Missões, fazendo parte do Rio Grande do Sul e Uruguai. Já os portugueses, ficaram com o território da margem esquerda do Prata. Até aquele momento o gado se multiplicava graças às excelentes condições naturais, principalmente, o chamado gado vacum, sendo sua carne importante para alimentar soldados nas guerras locais.

A assinatura de uma trégua entre castelhanos e portugueses possibilita o surgimento de doações de sesmarias pelo governo português para garantir as fronteiras. Caio Prado Júnior (1945), complementa, nesse sentido, o pensamento de Celso Furtado (1959) ao explicar que o charque gaúcho veio a substituir o produto antes fornecido pelo Nordeste, agora em decadência. Segundo o economista, em 1793 a capitania exportava 13 mil arrobas de charque, pouco em relação aos 600 mil exportados no início do século XVII²².

Já Moacyr Flores (1973), recorda que, de 1730 a 1820, o trigo era o principal produto exportado pela capitania. Porém, a ferrugem destruiu os trigais e, em 1823, parou de ser plantado naquelas terras ao sul do, agora, Império do Brasil. Entendendo a economia do Rio Grande do Sul como complementar em relação ao restante do país, a situação de tensão seria algo previsível e, até certo ponto, inevitável caso a postura do Governo Central com a província não sofresse alteração. Isso significava parar de privilegiar o produto platino em detrimento do gaúcho, o qual sofria com taxas alfandegárias altas do sal importado, produto fundamental para a conservação da carne, além do próprio charque gaúcho ter seu preço mais alto no mercado interno.

²⁰ FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 32 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005, p. 84.

²¹ PRADO JR, Caio. *História Econômica do Brasil*, São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, p 96.

²² Ibid.

As correspondências dos governadores e presidentes da Província e a de particulares para a Côrte, repetem sempre e constantemente a mesmíssima cousa. O Rio grande está abandonado – o Rio Grande está sendo dilapidado pela corte, - ao Rio Grande procura-se até matar a indústria e o comércio com impostos exorbitantes, como aquele que pesava sobre o charque – 600 réis fortes por arroba – e, assim sobre os couros, sobre a erva mate, sobre tudo, enfim. (SPALDING, 1987, p.79).²³

De modo semelhante, Pesavento também avalia a tensão crescente entre província e Governo Central:

(...) Aos compradores de charque interessava um baixo preço de venda deste produto no mercado interno, o que obtinham através da imposição de baixas tarifas alfandegárias sobre o produto platino, que consegui assim se colocar em vantagem no mercado interno brasileiro. Entretanto, a política de redução dos impostos de importação não podia ser seguida de maneira uniforme pelo centro, pois com isso decresciam as rendas provenientes das alfândegas, base de sustentação da monarquia. Os detentores do poder central, com isso, optavam por uma política discriminatória: estabeleciam baixos impostos para a entrada do charque estrangeiro, mas gravavam com altas taxas de importação determinados insumos como o sal. Desta forma, o Rio Grande do Sul se via duplamente lesado, uma vez que o sal de constituía num artigo indispensável para a fabricação o charque. (PESAVENTO, 2003, p.40).²⁴

No campo militar, a perda da Cisplatina na guerra de 1828 também teve impacto na economia sulista, já que o gado platino era agora destinado aos chamados *saladeiros*²⁵ platinos. Além da perda econômica, a relação com o Império abalara-se com a derrota, abrindo espaço para o Governo Central utilizar da prerrogativa constitucional de nomear o presidente de Província para aquela região do país, fato que feria o sentimento de autonomia gaúcha. Paradoxalmente, a situação econômica da província parece ter se alterado, e para melhor, durante a Revolução Farroupilha. Em *Notas para a história da Revolução Farroupilha*²⁶, Moacyr Flores ao analisar o estudo de Euletério Antônio Camargo em *Quadros Estatísticos e Geográficos da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul* (1868), que pretende mostrar o comportamento econômico da região durante os anos, demonstra que a separação da província do restante do Brasil diminui a evasão de riquezas que outrora eram destinadas ao Governo Central. Uma das conclusões a que chega era a de que houve um

²³ SPALDING, Walter. *Revolução Farroupilha*. Triunfo: Editora Petroquímica Triunfo S.A., 1987, p.79.

²⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003, p. 40.

²⁵ “Paralelamente ao florescimento das charqueadas gaúchas, surgiram estabelecimentos similares no Prata – os *saladeiros* – que passaram a disputar com o produto rio-grandense o abastecimento do mercado interno brasileiro, além de controlarem o fornecimento para Cuba.” PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003, p. 33.

²⁶ FLORES, Moacyr. *Notas para a história da Revolução Farroupilha: Relatório ao cônsul da Sardenha por Antônio de Freitas Barreto Queirós*. Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1973.

aumento na exportação durante o governo Farroupilha ou uma melhor fiscalização dos impostos pagos²⁷. Esses dados podem ser um indicador importante para explicar a longevidade do conflito. Afinal de contas, era necessário sustentar um exército numeroso e as famílias dos revoltosos durante o tempo dos embates. A pecuária, dessa forma, converte-se em elemento de grande importância para a manutenção do projeto revolucionário. Evidentemente que tal recurso não duraria muito tempo, ainda mais quando se tem contra si um inimigo tão poderoso quanto às forças de um império.

Como Walter Spalding (1963) afirma no início de sua obra, a revolta da capitania do Rio Grande do Sul contra o Governo Central teve caráter totalmente reivindicatório, não tendo o cunho separatista atribuído por muitos. Como uma província preponderantemente responsável pela defesa do extremo sul do Brasil das forças estrangeiras, o Rio Grande do Sul e o seu povo ficaram extremamente ofendidos quando a chefia das forças da Guerra da Cisplatina (1825-1828) foi entregue ao Marquês de Barbacena, com poucas características guerreiras e, principalmente, um não filho da província. A mesma visão tem Moacyr Flores (1973), que examinou as proclamações dos Farroupilhas e, também, entende ser a revolta reivindicatória. Apoiando-se nessa afirmativa, principalmente ao verificar a carta do representante da Província escolhido pelos naturais para substituir Rodrigues Fernandes Braga: na missiva, Dr. Marciano Pereira Ribeiro dava “Vivas à integridade do Império, à União Brasileira, ao senhor Pedro II, Imperador Constitucional do Brasil”.²⁸

Coube a Bento Gonçalves, futuro líder da revolução, a retirada das tropas até a região de Cacequi após a derrota, atribuída a inabilidade do Marquês de Barbacena ao comandar as tropas contra os guerreiros vizinhos. Assis Brasil, em *História da República rio-grandense*, publicado em 1882, é contundente em sua análise e atribui a derrota ao Marquês:

Um desses militares incapazes, estranhos à província. O Marques de Barbacena, enviado para dirigir a guerra de 1825 desferiu sobre o coração rio-grandense o golpe que mais devia doer num povo se se supunha invencível. Arriscando sem critério, sem método a batalha de Ituzaingo, contra forças superiores pelo ilustre Carlos

²⁷ Em 1935-36 foram arrecadados pelo Império 63.878\$000 e pelos revolucionários 878.400\$000; de 1837 a 1846 passou a haver superávit do tesouro da província, que também estava sendo sangrada pela arrecadação do fisco e requisições do governo Farroupilha. De onde se conclui que a província não estava na miséria ou então o fisco passou a funcionar melhor. Euletério Antônio Camargo, em Quadros Estatísticos e Geográficos da Província de São. Pedro do Rio Grande do Sul (1868) demonstra um aumento na exportação anual de couro e charque, sebo, graxa, vacuns e cavaleiros no período de 1837 a 1844. *Ibid*, p. 69-70.

²⁸ FLORES, Moacyr. *Notas para a história da Revolução Farroupilha: Relatório ao cônsul da Sardenha por Antônio de Freitas Barreto Queirós*. Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1973.

Alvear, - teve resultado a mais desastrosa derrota, que jamais haviam sofrido ali as armas brasileiras. (BRASIL, 1882, p.40-41).²⁹

A consequente dispersão das tropas comandada por Bento Gonçalves foi uma espécie de vingança, na visão de Spalding (1963) pelo fato de o comandante das tropas, o Marquês de Barbacena, não ser um cidadão do Rio Grande do Sul, como citado anteriormente. Apesar da fuga, o historiador entende a derrota sofrida no campo de batalha como algo não esquecido pelos membros da sociedade rio-grandense.³⁰ Esse episódio foi apenas um dos capítulos das hostilidades entre Governo Central e a província. Como citado anteriormente, a questão econômica, e agora a militar exacerbavam os sentimentos contra o Império na região. O estopim para revolta de 20 de setembro de 1835 teve o cunho político, como último elemento necessário para a eclosão da Guerra que duraria 10 anos.

De acordo com Moacyr Flores em *Notas para a História da Revolução Farroupilha*, a Guerra da Cisplatina aumentou as despesas da Coroa Portuguesa, não lhe restando alternativa senão ceder e aceitar a paz e a independência da Cisplatina em 28 de agosto de 1828. Tal fato, porém, não impediu que a popularidade de Pedro I diminuísse ainda mais no Rio Grande do Sul.³¹ Após abdicar em 7 de abril de 1831, o Brasil passa a ser governado pela regência trina e depois una, com o padre Diogo Antônio Feijó à frente, em 1835. Antes, em 1834, no ato adicional de 12 de agosto, às províncias foi concedida maior autonomia, inclusive, dando poderes as Assembleias votarem leis de cunho civil, judiciário e por utilidades públicas. No Rio Grande do Sul é importante ressaltar que já nesse momento, o grupo Farroupilha era a maioria na Casa, sendo constituído, primordialmente, por liberais, republicanos e revolucionários.

Para entender a situação política da província, precisamos regressar ao ano de 1833, quando ela passou a ser governada por Manoel Antonio Galvão, que não teria feito um bom governo no entender dos liberais, os quais o acusaram de pender para o “lado” do chamado partido português, conhecidos por ideias consideradas conservadoras. Quem o substituiu é José Mariani, segundo Vellinho, um nome não aceito pelos líderes políticos da província que preferiam Rodrigues Fernandes Braga.

²⁹ BRASIL, Assis. *História da República Rio Grandense*. Vol.1. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Leuzinger & Filhos, 1882, p. 40-41.

³⁰ SPALDING, Walter. *Revolução Farroupilha*. Triunfo: Petroquímica Triunfo S.A., 1987.

³¹ Ibid.

O presidente Mariani compreendeu o quanto era poderosa a facção liberal e quanto seria imprudente resistir-lhe por mais tempo. Tratou, pois de retratar-se do primeiro procedimento e, no discurso que dirigiu ao conselho provincial, no dia de sua abertura, 1º de dezembro, declarava que a Sociedade Militar não mais se organizaria, por haverem seus membros reconhecidos que seria prejudicial à ordem pública. (VELLINHO, 1968, p.60)³².

Bento Gonçalves defendeu a nomeação de Rodrigues Fernandes Braga na corte do Rio de Janeiro, fato ocorrido a partir do decreto de 14 de fevereiro de 1834 e a posse no dia 2 de maio do mesmo ano. A posse parecia apaziguar os ânimos de rio-grandenses e do Império. Presidente e liberais se entendiam e respeitavam as ideias de ambos os lados de maneira cordial. Assis Brasil considera Braga como um apaziguador e harmonizador, fator que irritava os exaltados desejosos pelo desaparecimento dos retrógrados.

Os dois partidos se digladiavam na imprensa e após a notícia de que algumas medidas liberais eram aprovadas em 1834 (Atos Adicionais), confrontos armados tomaram conta das ruas de Porto Alegre. O presidente Braga apoiou-se, então, na figura de Bento Gonçalves para acalmar os ânimos, utilizando a grande popularidade do militar que viria se destacar, depois, na Revolução. O objetivo foi atingido e tudo voltou à normalidade em poucos dias, apesar de alguns focos de agitação em outras localidades da província.

Contudo, o presidente Braga parecia não ter uma visão clara da situação da província e acusou alguns de seus membros de serem separatistas e de estarem mancomunados com os caudilhos argentino e uruguaio, desejosos de anexar a Província do Rio Grande a suas repúblicas.

E assim, agitada, tempestuosa, continuou a vida da província até a abertura da Assembleia que se verificou a 20 de abril de 1835 (...) Entretanto, foi nela, justamente, que maior incremento teve a rebeldia, por culpa exclusiva do presidente Rodrigues Braga que na sua fala de abertura repeliu as denúncias que havia mandado para a Côrte sobre o conluio que lhe disseram existir entre chefes liberais e estrangeiros, uruguaio e argentinos, para entregar o Rio Grande do Sul àquelas nações. (SPALDING, 1963, p.63).³³

Apesar de não conter provas relevantes sobre a possibilidade de um movimento separatista, a ideia de um conluio para que a província do Rio Grande se desligasse do Império brasileiro foi sentida como uma ameaça real pelos brasileiros de então e, de certa forma, se mantém ainda viva no imaginário nacional. Não é incomum considerar o povo

³² VELLINHO, Moysés. *Capitania d'El-Rei: Aspectos da formação Rio-Grandense*. Porto Alegre: Editora Globo, 1968, p.60.

³³ SPALDING, Walter. *A epopeia Farroupilha*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do exército, 1963, p. 93.

gaúcho como mais parecido com os vizinhos argentinos e uruguaios do que com os brasileiros. Para Moysés Vellinho, a criação da representação de um povo gaúcho ligado aos castelhanos no imaginário popular deve-se há presença de alguns pontos de contato entre os “tipos sociais” gaúcho e rio-grandense e platino, mas tais aproximações se restringem a semelhanças quanto à atividade do pastoreio. Para o autor, ambos seriam ao mesmo tempo inimigos atuando nos dois lados da fronteira.³⁴

Cotejando Vellinho e Assis Brasil, é possível verificar que os dois consideram uma injustiça as declarações do Rodrigues Fernandes Braga. Assis Brasil entende que o depoimento do presidente configurou, além de um erro político, uma injustiça. Segundo ele, os revolucionários jamais pensaram, antes do conflito, em separação do Brasil, querendo apenas a paz e estabelecer a federação no país. Vellinho vai mais longe e considera que o Rio Grande do Sul nunca se sentiu desgarrado do corpo nacional, sendo impossível tirar do coração dos Farrapos a condição de brasileiros.

O Presidente da Província ainda tomaria outras medidas impopulares. Decidiu, por exemplo, suspender os vereadores de Porto Alegre provenientes do partido dos exaltados. O Comandante de Armas da Província, Sebastião Barreto Pereira Pinto por sua vez, ordenou a prisão de Bento Manoel e David Canabarro companheiros de Bento Gonçalves e membros da elite de estancieiros da província, no encerramento dos trabalhos da Assembleia provincial, em 19 de junho de 1835, sendo esse o estopim de toda a crise política que tomaria conta do Rio Grande. A pretensa conspiração foi declarada extinta, não sem antes ser denunciada e tornado público um plano secreto. Tal decisão instaurou de vez o desejo de revolta na província.

Em 19 de setembro, já eram visíveis em toda Porto Alegre os movimentos de uma possível revolta contra o Governo Central. Ao perceber a situação delicada na qual se encontrava, Rodrigues Fernandes Braga tentou se proteger com pedidos de atenção aos Juizes de Paz e chefes da polícia de Porto Alegre. Todavia, as medidas não surtiram efeito e em 20 de setembro, os Farroupilhas entraram na capital da província, com Bento Gonçalves fazendo o mesmo no dia seguinte. No interior, a situação na era diferente, exceto as regiões do Rio Grande e São José do Norte, ainda fiéis a Braga.

O novo presidente da província seria o José de Araújo Ribeiro, que iria tomar posse em dezembro daquele mesmo ano de 1835. Porém a desconfiança das intenções do novo presidente adiou para janeiro o ato solene. A traição de Araújo Ribeiro ocorre quando decide,

³⁴ VELLINHO, Moysés. *Capitania d'El-Rei: Aspectos da formação Rio-Grandense*. Porto Alegre: Editora Globo, 1968.

ao lado de Bento Manoel, tomar posse perante a Câmara Municipal de Rio Grande, no dia 15 de janeiro de 1836, e não vai a Porto Alegre para realizar o mesmo ato. Os dois, antes Farroupilhas, trocaram de lado, e agora, instigavam outras regiões do Rio Grande do Sul a pegar em armas contra os revoltosos.

Essa guerra levaria dez anos para ter um desfecho. Nesse ínterim uma república foi proclamada e a possibilidade da abolição da escravatura em terras do Rio Grande entraria na pauta de discussão dos Farrapos. Não sendo nosso objetivo analisar as fases dessa revolta e sim entender sua herança para a construção de uma cultura política daquele estado, consideramos relevante, entretanto, compreender a proclamação da República no Campo de Seival.

Assim, vale retrocedermos ao ano de 1836 que marca um momento no qual os Farroupilhas começam a perceber que um entendimento com o governo regencial era algo impraticável. Assim, a República Rio-Grandense foi proclamada no dia 12 de setembro de 1836, pelo General Antonio de Souza Neto, na margem esquerda do Rio Jaguarão, ao fim da batalha do Seival. Ao que tudo indica, Bento Gonçalves não era republicano e não concordaria com a atitude do General Souza Neto, porém estava preso e não opinou. Na visão de Assis Brasil, os reforços contínuos e as armas que chegavam do Rio de Janeiro aumentavam o ódio disseminado de ambos os lados, sendo o objetivo dos legalistas acabar com “aqueles revoltosos”, ficando, ainda de acordo com Assis Brasil, “em segundo plano o amor à Pátria.³⁵ Por sua vez, os revolucionários reafirmavam, cada vez mais, a incompatibilidade entre o regime vigente e a necessidade de liberdade e autonomia da província. Porém, enfatizando sua interpretação contrária à visão separatista, o mesmo autor indica ainda que o desligamento do Império do Brasil não acabaria com o “sentimento de amor aos irmãos brasileiros”. Circulava, então, inclusive, a ideia de aceitar outras províncias para se formar uma unidade administrativa livre.

Bento Gonçalves, ao voltar da prisão evidenciou a todos seu pensamento de que a república não significava a independência absoluta, nem o isolamento do império. O chefe Farroupilha desejava a federação, ideia mais disseminada entre os liberais gaúchos. A ideia seria de tornar o Rio Grande do Sul a cabeça dessa federação, unindo outras províncias em torno de seus ideais. Com uma bandeira, hino e ideias próprios, os Farroupilhas lutaram por dez anos pelo o que acreditavam ser o mais correto. Sentiam-se subjulgados e desprezados pelo governo imperial. Contudo, devemos entender a Revolução Farroupilha como uma

³⁵ BRASIL, Assis. *História da República Rio Grandense*. Vol.1. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Leuzinger & Filhos, 1882.

Revolta vinda de cima para baixo, onde os estancieiros eram os mais interessados em sair vitoriosos, pois seus negócios sofriam os impactos negativos das decisões da corte.

Entretanto, para compreendermos como a ideia de ser gaúcho foi construída desde o século XVIII e passou por mudanças após a Revolução Farroupilha, sendo modificada após a Guerra do Paraguai (1864-1870), precisamos recuperar alguns apontamentos de estudiosos interessados em entender a construção dessa identidade.

2 GAÚCHO: CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS

Ao considerar a identidade como algo construído através do tempo e por diversos fatores, nada mais cabível do que realizar um panorama historiográfico das concepções que pretendem entender a formação do povo gaúcho, através do olhar de diversos estudiosos. Porém, para compreendermos como a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha foi uma tentativa de consolidação do discurso pró-Farrapos e construtor de uma identidade gaúcha mais ligada à brasilidade, necessitamos tratar da historiografia sobre o assunto.

Retrocedemos ao século XIX, a Saint-Hilaire (1779-1853), viajante francês que procurou entender e descrever o território brasileiro entre 1816 e 1822. O estudioso europeu apontou o fator geográfico como característico do habitante da região sul do Brasil, que se encontraria, na sua visão, à margem da sociedade da qual fazia parte. Seria um grande soldado, rude e grosseiro. Visão um pouco diferente possuía Nicolau Dreys, outro viajante francês da mesma época, que considerava o gaúcho não como um pilhador, mas como um trabalhador das estâncias ou de charqueadas, porém um marginal.³⁶ Contudo, ambos não consideram o gaúcho como símbolo da sociedade rio-grandense.³⁷

Tratando ainda do século XIX, vale utilizar os apontamentos de Eduardo Scheidt³⁸ (2002), autor de um histórico das abordagens acerca do tema, constituindo-se em um bom guia para quem busca entender as guinadas sofridas pelo discurso acerca da Revolução Farroupilha no século XIX. Scheidt indica, em seu estudo, que os primeiros escritos sobre a revolta apareceram na primeira metade do século XIX, ainda durante o movimento rio-grandense. A relativa proximidade com o assunto propiciou que a memória de pessoas envolvidas no episódio, ambas legalistas e antifarroupilhas, fossem a principal ferramenta para a produção dos textos. Os pioneiros eram João da Cunha Lobo Barreto (1838?)³⁹ e Rodrigo Pontes (1844) que em seus escritos, de uma maneira geral, chamavam os Farroupilhas de “agitadores”, “desordeiros” e “utopistas”, além de acusar os gaúchos de

³⁶ ALBECHE, Daysi Lange. *Imagens do Gaúcho. História e mitificação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 34.

³⁷ Ibid. p. 35.

³⁸ SCHEIDT, Eduardo. *O processo de construção da memória da Revolução Farroupilha*. Revista de História. (Revista do Departamento de História da Universidade de São Paulo), São Paulo, n.º 147, p.189-209. São Paulo: USP, 2002.

³⁹ A data é informada como provável por Eduardo Scheidt. Ibid. p. 192.

serem influenciados por líderes uruguaios desejosos de anexar o Rio Grande do Sul ao seu território.

Outra estudiosa do assunto a mergulhar na discussão historiográfica sobre a Revolução Farroupilha no século XIX foi Mara Cristina de Matos Rodrigues⁴⁰ que analisa primordialmente a polêmica que envolveu Tristão de Alencar Araripe e Assis Brasil, sendo o primeiro um escritor legalista e o outro um político, fundador do partido Libertador, defensor da causa dos Farrapos. Em síntese, o texto trata do ponto de vista divergente dos dois escritores, a saber que Araripe não considerava o movimento como movido por questões referentes a interesses gerais da Província, e sim, causas ligadas aos “caudilhos”, como Araripe designava os estancieiros e Brasil. O próprio Araripe entendia a revolução como episódio decorrente da contradição entre o caráter centralizador do Império e os habitantes da província, que se julgavam relegados a segundo plano pelo Governo Central. Ao tratar do ideário republicano, Araripe, segundo Rodrigues, entende esse viés adotado pelos revoltosos como fruto do encontro com os italianos, afeitos a esse tipo de pensamento, e exemplifica o imigrante carbonário Tito Lívio Zambeccari como principal porta-voz do ideário. Por outro lado, Assis Brasil afirma que o republicanismo foi o “diretor mental” da Revolta. Rodrigues indica o escritor Souza Docca como reabilitador dos líderes da Revolta. Docca teria bebido na fonte de Araripe, já que em seu texto de 1921, Docca aponta os Farrapos como não-separatistas e não-republicanos, inicialmente. Porém, os dois se afastam quando Araripe trata os cabeças da rebelião como caudilhos e Docca como patriotas.

Tratando de nosso objeto de estudo, a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha e sua função como reabilitadora dos líderes da revolta, entendemos ser a visão de Docca mais simpática aos organizadores do evento. Nos jornais estudados, os Farroupilhas são caracterizados como combatentes do Rio Grande do Sul contra essa centralização política e econômica do Império do Brasil frente à província, com o IHGB tendo grande importância na discussão da Revolta.

Com o intuito de oferecer uma visão de brasilidade às causas separatistas, o historiador Aurélio Porto atua nos anos 1930, como defensor incontestado da causa gaúcho, assim como o outro historiador Dante Laytano que também segue a tese de que o separatismo não era o principal objetivo do movimento. Assim como Walter Spalding, em seu livro intitulado *A*

⁴⁰ RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *A Releitura do passado Farroupilha no IHGB (1921-1935): memória republicana e legitimidades intelectuais*. Revista Tempo vol.19 no. 35, p.161-183, Niterói/jul-dez. 2013.

Revolução Farrroupilha, afirma que o movimento rio-grandense não foi nem separatista nem republicano e sim federalista a procura de outras províncias para levar a frente tal projeto.

Analisando ainda os anos 1930, momento da realização da Exposição, percebemos que esse período representou uma mudança no cenário político brasileiro. Getúlio Vargas subira ao poder em 1930 e procurou centralizar seu poder em torno de sua figura. Um gaúcho na presidência da República seria a situação ideal para que a Revolução Farrroupilha fosse recuperada na memória dos gaúchos. Porém, agora, o discurso seria que o embate entre Farrapos e legalistas estava inserido no contexto de uma luta patriótica por parte dos gaúchos.

No campo teórico, em 1932, após a vitória do gaúcho Getúlio Vargas contra os revoltosos constitucionalistas, Souza Docca precisou manobrar o conceito de “revolução” indicando o caráter federativo da revolta e não separatista. O discurso histórico, nesse caso, era manobrado a partir de interesses do presente para a construção da memória dos gaúchos. Nesse sentido, como mesmo indica Rodrigues, o IHGB foi um dos grandes mentores da reabilitação dos Farrapos.⁴¹

⁴¹ “Mas se os chefes Farrapos não tinham sido verdadeiramente republicanos, nem separatistas, o que levava o general Netto a proclamar a República Piratini? Como se explicavam as relações tão próximas entre os Farrroupilhas e importantes caudilhos do Prata, como Lavalleja e Fructuoso Rivera? A despeito da volubilidade atribuída a Bento Gonçalves, a maior responsabilidade sobre as contradições do movimento recaiu sobre os agitadores republicanos e, secundariamente, sobre o povo. Para Docca, os primeiros teriam impulsionado a situação para o lado da República e da separação, já que sua ação “calou profundamente no espírito do povo, sempre predisposto para revoltas e arruaças, e em consequência disso pode-se dizer que quase todo o Rio Grande do Sul se levantou para a revolução, em vinte de setembro, como um só homem”.⁴⁵ Esses agitadores provinham sobretudo de outras províncias brasileiras e do estrangeiro. Eram os carbonários italianos, como Tito Lívio Zambeccari e Giuseppe Garibaldi, e outros insufladores provindos dos países platinos. Sendo assim, a República não seria resultado de uma força natural e irresistível, como afirmara Assis Brasil, mas obra de forças exteriores ao caráter da província, muitas vezes maliciosas. Essa interpretação dos fatos seria revista por Souza Docca nos anos posteriores, seja por estar mais ambientado e menos receoso na imponente casa da história nacional, seja por ter aprofundado seu conhecimento sobre o processo dos Farrapos ou ainda por ter percebido a necessidade de inserir o Rio Grande do Sul na memória republicana nacional. Entretanto, o que se tinha em 1921 era um sul-rio-grandense proclamando em conferência no IHGB que Bento Gonçalves era um chefe bem intencionado, mas volúvel e influenciável;⁴⁶ que a República não era uma força atávica no Rio Grande, já que ela vingara por obra dos republicanos de outras províncias brasileiras e do estrangeiro que haviam trazido suas más influências aos Farrapos; por fim, o povo gaúcho era afeito à violência e à desordem. Talvez a versão de Araripe, no conjunto, fosse menos desairosa aos sul-rio-grandenses do que essa. Salvavam-se, contudo, as quatro grandes lideranças Farrroupilhas — os dois Bentos, Canabarro e Netto — da pecha de caudilhismo e separatismo sendo-lhes atribuído o epíteto de “centauros”, veiculado na literatura local desde o século XIX para caracterizar genericamente o povo sul-rio-grandense. Contudo, de forma significativa, a herança gloriosa dos Farrapos foi logo estendida àquele que os representara em uma narrativa histórica. Após a conferência de Souza Docca, Ramiz Galvão, como orador do IHGB, fez a saudação de praxe encerrando-a da seguinte forma: “Com estas palavras, unidas de amor e frementes de entusiasmo, que fizeram o fecho da vossa bela oração aplaudida pelo Instituto, com essas mesmas eu quero terminar esta sincera saudação que em nome dele vos dirijo. Sois um valoroso irmão dos Centauros: haveis de ser aqui ao nosso lado, um valoroso, um extremo batalhador pela Verdade e pela Justiça da História. Os heróis do passado reviviam no historiador do presente. Os caudilhos eram reabilitados ao mesmo tempo em que os sul-rio-grandenses ingressavam na sua era historiográfica. A mediação de Souza Docca se via legitimada pela noção de patriotismo e pelo estabelecimento da continuidade entre o passado e presente.” Ibid, pp.173-175.

Em 1933, *A História da grande revolução*, de Alfredo Varela, se tornou um marco na discussão sobre o caráter separatista ou não da Revolução. Varela fazia parte do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), mas por defender a tese de separatismo como característica da Revolução foi alijado do Instituto, pois o Instituto pretendia reafirmar, a partir da década de 1920, uma visão dos Farrapos como nacionalistas. O rival intelectual de Varela foi Souza Docca, grande artífice da criação de um discurso nacionalista e de características não platinas dos Farrapos e, conseqüentemente, um opositor às ideias de Varela. Outro aspecto destacado por Varela na formação de um dito povo guerreiro está a participação ativa dos gaúchos na Guerra da Cisplatina (1825-1828). Acrescente-se a esse fato que os habitantes do Rio Grande do Sul eram vizinhos próximos das recém-independentes repúblicas sul-americanas, de caráter liberal. No campo simbólico, Alfredo Varela compara o General Bento Gonçalves, líder dos Farrapos, a Prometeu (Deus grego do fogo) e Giuseppe Garibaldi é descrito como um bravo herói que navegou de forma aventureira pelas águas do sul.⁴²

A Coleção Varela, importante conjunto de documentos acerca do episódio⁴³ foi preponderante para o embasamento teórico para a realização das comemorações do Centenário Farroupilha em 1935. O evento foi o pretexto para a compilação dos documentos em seis volumes, um trabalho, publicado em 1933, em conjunto com o governo do estado do Rio Grande do Sul e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS). Em suas páginas, Varela defendia o separatismo farrapo e a origem platina do gaúcho, ideias até então não muito defendidas por outros estudiosos do assunto, inclusive a visão disseminada pelo governo Vargas.⁴⁴ Tal fato parece ser incongruente com os desejos dos organizadores da Exposição, porém, percebe-se que os representantes do poder executivo e do IHGRGS não tinham ideia do que Varela publicaria a obra ressaltando a vertente separatista dos Farrapos.

Ainda sobre a discussão sobre o caráter nacionalismo ou não da Revolução Farroupilha, Moyses Vellinho (1968) entendia que as agitações platinas não podiam contaminar o que chamou de ímpeto revolucionário dos Farrapos⁴⁵, sendo um defensor

⁴² Ibid. p. 130.

⁴³ ARCE, Ana Ines. *Os verendos restos da sublime geração Farroupilha, que andei a recolher de entre o pó das idades: uma história arquivística da coleção Varela*, 2011, 109 f. Monografia (graduação em arquivologia). Faculdade de Biblioteconomia e comunicação. Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

⁴⁴ Ibid. p. 14.

⁴⁵ VELLINHO, Moyses. *Capitania d'El-Rei: Aspectos da formação Rio-Grandense*: Porto Alegre. Editora Globo, 1968, p. 186.

ferrenho do caráter nacionalista da Revolução Farroupilha ao afirmar que os habitantes do Rio Grande do Sul foram durante séculos os defensores das fronteiras ao sul do país o credenciam como brasileiros legítimos, afastando qualquer possibilidade de uma possível contaminação dos ideais Farroupilhas pelas contendidas de poder das repúblicas vizinhas. Ainda afirmava haver diferenças entre os tipos sociais gaúchos rio-grandenses e o gaúcho platino, mesmo desenvolvendo ações de pastoreio análogas. O cerne da afirmação de Vellino está no fato de os gaúchos brasileiros serem uma mistura entre portugueses e índios, já o gaúcho, do outro lado da fronteira, não admitiria nenhuma descendência mestiça.

Moysés Vellino entende ser natural ao brasileiro do extremo sul uma fidedignidade à herança guerreira, sendo um vigilante, um guardião, e por isso, extremamente patriótico, sem prejudicar a cordialidade com argentinos e uruguaios. Ele também busca tal vínculo do gaúcho com os Farroupilhas.

Uma coisa, sem efeito, nunca foi possível erradicar do coração dos Farrapos: o sentimento de sua condição de brasileiro, condição tão marcada pela presença de uma fronteira que havia cem anos vinha sendo asperamente disputada palmo a palmo. (VELLINHO, 1968, p.187)⁴⁶

Em toda sua obra, Vellino (1968) afirma que a capitania de Rio Grande de São Pedro foi produto de um esforço do governo lusitano de manter as fronteiras do Império Brasileiro intactas. O autor defende claramente a tese de que os Sete Povos das Missões, por exemplo, não fazem parte da história do Rio Grande do Sul, por terem pertencido aos domínios espanhóis até as Guerras Guaraníticas⁴⁷ e ainda assinala que no momento de anexação da região dos Sete Povos ao Império português, as missões jesuítas já estavam totalmente desmanteladas, fato que confirma, na visão do escritor, a falta de qualquer identidade entre índios missionários e a formação do estado do Rio Grande do Sul.

Certo desconhecimento dos hábitos dos gaúchos, já no século XX, tornava o habitante do Rio Grande do Sul como um ser estranho à nação brasileira. Isso se deve ao fato de o imaginário popular de grande parte da população brasileira enxergar o gaúcho como um apartado do Brasil, com costumes, clima e história próprios. De acordo com Vellino (1968),

⁴⁶ VELLINHO, Moysés. *Capitania d'El-Rei: Aspectos da formação Rio-Grandense*. Porto Alegre. Editora Globo, 1968, p. 187.

⁴⁷. “Sim, os Sete Povos, primeiro sob os padres, depois sob o comando militar, nunca foram antes de 1801, senão uma parcela do domínio espanhol, pois o Tratado de Madrid não chegou a ser cumprido. É por isso que a história que deles se conta, sempre voltadas suas armas contra os fundadores do Continente, não pode constituir um capítulo integrante da história, rio-grandense, senão por artes de uma beata ou tendenciosa falsificação interpretativa”. Ibid. p. 84.

um poeta nordestino ao sair de sua província, já no século XX, entendia que 80% da população gaúcha falavam castelhano, como afirma em uma passagem.

O certo é que estranha revelação passou em silêncio, e os rio-grandenses continuam sendo, para todos os efeitos, os castelhanos do Brasil! Por estas e outras é confessava, não há muito tempo, um patricio do Nordeste que quando saiu de sua província em demanda do Rio Grande, estava convencido de que ia se defrontar aqui com uma população da qual menos 80% só se entendesse em espanhol! Quem assim pensava era portador de um título universitário! (VELLINHO, 1968, p.11).⁴⁸

A partir da década de 1970, podemos enumerar uma série de autores que revisitaram o assunto sendo importante destacar: Moacyr Flores (1978), Spencer Leitman (1979), Helga Piccolo (décadas de 1980 e 1990), Sandra Jatahy Pesavento (1993), José Plínio Fachel (1994), Daysi Lange Albeche (1996) e César Augusto Guazzelli (1997). Cada escritor a sua maneira procurou defender um ponto de vista específico sobre a Revolução. Analisando esse período, Sandra Jatahy Pesavento⁴⁹ indica o século XIX como o momento em que homens heroicos, rudes e bravos defenderam essa fronteira. Essa linha imaginária que separara dois territórios é mais que um ato jurídico de divisão político-administrativa, trata-se de um produto histórico resultante de uma força de conflito.⁵⁰ Para Pesavento, o gaúcho é um homem do campo, sendo que em cima de tal imagem se constrói um estereótipo do estancieiro e do peão, unidos e formando juntos o grupo denominado de “gaúchos”, exatamente no momento em que as fronteiras do Brasil precisavam ser protegidas contra a invasão das recém-formadas repúblicas platinas (século XIX).⁵¹ Esses elementos da sociedade brasileira seriam homens ligados à liberdade e fraternos, e como bem lembra Pesavento, tendo o hábito de tomar chimarrão na mesma cuia e cachaça na mesma guampa⁵², sendo o gaúcho moderno preso às raízes e considera o endosso a essa história heroica como uma forma de disseminar hábitos e costumes dos habitantes do Rio Grande do Sul.⁵³

⁴⁸ VELLINHO, Moysés. *Capitania d'El-Rei: Aspectos da formação Rio-Grandense*. Porto Alegre. Editora Globo, 1968, p. 11.

⁴⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy, *A Invenção da Sociedade Gaúcha*. Ensaios FEE. Pano Alegre, (14)2 3H3-396, 1993.

⁵⁰ *Ibid*, p. 386.

⁵¹ *Ibid*, p. 389.

⁵² *Ibid*, p. 390.

⁵³ “Na periferia e nos centros urbanos, os egressos do campo, os proletarizados, encontram o endosso das tradições gaúchas e na legitimação de uma determinada visão do social uma forma de compensação para as duras condições de vida. Pobres, mas honrado e altivo, como o centauro dos pampas. Monarca das coxilhas sem trono

Pesavento (1993)⁵⁴ procura mostrar também como a imaginário coletivo a respeito dos indivíduos nascidos no Rio Grande do Sul foi criada através de imagens mentais e manifestações artísticas, sendo construído historicamente através do que chamou de um sistema de ideias-imagens de representação coletiva, o que classifica como imaginário social, onde ressalta o imaginário como uma representação, a tradução em imagens ou discursos do que consideramos como real. Contudo, enfatiza que as representações sobre o real não são obrigatoriamente o reflexo desse real.⁵⁵ Pesavento afirma que uma sociedade necessita construir para si uma imagem para constituir-se como tal, estabelecendo uma rede de significações. Essa identidade própria tende a criar uma base de coesão social, auxiliando na compreensão mútua, fato preponderante quando se tenta entender o “eu” e o “outro”, ou seja, aquele não igual a mim e a meus valores. Seria, na visão da historiadora, uma estratégia da construção social que elabora discursos e imagens de representação coletiva, produzindo uma crença nessa unidade.

Ao observar o gaúcho como um protetor das fronteiras ao sul do Brasil, Pesavento entende esse ser como um brasileiro por opção, já que poderia ter se bandeado para o lado da Coroa Espanhola e ou das Repúblicas do Prata em qualquer momento, ainda mais porque a construção dessa fronteira era algo artificial, já que, no caso dos Farrapos, os principais líderes tinha terras no lado uruguaio da fronteira e casavam-se com mulheres uruguaias, criando laços que facilmente poderiam propiciar uma mudança física para os territórios platinos.⁵⁶ A autora cita o General Bento Gonçalves como um bom exemplo para entendermos como funcionava essa interseção territorial, pensando os territórios gaúcho e platino como zona de convivência mútua.

Bento Gonçalves negociava com os caudilhos platinos, vivia num ambiente de zona de fronteira e casou-se com uma uruguaia de família influente na sociedade; situação semelhante à de Antônio Souza Netto, que também possuía terras fora dos limites e

ou cavalo, mas digno. Herdeiro de tradições enobrecedoras, embora seu passado no campo ou o seu presente na urbe neguem essa crença”. Ibid. p.392.

⁵⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy, *A Invenção da Sociedade Gaúcha*. Ensaio FEE. Pano Alegre, (14)2 3H3-396, 1993.

⁵⁵ Ibid. p. 384.

⁵⁶ “Há, portanto, uma vontade política ancestral, robustecida no contexto de guerra, de pertencer ao Brasil. Mais do que isso: o Rio Grande do Sul é “dado” ao Brasil pela ação militar defensiva e ofensiva dos naturais da terra.” Ibid. p. 387.

Império e também fora preponderante nas questões fronteiriças. (DA SILVA, 2015, p.37).⁵⁷

A partir dessa análise, a fronteira seria um lugar onde se realizavam a entrada e saída de mercadorias e a porta de entrada de ideias, fator que auxiliou na formação de mentalidades e de discursos análogos do lado platino e do Império do Brasil. Maria Medianeira Padoin (2001) sublinha a participação de letrados das universidades de Coimbra e Salamanca; de sacerdotes, leigo-juristas, biólogos, diplomatas e maçons na disseminação de ideias de liberais, separatistas, centralistas e autonomistas naquela região de disputa e convívio⁵⁸. Essa troca de ideias facilitou o embasamento teórico dos Farrapos ao aderirem por uma proposta republicana para a formação de um novo território dentro do Império.

Outra visão clássica do gaúcho é fornecida por Darcy Ribeiro (1995), em *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, oferece um interessante exemplo da fixação da imagem do habitante do Rio Grande do Sul como um guerreiro “*listo para pelear*”. Na obra de Ribeiro, surge o modo como o povo gaúcho é visto pelo resto do país. Essa imagem beligerante, viril, foi construída através dos anos e passada de geração em geração. Por se tratar de um estado fronteiriço do Brasil, o Rio Grande do Sul esteve envolvido em diversos conflitos com os vizinhos castelhanos. Assim, não é de se estranhar que o habitante daquelas terras esteja sempre com armas (adagas e revólveres) prontas para serem usadas:

O gaúcho montado em cavalo brioso, de bombacha e botas de sombreiro com barbicacho, de pala vistosa, revólver, adaga e o dinheiro metido na guaiaca, de boleadeiras enroladas pela cintura, lenço no pescoço, faixa na cintura em cima dos rins, esporas chilenas etc. (RIBEIRO, 1995, p.181)⁵⁹

Daysi Lange Albeche (1996)⁶⁰ identifica a construção da imagem do rio-grandense de certa forma romantizada e idealizada da mesma forma que Pesavento, como componente de uma sociedade homogênea na qual o gaúcho é um ser livre, nobre de sentimentos e corajoso.⁶¹

⁵⁷ DA SILVA, Matheus Luis. *Trajatória e atuação da política de Antônio de Souza Netto (1835-1866)*. 2015. 108 f. Dissertação (Mestrado em história, poder e cultura) - Universidade Federal de Santa Maria: Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-graduação em história, Santa Maria, 2015, p.37.

⁵⁸ PADOIN, Maria Medianeira. *Tito Livio Zambeccari na história do Rio Grande do Sul e do Prata: uma síntese*, 2001.

⁵⁹ RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1995, p. 181.

⁶⁰ ALBECHÉ, Daysi Lange. *Imagens do Gaúcho. História e mitificação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

⁶¹ Ibid. p. 17.

Apolinário Porto Alegre, pertencente ao chamado Pártenon Literário de Porto Alegre (1868/1885), valorizou essa liberdade dos primeiros habitantes da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul.⁶² Apolinário usa a imagem de “Monarca das Coxilhas” e o “Bom Campeiro” para identificar o homem oriundo das terras ao sul do Brasil. Na Revolução Farroupilha (1835-1845), ressaltou a força física e moral como algo inerente a um ser livre. Albeche ainda indica que Augusto Mayer, na obra *Prosa e Pagos* (1941), também valorizara os aspectos heroicos dos rio-grandenses.

Após a Guerra do Paraguai (1864-1870), a imagem do gaúcho estará ligada ao do Farroupilha, ainda mais após a proclamação da República em 1889. De acordo com Albeche, seria uma iniciativa de ligar os ideais Farroupilhas aos da Revolução Francesa. Além disso, a diferença entre gaucho e gaúcho seria demarcada como o primeiro significando algo negativo e o habitante do lado brasileiro da fronteira como um ser honesto, bravo, patriota, moral e justo. Tratando da literatura como expressão cultural e identitária de um povo, Daysi Lange Albeche aponta que a utilização do termo gaúcho em romances brasileiros como algo positivo e ligado ao rio-grandense apareceu em *Os Farrapos*, obra de Oliveira Belo (1985), que usa o mesmo expediente dos autores citados anteriormente de valorizar a coragem, caráter e moral dos gaúchos que se insurgiam contra o Império do Brasil.

Nos testemunhos deixados por Apolinario Porto Alegre e na obra de Oliveira Belo notam-se mudanças no sentido do termo gaúcho. Os qualitativos atribuídos ao campeiro/gaúcho repetem-se universalmente em todo o mito do herói, pois esses valores são modelos universais. As metáforas usadas pelos românticos do Partenon Literário pertencem a esse núcleo simbólico. A imagem do gaúcho é resultante da reinterpretação deste núcleo simbólico sendo que seu grande significante só pode ser compreendido no contexto histórico em que foi elaborado. (ALBECHE, 1996, p.22)⁶³

Maria Medianeira Padoin (2001)⁶⁴ divide em dois grupos teórico-metodológicos as obras dedicadas a estudar a Revolução Farroupilha: um grupo seriam as descritas como tradicionais, do qual faziam parte Morivalde Calvet, Walter Spalding, Dante Laytano, Manoel Alves da Silva Caldeira e Coelho de Souza; e os outros críticos como Sandra Jatahy Pesavento, Helga Piccolo, Moacyr Flores, Décio Freitas e Spencer Leitman Enquanto os primeiros indicam os Farrapos como legítimos defensores das reivindicações da província

⁶² Ibid. p. 18.

⁶³ ALBECHE, Daysi Lange. *Imagens do Gaúcho. História e mitificação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 22.

⁶⁴ PADOIN, Maria Medianeira. *Federalismo Gaúcho. Fronteira Platina, direito e Revolução*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

frente ao Império, o segundo grupo entende que a Farroupilha foi usada em diferentes épocas como um discurso a ser utilizado em momentos de crise para unir o Rio Grande do Sul.

Padoin ainda ressalta a preocupação central do governo Vargas em construir e manter uma política nacionalista, a qual teria influenciado uma produção historiográfica que atrelava o poder regional a um projeto nacional, justamente um discurso que ressaltava a brasilidade da Revolução Farroupilha, difundida na Exposição do Centenário. Padoin também faz um estudo onde contextualiza o federalismo relacionando com o fato de o Rio Grande do Sul ser um estado fronteiro dos vizinhos Uruguai e Províncias Unidas do Prata, futura Argentina. De acordo com Padoin, a maioria dos Farrapos entendia que o artifício da federação seria uma união tênue, que garantiria a soberania e a independência da República Rio-Grandense. Porém, outra parte dos Farrapos defendia o federalismo apenas como uma reforma da monarquia brasileira, na concepção de descentralização política.

Outro ponto abordado por Maria Medianeira Padoin diz respeito à importância que o estudo do espaço fronteiro tem no intuito de entender quem seriam esses gaúchos que, segundo ela, seria um termo que no século XX passou a designar todo o nascido no Rio Grande do Sul, ou seja, o outrora rio-grandense. Porém, sua origem remonta ao personagem ou elemento social que se dedicava à caça e ao trabalho com o gado na região dos pampas uruguaios, rio-grandense ou argentino.⁶⁵ Padoin ressalta que a construção desse ser, em grande parte dos estudos de memorialistas, historiadores e literatos até o final dos anos 80 do século XX passou por uma negação em relação ao seu contato com uruguaios e argentinos, presentes no espaço fronteiro. No intuito de construir o gaúcho como um brasileiro por opção, valorizou-se as raízes portuguesas e açorianas dos indivíduos que viviam no Rio Grande do Sul⁶⁶, procurando demarcar a diferença entre o gaúcho brasileiro e platino.

2.1 Indígenas e negros: contextualização

Ao procurar contestar a visão da formação do povo gaúcho sem a presença de índios e negros, e ao observar que os jornais pesquisados não dão grandes destaque a esses dois povos nos festejos do Centenário Farroupilha, cabe investigar como esses dois grupos começaram a

⁶⁵ PADOIN, Maria Medianeira. *Tito Livio Zambeccari na história do Rio Grande do Sul e do Prata: uma síntese*, p.1-18. P2001.

⁶⁶ Ibid. p. 02.

ser estudados e entendidos como formadores do povo rio-grandense com mais afinco nessa segunda década do século XXI, através de trabalhos acadêmicos. Na contramão dessas escolhas editoriais dos jornais *Correio do Povo* e *Diários de Notícias* de setembro de 1935, observamos como a Revolta Farroupilha foi um momento de participação ativa dos dois grupos, embora não tenham recebido da historiografia o merecido reconhecimento por seus esforços empreendidos durante a contenda, exceção feita a alguns trabalhos dos quais analisaremos abaixo.

Retrocedendo à formação do estado do Rio Grande do Sul, cabe aqui um ponto de discordância da participação dos indígenas na formação do povo do Rio Grande do Sul. Moyses Vellinho (1968) entende as Reduções Jesuíticas como parte do território pertencente outrora à Coroa espanhola até 1801, quando a área missioneira foi incorporada à Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, cerca de quarenta anos depois da expulsão dos jesuítas da América.⁶⁷ Vellinho (1968) afirma ainda que Sapé Tiaraju, líder indígena que se insurgiu contra o Tratado de Madri, por meio do qual portugueses e espanhóis destruiriam as Missões Jesuíticas em prol da anexação da região ao domínio português, não seria um herói e sim um elemento dificultador da formação geográfica do Rio Grande do Sul, pois se tivesse obtido êxito, ainda na visão de Vellinho (1968), o estado hoje seria um corpo descontínuo.⁶⁸ Contudo, aqui cabe informar que no censo de 1780, a Capitania de São Pedro do Rio Grande contava com 52,63% de brancos, 28,46% de negros, 18,91% de indígenas, demonstrando sua uma falácia o fato de o Rio Grande não ter sido formado por negros e índios também.⁶⁹

Falando basicamente da participação dos indígenas na Revolta, em ambos os lados, ressaltamos o trabalho de Eduardo Santos Neuman⁷⁰. Inicialmente, Neuman faz um breve histórico dos estudos e publicações feitos a respeito do assunto, ressaltando que os primeiros registros que fugiam da temática político-militar datam da criação do Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro, que existiu de 1860 a 1863, e se constituiu de uma associação regional, similar ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). O esforço

⁶⁷ VELLINHO, Moyses. *Capitania d'El-Rei: Aspectos da formação Rio-Grandense*: Porto Alegre. Editora Globo, 1968.

⁶⁸ Ibid. p. 128.

⁶⁹ Flores, 1973, apud Ribeiro, 2001.

⁷⁰ NEUMAN, Eduardo Santos. *Um só não escapa de pegar em armas: As populações indígenas na Guerra dos Farrapos*. Revista de História (Revista do Departamento de História da Universidade de São Paulo), São Paulo: USP n.º 171. P83-109, jul.-dez. 2014.

de se produzir uma história rio-grandense insere-se no objetivo do IHGB de se tornar uma voz oficial da construção de uma história nacional.

Neuman (2014) aponta que Nicolas Drey, francês que viveu por mais de uma década no Rio Grande do Sul, em *A Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul* (1839) fez um estudo da composição populacional da região e classificou os indígenas como uma subdivisão de uma população livre contrapondo aos negros escravos. Drey entende que os indígenas desempenhavam as mesmas funções dos homens brancos, entendendo-se essas como pecuárias e bélicas, sendo análogos aos trabalhadores rurais, e os divide em cinco tribos: Patos, Charruas, Minuanos, Guaianás e Tapes. Entende-se que a participação indígena na Revolução Farroupilha ocorreu graças à necessidade de ambos os lados de recrutar homens para os combates. Documentos mostram que na tomada de Porto Alegre em 20 de setembro de 1835, alguns índios faziam parte das tropas dos revoltosos quase em toda sua totalidade como lanceiros, assim como os negros escravos, já que a lança era o objeto de mais fácil confecção.

Outro estudo proposto por Neuman (2014) diz respeito à pesquisa da participação dos indígenas no embate através da pesquisa de possíveis fontes cartoriais que provassem a participação desses nas tropas imperiais. O pesquisador indica alguns problemas para a utilização desse tipo de fonte, tais como a letra ilegível do escrivão, a grande quantidade de homônimos e a prevalência de um arquivo desorganizado. Contudo, ao analisar os principais enfrentamentos da Guerra dos Farrapos, percebe-se que ocorreram na fronteira com a República Oriental do Uruguai, onde estavam os índios Pampas, também conhecidos como Charruas e Minuanos⁷¹. Outras evidências da participação desses grupos estão em documentos administrativos, onde os indígenas são mencionados como participantes das tropas de lanceiros, sem, contudo, saber se formavam um corpo isolado ou misturado com outros combatentes.

Assim, é no mínimo estranho o “esquecimento” da participação dos indígenas na Revolução Farroupilha e a não menção nos jornais *Correio do Povo e Diários de Notícias* de setembro de 1835 nos mostra como esse fato é colocado de lado dos discursos oficiais sobre a Revolução Farroupilha. Da mesma forma, que a participação dos negros na contenda também não é muito ressaltada.

⁷¹ Ibid. p. 104.

2.2 A discussão acerca do protagonismo negro na Revolução Farroupilha

Cabe agora entender a importância do negro na formação do povo gaúcho e sua importância histórica na região, algo não ressaltado nos jornais pesquisados e nem na própria Exposição que parece ter preferido não tocar em um assunto não muito agradável para os gaúchos, como a Traição de Porongos. Contudo, é de suma importância recordar o fato, já que pretendemos, nesse momento, entender como se deu a formação do povo gaúcho e quem foram aqueles que lutaram ao lado dos Farroupilhas por dez anos.

Em *Nossos heróis não morreram: um estudo antropológico sobre formas de “ser negro” e de “ser gaúcho” no estado do Rio Grande do Sul*,⁷² Cristian Jobi Salaini procura resgatar a memória da participação que os lanceiros negros tiveram no embate. De acordo com pesquisas realizadas por Salaini, esse importante elemento da formação da sociedade rio-grandense constituía de 1/3 à metade do exército formado para lutar contra o Império. Denominados de “Corpos de Lanceiros Negros”, receberam a promessa de serem libertos, caso os Farrapos saíssem vencedores. Além de serem bravos guerreiros, também desempenhavam outras funções importantes para o funcionamento das comunicações e logísticas das tropas gaúchas. Essa promessa de liberdade seria a motivadora para o episódio passado em Porongos, que fazia parte do Município de Piratini, hoje denominado Pinheiro Machado. Fontes indicam que a paz entre o Império Brasileiro e os revoltosos esbarrava exatamente na cláusula onde se discutia a situação dos escravos negros ao final do embate que já passava de nove anos.

Nesse momento uma guerra de versões procura explicar o ocorrido na madrugada de 14 de novembro de 1844. Para alguns, o General David Canabarro teria desarmado e separado os lanceiros negros antes do ataque imperial, em concordância com um pedido. Haveria uma carta enviada ao Coronel Francisco Pedro de Abreu por Luís Alves de Lima e Silva, então Barão e futuro Duque de Caxias Outra corrente historiográfica não acredita nessa versão da história, entendendo que a carta teria sido forjada para desmoralizar Canabarro. No final do século XIX, de acordo com Carvalho, Oliveira (2006), os historiadores Alfredo Varela e Alfredo Ferreira Rodrigues divergem sobre o assunto. Varela entende ter havido uma traição

⁷² SALAINI, Cristian Jobi. *“Nossos heróis não morreram”*: um estudo antropológico sobre formas de “ser negro” e de “ser gaúcho” no estado do Rio Grande do Sul. 2006, f.143 Dissertação (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

de Canabarro, já Rodrigues é contrário a essa versão. Já nas décadas de 1970 e 1980, a contenda de visões foi realizada entre dois grupos: um acreditando em tal traição, formado por Moacyr Flores, Spencer Leitman e Margareth Bakos. Já Claudio Moreira Bento e Ivo Caggiani acreditam na versão de surpresa aos Farrapos.⁷³

Outro trabalho relevante a respeito do assunto é o de Luciano Rodrigues Barbosa.⁷⁴ Barbosa começa sua explanação buscando encontrar elementos para a dicotomia raça e cor, presente na sociedade brasileira nos séculos XVIII, XIX e XX e que, de acordo com seu ponto de vista, foi preponderante para uma interpretação problemática do ocorrido em Porongos. Sua principal argumentação está no fato de que cor ou raça fazem parte de uma ordem hierárquica que favorece os brancos, na maioria dos casos, correlacionada com a dicotomia elite/povo, na qual a primeira sustentou uma sociedade escravocrata.⁷⁵ O Rio Grande do Sul, igualmente como o restante do território que durante séculos pertenceu à Coroa Portuguesa, se desenvolveu baseado no trabalho escravo, principalmente de negros vindos da África. Da mesma forma, que o elemento branco da sociedade gaúcha seria valorizado e o negro, por sua, desqualificado como ser humano.

Tratando propriamente da Traição de Porongos, Barbosa (2011) vai utilizar a já mencionada discussão historiográfica entre Alfredo Ferreira Rodrigues e Alfredo Varela a respeito do tema. Rodrigues contrapõe a afirmação de Varela que o General Canabarro estaria acertado com o Barão de Caxias, comandante das tropas responsáveis por aniquilar os Farrapos, para desarmar os lanceiros negros facilitando uma possível carnificina. Importante salientar, como o próprio Barbosa o fez em seu trabalho, que a questão da traição dizia respeito apenas à traição ao exército republicano dos Farroupilhas e não aos negros libertos presentes no local.

Ao analisar uma correspondência de Manuel Alves da Silva Caldeira, ex-lanceiro de Teixeira Nunes, oficial Farrapo, defensor incondicional dos negros Farrapos, Varela, então, formaria seu juízo sobre o ocorrido a partir desses elementos. Porém, Rodrigues, desqualificaria os depoimentos escritos por Caldeira ao afirmar que ele não estaria em Porongos no momento da invasão pelos imperiais. A resposta de Rodrigues a Varela veio no

⁷³ Ibid.

⁷⁴ BARBOSA, Luciano Rodrigues. *A cor de Porongos. Percepções raciais flutuantes no século XIX*. Monografia (Graduação em história), 2001, 57f - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.p. 32.

⁷⁵ Ibid. p. 11.

texto *A pacificação do Rio Grande do Sul*, baseado nas informações de Joao Pedro da Costa (Farroupilha); e Pedro José Bandeira e Leonel Ribeiro de Almeida (legalistas).

Varela (1845), a partir do testemunho de Caldeira, é contundente ao afirmar que o acampamento tinha conhecimento da aproximação dos legalistas. Ainda conta que o próprio Canabarro havia retirado as pedras dos fuzis e os morrões das peças de artilharia, por estarem danificados, ficando acertado o rearmamento da tropa no dia seguinte. Caldeira ainda acrescentou que o grupo havia sido atacado na manhã seguinte, por cerca de seiscentos homens, gritando “mata negro e o que é branco deixa”.⁷⁶

Na outra ponta da controvérsia, Rodrigues nega que os homens de Canabarro, segundo ele, setecentos, não tinham armas de artilharia, pois a única que tinham havia sido escondida para não atrapalhar a marcha dos homens. Ainda acrescenta que o tal dito “mata negro e o que é branco deixa” é contestado pelo fato de que homens brancos também foram mortos e feridos em Porongos, como informa o Capitão José Luiz dos Campos em seu depoimento.

Dando sequência à querela historiográfica, em 1899, Alfredo Varela publicou *A pacificação do Rio Grande do Sul (1845)*, no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro e nesse texto explicitou uma carta de Caxias à Chico Pedro ou Moringue, comandante das tropas que atacaram Porongos, na qual pede para poupar a vida dos brancos e ainda que infantaria estaria desarmada. Mesmo contestada por muitos tal carta seguiu de base para Varela procurar outras testemunhas que validassem sua tese de traição em Porongos. Mais uma vez, Rodrigues (1846) responderia a Varela um ano seguinte com a publicação de *David Canabarro e a surpresa de Porongos (réplica ao Dr. Varela)*⁷⁷. Nesse texto, ocorre uma destruição dos argumentos utilizados anteriormente por Varela e o uso de duas testemunhas de que a dita carta escrita por Caxias seria uma falsificação feita por Chico Pedro para criar uma desunião nos Farrapos. Felix de Azambuja Rangel era parente e grande amigo de Chico assistiu ao embate em Porongos e afirmou que carta fora forjada para criar intriga entre os Farrapos. Manoel Patricio de Azambuja, outro parente de Chico, confirmou a produção fraudulenta de tal carta. Após analisar depoimentos, Rodrigues mudou sua versão e afirmou que a mortandade majoritária foi de negros e confirmou a não veracidade da carta analisada anteriormente.

Em 1933, viria mais um capítulo dessa disputa sobre Porongos com a publicação da *História da Grande Revolução – o cyclo Farroupilha no Brasil*, na qual Varela concorda com

⁷⁶ Ibid. p. 27.

⁷⁷ Ibid. p.28.

Rodrigues ao afirmar que a carta de pretensamente escrita por Caxias era falsa. Porém, Juremir Machado da Silva (2010) entende ser esse recuo como uma ação característica de um nacionalismo ascendente e muito interessante no momento em que se organizam comemorações ao centenário da Revolução Farroupilha.⁷⁸

Após essa discussão centrada nos dois historiadores, o século XX marca uma mudança de foco nas discussões acerca de Porongos quando começam analisar o episódio como uma traição à República. A primeira geração de estudiosos pós-Varela e Rodrigues conta com nomes de peso da historiografia gaúcha como Walter Spalding (1939), Fernando Luis Osório Filho (1935) e Augusto Tasso Fragoso (1938). Barbosa começa essa parte de seu trabalho explanando as ideias de Spalding (1939) que indicam a surpresa de Canabarro ao ser atacado, mas entende que a carta de Caxias seria verdadeira e ainda que as vítimas estariam desarmadas, mas se diferencia de Rodrigues ao afirmar que os lanceiros negros haviam se dispersado e que o General Neto resistira heroicamente, ao contrário das versões anteriores.

Já o americano Spencer Leitman (1979) de seu enfoque à polemica para assinatura de paz entre Farrapos e Imperiais. O debate estaria no fato de que alguns Farroupilhas entendiam a abolição da escravidão como função preponderante para o término dos embates. Ou seja, o aniquilamento dos negros seria um grande passo rumo a um acordo com Caxias. Leitman (1979) baseado nos textos de Domingo de Almeida foi pioneiro a dizer que os negros foram divididos para facilitar seu assassinato e ainda aponta que houve uma letalidade de 80% dos negros lanceiros.⁷⁹ Porém, alguns contestam essa versão, já que a força numérica dos negros ainda era alta, mesmo após Porongos.

Assim, nos cabe questionar, mais uma vez, o porquê desse episódio não ser mencionado nos jornais durante a comemoração. Obviamente, nas comemorações, os episódios que tendem a manchar algo considerado sagrado por uma comunidade, como no caso da Revolução Farroupilha, são deixados de lado. Contudo, nota-se na leitura dos jornais de 1935 pouca ou quase nenhuma menção aos combatentes negros. Os grandes nomes destacados são de homens brancos e de uma classe de homens detentores de terras e de escravos no Rio Grande do Sul.

⁷⁸ SILVA, Juremir Machado da. *História regional da infâmia: o destino dos negros e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem imaginários)*. Porto Alegre, RS: Evangraf: Ed. Praça da Matriz, 2011.

⁷⁹ BARBOSA, Luciano Rodrigues. *A cor de Porongos. Percepções raciais flutuantes no século XIX*. Monografia (Graduação em história), 2001, 57f - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.p. 32.

Na contramão desse discurso de desvalorização do negro na participação da Revolução Farroupilha, cabe destacar o trabalho de Letícia Rosa Marques⁸⁰ que trata da participação do mulato José Marianno de Mattos, nascido em 1801 no Rio de Janeiro, nas fileiras dos Farrapos. Marques traçou um perfil desse personagem esquecido por muitos quando se fala da luta dos Farroupilhas contra o Império do Brasil, através dos escritos de Alfredo Varela e de jornais da época. Marques também resgata outros estudos dedicados à participação de José Marianno de Mattos na Revolução Farroupilha. Ao falar do trabalho de Claudio Bento intitulado *O negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975)*, aponta para o fato de autor chamar Mattos de “um mulato quase branco”, indicando ser essa uma visão característica daqueles que procuravam “clarear” a pele do personagem, pois esse atingira altas patentes no exército Farrapos, contrastando com a situação da maioria dos negros envolvidos na guerra. Marques continua explicando que outros autores também trataram Mattos como uma das lideranças dos Farrapos, como Spencer Leittman (1979) que não cita a cor do personagem, assim como Spalding (1987) o chama de “moreno claro”.

De acordo com sua pesquisa, José Marianno de Mattos foi um elemento dedicado à causa dos revoltosos, sendo uma ponte com líderes uruguaios, pois frequentemente visitava o país vizinho como negociador e tinha contato com sua população e com líderes locais como Fructuoso Rivera, fazendo com que a ideia de abolição se fizesse presente em sua pauta política. Essa aproximação entre Farrapos e uruguaios nos remete a outra questão importante na formação do povo do Rio Grande do Sul. Tão controversa quanto a questão dos indígenas e negros na formação do povo gaúcho, é o fato de os habitantes do Rio Grande do Sul no século XIX terem sido influenciados pelo contato com os líderes políticos e militares dos países vizinhos, os chamados caudilhos. Assim, cabe uma análise de como esse conceito é tratado na historiografia pelo olhar de alguns estudiosos.

2.3 Visão e versão: o gaúcho e caudilhismo

O caudilhismo foi um fenômeno presente na construção dos modelos políticos das recém-independentes repúblicas do Prata. Os caudilhos, grandes chefes políticos, usariam seu

⁸⁰ MARQUES, Letícia Rosa. José Marianno de Mattos: conquistas e desafios de um mulato carioca na Revolução Farroupilha (1935-1945). Dissertação (Mestrado em história), 2013. 117f - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2013.

carisma e sua força militar para chegar ao poder nos novos territórios. Como lembra Moysés Vellinho (1968), a dispersão social, a ausência de interesses econômicos em comum e a anarquia campeira, o ódio indiscriminado, os impulsos de vingança seriam os elementos geradores do caudilho do tipo platino.⁸¹ Ao tratar da influência dos chefes militares platino na formação política e militar dos gaúchos, Vellinho (1968) indica que o caudilhismo⁸², prática política preponderante nas republicas vizinhas, não seria, na sua visão, algo observado no Rio Grande do Sul e nos gaúchos, por consequência. No seu ponto de vista, faz-se uma diferença entre a forma como se deu o povoamento do território platino e rio-grandense. Nossos vizinhos teriam conquistado seu território, após a independência da Colônia Espanhola, utilizando a força bruta. Nas palavras de Vellinho (1968), “formariam uma população bárbara ou semibárbara, flutuante, sem destino, que assaltava impunemente os rebanhos alçados e disso vivia e ainda sendo os gaúchos do Rio Grande os responsáveis por defender nossas fronteiras”.⁸³

No caso da parte brasileira dos pampas, o território crescia ao sul pela ação das armas e consolidava-se pela entrega de sesmarias, que se transformaram em estâncias, entendendo-se esses estancieiros como estando a serviço do Rei, sendo, também nas palavras de Vellinho (1968), chefes militares ou oficiais de milícias, com essas estâncias sendo fundamentais como pontos civilizadores.⁸⁴ Vellinho afirma ser um mito o fato de o Rio Grande do Sul ser uma terra de caudilhos, pois os homens das terras que primeiro pertenceram a Coroa Portuguesa e depois ao Império do Brasil sempre estiveram a serviço de um poder central e não, como os caudilhos platinos, agindo por interesses próprios e à margem das leis. Com relação ao levante de 1835, Vellinho (1968) é mais rígido afirmando que a Revolução Farroupilha nunca esteve no mesmo grupo das revoltas, classificadas por ele como anárquicas, que tiveram parte na região do Prata. Nesse caso, a sublevação dos gaúchos brasileiros atendia às demandas liberais do século XIX, sendo organizada dentro de leis institucionalizadas.⁸⁵

⁸¹ VELLINHO, Moysés. *Capitania d'El-Rei: Aspectos da formação Rio-Grandense*. Porto Alegre. Editora Globo, 1968, p. 18.

⁸² Ibid. p. 20.

⁸³ Ibid. p.204-205.

⁸⁴ Ibid. p. 192 - 194.

⁸⁵ Aqui vale lembrar que a Constituição da República Rio-Grandense nunca saiu do papel. Um choque entre os poderes executivo e legislativo é uma das causas apontadas para os embates que acabaram culminando na dissolução da Assembleia Constituinte Farroupilha. Ver FLORES. Moacyr. *O modelo político dos Farrapos: as ideias políticas da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

A visão de Juremir Machado da Silva (2010)⁸⁶ difere da de Vellinho (1968) ao debater as motivações e os procedimentos dos revoltosos contra o Império do Brasil. No entender de Silva (2010), a Revolução Farroupilha seria uma rebelião contra um governo constitucionalmente legítimo. Ele ainda aponta interferências dos gaúchos nos negócios dos vizinhos platinos, reafirmando, como outrora fez Alfredo Varela, ser a Revolução Farroupilha como pertencente a um pensamento platino.

A Revolução Farroupilha foi um movimento platino constringido – deflagrado por homens ao mesmo tempo deslumbrados com ideias europeias radicalizadas na passagem do extremo-sul da América e temerosos de cair nas garras dos espertos caudilhos platinos, que começou, de certa maneira, com um golpe militar ou de militares apoiados por civis extremados como o juiz Pedro Boticário e o agitador italiano Tito Lívio Zambecari, em nome de um exaltado projeto de modernização conservadora antes do tempo. (SILVA, 2010, p.60)⁸⁷

Ainda em oposição a Vellinho (1968), Juremir Machado da Silva (2010) ressalta que na historiografia brasileira Juan Lavalleja, Manuel Oribe, Frutuoso Rivera e Juan Manuel Rosas eram tratados como caudilhos enquanto Bento Gonçalves, Antonio de Souza Neto e David Canabarro como heróis, algo considerado errôneo na sua visão. Na linha de argumentação de Silva, Rivera armou escravos contra seus adversários e os Farrapos fizeram o mesmo. Além disso, ainda lembra os acordos de ajuda mútua firmados pelo General Bento Gonçalves e os uruguaios Lavalleja, Oribe e Rivera, sendo que em todas as ocasiões as apostas do líder Farrapo foram derrotadas em embates da política local.⁸⁸

Visão oposta a essa do caudilho como um elemento voltado apenas à luta pelo poder, a partir do uso da força física, é a de José Carlos Chiaramonte (1997), ao procurar entender como ocorreu o processo de transformação das Províncias Unidas em Argentina e quais as alternativas de organização política estavam em pauta,⁸⁹ em meios às disputas entre as províncias do interior e Buenos Aires pelo melhor projeto para a nova nação que surgia – federalismo ou unitarismo. Chiramonte não pretende negar a importância dos caudilhos na vida política da América do Sul do século XIX, mas oferecer outra visão desse grupo ao

⁸⁶ SILVA, Juremir Machado. *História regional da infâmia: o destino dos negros Farrapos e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários)*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

⁸⁷ Ibid. p.60.

⁸⁸ Ibid. p.62.

⁸⁹ CHIARAMONTE, José Carlos. *Ciudades, provincias, Estados: Origenes de la Nación Argentina (1800-1846)*. Buenos Aires: Ariel História, 1997.

caracterizá-los como uma evolução das formas autônomas desses novos territórios, entendendo-os como a representação e liderança política na região. Os caudilhos atuavam na organização das províncias-estados, sendo Juan Manuel Rosas um grande exemplo desse líder militar atuante no processo de organização dos novos territórios se envolvendo nos confrontos do Prata.⁹⁰

Já Pablo Rodrigues Dobke (2015) indica que a obra de Domingo Faustino Sarmiento (2010) é básica para entender o tema, mas ressalta que o já citado anteriormente Chiaramonte (2009), Raul Fradkin (2008) e Noemí Goldman (1998), principalmente, são aqueles que mudam a definição do que seria um caudilho. No entender desses historiadores, o caudilho seria um líder carismático que possui um projeto político de organização da sociedade e na maioria das vezes foi representante político nos cabildos, como deputado⁹¹.

Sobre as ideias acerca do assunto defendidas por Ricardo Salvatores (1998) Dobke escreve:

Outra questão importante, imbricada a anterior, faz referência as diferentes formas de interpretação que estes seguidores faziam da postura política do caudilho; Ricardo Salvatore (1998) aponta as diferentes formas de interpretação e as desigualdades dessa diversidade. Tal análise permite compreender melhor o apoio popular ao projeto político do caudilho em uma perspectiva diferente da tradicional onde o autor aponta o conceito de “mentalidade popular” onde estão imbricadas práticas cotidianas para que o caudilho se fizesse entender perante suas hostes e para que estas bancassem sua causa. (DOBKE, 2015, p.131)⁹²

Tratando novamente de nosso objeto de pesquisa, os jornais de setembro de 1935, percebemos, mais uma vez, um silêncio sobre essa discussão que trata da forma de atuar do gaúcho durante a Revolução Farroupilha e seu projeto de governo para a província autônoma.

⁹⁰ Ibid. p.139.

⁹¹ Cabe ressaltar a dissertação de mestrado de Pablo Rodrigues Dobke, *Caudilhismo, territórios e relação de poder: o caso de Aparício Saraiva na região fronteira entre Brasil e Uruguai (1896 -1904)* para quem deseja se aprofundar no assunto. DOBKE, Pablo Rodrigues. *Caudilhismo, territórios e relações sociais de poder: o caso de Aparício Saraiva na região fronteira entre Brasil e Uruguai (1896-1904)*. Dissertação (mestrado em história), 2015, 130f. Universidade de Santa Maria. Santa Maria, 2015.

⁹² DOBKE, Pablo Rodrigues. *Caudilhismo, territórios e relações sociais de poder: o caso de Aparício Saraiva na região fronteira entre Brasil e Uruguai (1896-1904)*. Dissertação (mestrado em história), 2015, 130f. Universidade de Santa Maria. Santa Maria, 2015, p.50.

2.4 O Sul, o Império do Brasil e as Guerras no Prata

Seria impossível entender a formação da identidade do habitante do Rio Grande do Sul sem que dedicássemos uma parte de nosso trabalho a compreender como as guerras platinas e a formação dos territórios vizinhos influenciaram política e culturalmente a maneira de pensar e agir desses cidadãos. As guerras ocorridas em territórios vizinhos influenciaram a formação da imagem do gaúcho no imaginário popular, trazendo questões a respeito da participação desses brasileiros nos conflitos entre líderes políticos do outro lado da fronteira do Rio Grande do Sul. Seria pouco provável que as agitações políticas no Prata não influenciassem as políticas do Império Brasileiro. O Rio Grande do Sul geográfica e politicamente se encontrava muito próximo a esses conflitos e seria razoável pensar que não passaria incólume pelos combates do outro lado da fronteira, ainda mais que os gaúchos tinham uma relação estreita com os platinos, tendo terras e negócios do outro lado da fronteira, além de, até em alguns casos, alguns líderes Farrapos serem casados com mulheres oriundas de territórios vizinhos. Com isso, a formação do gaúcho como um ser platino, algo apontado até os dias de hoje como sendo forte no povo do Rio Grande do Sul, é algo a ser observado. Nesse momento, cabe entender como ocorreram esses conflitos e qual seria a participação do Império do Brasil e do Rio Grande do Sul nessas contendas.

Helga Piccolo (1991) trata dessa participação dos caudilhos uruguaios na política brasileira ao entender que essa relação teve implicações importantes na luta dos Farrapos contra o Império Brasileiro. Cabe lembrar, como faz Piccolo, que os Estados do Uruguai e da Argentina ainda não estavam formados no início do século XIX, sendo territórios de disputa pelo poder, representando um espaço de debate e luta para se estabelecer a melhor forma de se administrar esses estados independentes⁹³.

Procurando entender essa relação entre o Império do Brasil e as repúblicas que se formavam no Prata, vale resgatar os pensamentos de Francisco Doratioto (2014)⁹⁴. O historiador entende que a Independência brasileira contrastou com a do Vice Reino do Prata, pois enquanto éramos ainda um Império, nossos vizinhos tentavam uma experiência republicana, procurando autonomia na forma de pensar e se organizar politicamente em

⁹³ PICCOLO, Helga. *O Rio Grande do Sul: fronteira entre duas formações históricas*. Ensaios EFE: Porto Alegre, 11 (2): 308-344, 1991.p.313.

⁹⁴ DORATIOTO, Francisco. *O Brasil no Rio da Prata*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2014.

relação aos seus antigos colonizadores. Contudo, Doratioto (2014) recorda que a fragilidade no exercício de poder dessas novas repúblicas acabou agindo favoravelmente nos empreendimentos do Estado Monárquico Brasileiro que procurava ter influência na região.⁹⁵

O Paraguai e o Alto Peru tornaram-se países independentes e o território a leste do Rio Uruguai, a banda Oriental, caiu nas mãos do Império Luso-brasileiro. Nos primórdios de sua vida independente, os territórios integrantes das Províncias Unidas do rio da Prata não delegaram poder – careciam de Governo Central, de exército nacional e, mesmo, de moeda única – exceto o da frágil representação externa concedida a Buenos Aires. (DARATIOTO, 2004, p. 218)⁹⁶

O caso mais emblemático diz respeito à Buenos Aires que se via em dificuldades para realizar um projeto centralizador ou unitário. A principal contenda política colocava em polos opostos a burguesia portenha e as elites do interior, desejosos em impor seu domínio político e econômico local. Por sua vez, os burgueses de Buenos Aires não abriam mão de utilizar a localização geográfica privilegiada de seu porto em relação ao Rio da Prata como principal argumento na luta pelo poder local.⁹⁷ Ou seja, seria um embate entre proprietários de bens de produção contra proprietários de terras do interior.

O Brasil, na figura de José Bonifácio de Andrada e Silva, responsável pelos negócios do Império do Brasil no exterior, propôs em 1822 a criação de uma confederação entre Brasil e as Província do Prata. Claramente, se tratava de uma política expansionista e também defensiva do Reino, pois havia fortes ameaças de intervenções na região de potências europeias que vislumbravam os novos territórios como áreas de atuação. Como foi destituído do cargo por Pedro I e a contenda entre Buenos Aires e as Províncias do interior não terminava, o projeto não se concretizou. Cabe ressaltar que o Império do Brasil ocupara outra região do Rio da Prata em 1811, retirando-se em 1812. A Banda Oriental via-se em meio à contenda entre as províncias do interior e Buenos Aires e solicitou auxílio às tropas de D.João VI. Em 1816, a região voltou a ser ocupada por tropas portuguesas para enfrentar José Gervásio Artigas, que outrora combatera a presença espanhola na região e naquele tempo era um aliado de Buenos Aires. As contendas duraram até 1820, quando Artigas fora derrotado e um ano depois, D.João incorporou a região ao Reino Unido de Portugal e Algarves como

⁹⁵ Ibid. p. 16.

⁹⁶ DORATIOTO, Francisco *O Império do Brasil e a Argentina (1822-1889)*. Textos de história. Revista do Programa de Pós-graduação em história da UNB. Brasília, v.16, n.2, 2008, p.217-247, 2008, Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Brasília, p.218.

⁹⁷ DORATIOTO, Francisco. *O Brasil no Rio da Prata*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2014, p. 17.

Província Cisplatina. As tropas portuguesas permaneceriam na região até 1824 quando as forças de Pedro I, Imperador do Brasil, as expulsariam para Portugal.

Porém, a região era de suma importância para o comércio na região e percebendo tal fato, em 1825, Juan Antonio Lavalleja organizou em Buenos Aires um grupo de revolucionários, os 33 orientais, para lutar pela incorporação da província a agora pacificada Províncias Unidas. Em reação, Pedro I declarou guerra a Buenos Aires, mas acabou derrotado em outubro de 1825 na Batalha de Sarandí, quando os revoltosos começaram a controlar o interior do território em disputa. O Império do Brasil, contudo, mantinha o controle sobre Montevideú e Sacramento, graças ao poder bélico de sua marinha.⁹⁸ Doratioto (2014) aponta que pecuaristas de Buenos Aires e do Rio Grande do Sul tinham grandes interesses econômicos na região, pois havia um grande “estoque” de gado na Banda Oriental, sendo essa, na sua visão, a causa para a longevidade do conflito.⁹⁹

Em 1827, o general Alvear chegou a derrotar as tropas de D. Pedro em território do Império do Brasil. Contudo, devido à inferioridade naval frente à marinha do Brasil e a falta de uma melhor organização interna esses triunfos militares não foram decisivos no confronto.

O Presidente argentino Bernardino Rivadavia enviou, então, Manuel Garcia ao Rio de Janeiro para negociar a paz, que ele obteve ao seguir as instruções secretas de que, se necessário para tanto, aceitasse a soberania do Império sobre a Banda Oriental. Esse acordo provocou verdadeira sublevação popular em Buenos Aires, o que obrigou Rivadavia a renunciar, agravando a tensão política nas Províncias Unidas (DORATIOTO, 2014, p.20-21)¹⁰⁰.

A situação na região só se resolveria em 1828 pela Convenção Preliminar de Paz, assinada por Brasil, Províncias Unidas e a Inglaterra, interessada em pacificar a região importante para o seu comércio ultramarino. Nascia a República Oriental do Uruguai, um país vizinho que teria grande influência na Revolução Farroupilha. Contudo, o novo território independente também se veria envolvido em contendas locais na luta pelo poder. Em 1839, tem início a Guerra Civil Uruguia que colocava de lados opostos Frutuoso Rivera (Partido Colorado) e Manuel Oribe (Partido Nacional ou Blanco). Por sua vez, nesse intrincado tabuleiro bélico, ainda havia os interesses de Juan Manuel Rosas¹⁰¹, mandatário da

⁹⁸ Ibid. p. 19-20.

⁹⁹ Ibid, p. 21.

¹⁰⁰ Ibid. p. 20-21.

¹⁰¹ [...] em 1835, ele organizou a Confederação Argentina. Na realidade, Rosas tornou-se ditador do país movido por um nacionalismo antiliberal e pelo combate aos unitários, embora juridicamente tivesse a mesma posição dos

Confederação Argentina, interessado em auxiliar Juan Lavalleja contra Oribe. No Brasil, a Revolução Farroupilha (1835-1845) entra como um fator de atenção para o Império do Brasil.

O presidente Rivera mantinha boas relações com os Farroupilhas, o que fazia com que o governo imperial não confiasse, com razão, na neutralidade dele na disputa que se travava no Rio Grande do Sul, mas tinha que tolerá-lo pois seu opositor, Oribe era visto como instrumento de Rosas. Este, porém, não tinha interesses em comum com os Farroupilhas porque eram, afinal, concorrentes dos produtores argentinos de charque quer quanto ao acesso ao gado das fazendas uruguaias quer do mercado consumidor representado pelos escravos brasileiros. (DORATIOTO, 2014, p.25).¹⁰²

Em 1843, o governo de Pedro II tentou uma aliança com Rosas para que retirasse suas tropas do Uruguai para pacificar o país e o Rio Grande do Sul, sendo que a Marinha do Brasil bloquearia Montevideú, além de pontos litorâneos controlados por Rivera e a Confederação Argentina forneceria cavalos para o combate aos revoltosos no Rio Grande do Sul¹⁰³. Contudo, o acordo não foi firmado e a Revolução Farroupilha duraria até 1845¹⁰⁴.

Se a Revolução Farroupilha durou dez anos, os efeitos do “Decênio glorioso” são percebidos até hoje no Rio Grande do Sul como um episódio formador da identidade dos gaúchos, como explicitado anteriormente. Assim, não é de se estranhar que em 1935 um evento comemorativo fosse organizado nas esferas estadual, municipal e federal com o objetivo de valorizar uma narrativa heroica dos Farrapos. Contudo, a Exposição do Centenário Farroupilha está inserida em um contexto histórico iniciado no século XIX: a realização das Exposições Internacionais.

demais governadores, exceto pela delegação dada por eles para que representasse no exterior as províncias argentinas. Ibid, p. 23.

¹⁰² Ibid. p. 25-26.

¹⁰³ Ibid. p. 26.

¹⁰⁴”Havia, contudo, ambiguidade na postura do Império na medida em que também não lhe interessava uma Argentina instável, com regiões lutando entre si, comprometendo a segurança da navegação nos rios da região e colocando em risco a estabilidade regional. Em síntese, ao Estado Monárquico Brasileiro, interessava uma Argentina estável politicamente, mas que não tivesse capacidade de rivalizar com o Brasil.” DORATIOTO, Francisco *O Império do Brasil e a Argentina (1822-1889)*. Textos de história. Revista do Programa de Pós-graduação em história da UNB. Brasília, v.16, n.2, 2008, p.217-247, 2008, Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Brasília, p. 226.

3 EXPOSIÇÕES NACIONAIS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

A segunda metade do século XIX e início do século XX foram marcados por uma tendência europeia: as chamadas Grandes Exposições Internacionais. Nesses eventos, as grandes potências europeias mostravam ao mundo seu triunfo econômico e o progresso industrial (levando em conta uma visão eurocêntrica), fruto das revoluções industriais, como Eric Hobsbawn (1996) bem descreve esse tipo de iniciativa.¹⁰⁵ Esses eventos também eram canais de difusão de conhecimento, além de um local onde invenções eram apresentadas ao grande público, movimentando uma economia de mercado que se desenvolvia com maior dinamismo e se intensificava graças às novas invenções tecnológicas, ocasionando disputas imperialistas por mercados¹⁰⁶. Nessa esteira das Exposições Internacionais, o Brasil também começou a organizar suas exposições no início do século XX, no intuito de construir e consolidar uma identidade nacional.

3.1 As Exposições – breve histórico

A primeira Exposição Internacional ocorreu em Londres em 1851 dando início a um evento caracterizado por não só expor ao mundo as maravilhas do mundo moderno europeu, mas também apresentar seres humanos escravizados ou tribos indígenas, enfatizando a diferença existente entre o mundo “moderno” europeu e os “bárbaros” de outras partes do mundo.¹⁰⁷ O Brasil estava inserido nesse contexto das exposições internacionais desde 1862, em Londres, quando o Imperador D. Pedro II fez um trabalho de selecionar quais produtos brasileiros seriam expostos ao mundo. Foram escolhidos café, chá, erva-mate, guaraná, arroz,

¹⁰⁵ HOBBSAWN, Eric. *A era do Capital, 1848-1875*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1996, pp.57 58.

¹⁰⁶ MACHADO, Marina Monteiro; MARTINS, Monica de Souza Nunes. A modernidade nas teias da floresta: o Brasil na exposição Universal da Filadélfia de 1876. **Geosul**, Florianópolis, v. 32, n. 65, p. 68-86, nov. 2017. ISSN 2177-5230. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2017v32n65p68>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

¹⁰⁷ Ibid, p. 03.

borracha, tabaco, madeira, fibras vegetais, abelhas, algodão e ferro; além de maquinaria em geral, materiais de estradas de ferro, construção civil, telégrafo e armamentos militares.¹⁰⁸

O perfil apresentado pelo Brasil, entretanto, é bem diverso, indicando a convivência entre dois aspectos distintos: por um lado a, a intenção e o comprometimento de alguns setores da sociedade com um processo de modernização; por outro, a intencional exibição de um tradicionalismo que despertava a atenção daqueles que visitavam os *stands* brasileiros nas feiras internacionais. (MACHADO, 2017, p.07)

¹⁰⁹

Em 1876, na Filadélfia, ocorreu uma exposição para comemorar o centenário da Revolução Americana e o Brasil foi representado pelo próprio Imperador D.Pedro II. Seriam expostos os produtos selecionados por uma comissão organizadora da exposição nacional que criara um catálogo apresentando as características geográficas do Império Brasileiro e a diversidade regional.

Em 1889, na França, ocorreu em comemoração ao centenário da Revolução Francesa; e em 1893, outra em Chicago, celebrando os 400 anos da chegada de Cristóvão Colombo à América. No Brasil, em 1922, foi organizada a Exposição Internacional do Centenário da Independência, com certeza um modelo de organização de feira que seria utilizado pelos gaúchos em 1935. Cabe recordar, que nessa época, mais precisamente no fim da década de 1920 e início da década de 1930, o Brasil começava a se discutir como país e, de que forma a República, proclamada em 1889, seria conduzida pelas mesmas forças oligárquicas que a proclamaram.

3.2 Cenário político brasileiro na década de 1930 e a criação de uma identidade

No caso específico do Rio Grande do Sul, na década de 1930, o estado esteve ao lado da Paraíba e Minas Gerais (Aliança Liberal) contra a Oligarquia paulista, fato que ajudou a levar Getúlio Vargas ao poder. A oligarquia gaúcha se mantinha unida até 1932, quando o centralismo político imposto por Vargas desagradara uma parte dessa elite, fazendo com que parte dela se alinhasse aos paulistas.

¹⁰⁸ Ibid, p. 05.

¹⁰⁹ Ibid, p. 07.

O governo Vargas desagradava tanto àqueles desejosos de uma autonomia regional quanto os que pretendiam uma política mais liberal para o estado. Além disso, fazia-se necessário, na visão dos dois grupos que eleições fossem convocados o mais breve possível. (CERONI, 2009, p.67).¹¹⁰

A revolta das elites regionais seria ainda maior após a promulgação da Constituição de 1934, cujo teor centralizador desagradava aos governantes dos estados brasileiros, estando incluídos nesse grupo o governador do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha. Depois de tomado o poder, alguns pontos não pacificados dentro da Aliança Liberal precisaram ser discutidos e acabaram dividindo o grupo que chegara ao poder. Uma das discussões vigentes girava entorno do tempo de duração desse governo provisório. Um grupo defendia a imediata volta da democracia ao país, enquanto outro entendia ser necessário para isso que as reformas sociais fossem colocadas em prática. Nesse segundo grupo, podemos encontrar alguns tenentes, que desde a década de 1920 lutavam contra o poder das oligarquias.

Outra discussão dizia respeito ao modelo de Estado a ser adotado. Alguns oligarcas dissidentes dos estados mais fortes desejavam um estado liberal, com pouca intervenção na economia e federativo. Como isso, os poderes da União seriam limitados e os estados teriam mais autonomia. No campo oposto, os estados do Norte e Nordeste queriam, por sua vez, um estado mais interventor que os protegesse das grandes oligarquias, paulista, mineira, e carioca, principalmente.

Nesse cenário já bastante conturbado, podemos somar o fato de que agora os governadores não eram mais eleitos, mais indicados pelo governo federal, na condição de interventores. Em 1935, O Partido Republicano Liberal (PRL) - resultado da cisão do Partido Republicano Rio-Grandense que apoiava Vargas, após a divisão da elite gaúcha em 1932 - era um grande artífice na elaboração de um plano político para reagrupar essa elite local cindida entre aqueles que apoiavam Vargas e os que queriam uma maior autonomia dos estados frente ao governo federal. Dessa forma, o Rio Grande do Sul, agora unido, tomava o lugar de São Paulo na centralidade política do Brasil ao ter um representante da sua oligarquia como presidente do Brasil. Porém, os gaúchos necessitavam mostrar ao país que esse protagonismo não se limitava ao aspecto político, mas também ao econômico, com a força de sua agricultura.

¹¹⁰ CERONI, Giovanni Costa *A exposição do Centenário da Revolução Farroupilha nas páginas dos jornais Correio do Povo e a Confederação*. Dissertação (Mestrado em história), 2009, 161f. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, p. 67.

Como dito anteriormente, as exposições internacionais serviam para divulgar os feitos das chamadas sociedades modernas pelo mundo. Portanto, não seria estranho imaginar que em 1935, em pleno governo de Getúlio Vargas, um gaúcho que, junto com seu grupo político, desafiou a oligarquia de São Paulo, chegando ao poder em 1930, os gaúchos aproveitassem a oportunidade para, assim como os europeus do século XIX, fazer a sua Exposição Universal, no caso a Exposição do Centenário Farroupilha em 1935, evento que começou a ser organizado a partir de 1934, um ano após a eleição do governador Flores da Cunha. Assim, percebemos uma engenhosa estratégia por parte de Cunha para tentar se perpetuar na história gaúcha como o governador à frente da Exposição do Centenário Farroupilha, em um momento no qual o Brasil procurava definir traços de sua identidade. Por sua vez, com a identidade local fortalecida, Flores da Cunha poderia barganhar por mais autonomia frente a Vargas, podendo até mostrar ao mandatário máximo do país que devia respeitar as peculiaridades de cada ente da Federação, intervindo menos nos assuntos locais.

Nessa esteira de eventos que buscavam caracterizar uma identidade seja regional ou nacional, não podemos deixar de mencionar o movimento modernista de 1922. Um dos mentores desse evento, Oswald de Andrade prega uma independência cultural por parte do Brasil. A igreja católica e todos os elementos europeu que formaram parte de nossa identidade são criticados por ele. Na opinião de Andrade, deveríamos criar uma cultura genuinamente brasileira, livre das amarras de nossos descobridores, um movimento antropofágico: absorver elementos de outra cultura, mas devolver ao mundo com nossas características. Com relação aos nossos referenciais políticos, ele refutava a ideia que a Revolução Francesa devesse ser usada como exemplo para nossa sociedade. Não teria cabimento, na visão de Andrade, falar em Declaração dos Direitos do cidadão em um país em que é difícil se definir o que realmente é preciso fazer ou ter para ser considerado como um cidadão.¹¹¹

Outro evento importante para a construção da nacionalidade brasileira ocorreu também em 1922, a Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil. O evento foi sugerido pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio e proposto ao congresso pelo senador Paulo de Frontin em agosto de 1920.

Pelo Decreto nº 4.175, de 11 de novembro de 1920, foi enfim determinada a realização da exposição dentro do programa de comemorações do Centenário. A regulamentação oficial das atividades comemorativas só ocorreu quase um ano

¹¹¹ TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro; apresentação dos principais poemas metalinguísticos, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972*. 19. ed revista e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

depois, com o Decreto nº 15.066, de 24 de outubro de 1921, que previa, além da exposição, a realização de numerosas conferências e a publicação de dicionários, mapas e livros comemorativos.¹¹²

O Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio organizou a exposição, dando relevância à lavoura, à pecuária, à pesca, à indústria extrativa e fabril, ao transporte marítimo, fluvial, terrestre e aéreo, aos serviços de comunicação telegráficos e postais, ao comércio, às ciências e às belas artes.¹¹³ Como consequência para cidade do Rio de Janeiro, o Morro do Castelo foi demolido para a construção dos pavilhões, fato que gerou um intenso debate na sociedade carioca. Modernidade X Tradição era um embate a ser enfrentado pelos moradores do Rio de Janeiro que viam diante dos seus olhos uma grande mudança no espaço urbano da cidade.

No dia 07 de setembro de 1922, era inaugurada a Exposição do Centenário da Independência do Brasil contando com a participação de representantes de treze países¹¹⁴ instalados na Avenida das Nações, que se estendia do antigo Arsenal até o palácio Monroe: Apenas quatro dos prédios construídos para o evento resistiram ao tempo e à especulação imobiliária: o Pavilhão da Administração (Museu da Imagem e do Som); o Palácio da França (Academia Brasileira de Letras); o Palácio das Indústrias (Museu Histórico Nacional); e o Pavilhão de Estatística (órgão do Ministério da Saúde).

Passadas as festas de inauguração, a exposição ficou aberta aos visitantes que, oriundos da capital e dos outros estados, acorreram em massa aos palácios e pavilhões, bem como ao alegre e movimentado parque de diversões. Os registros

¹¹² MOTTA, M. *Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil*. Disponível em: <<http://atlas.fgv.br/verbetes/exposicao-internacional-do-centenario-da-independenciado-brasil>>. Acesso em 16 de janeiro de 2018.

¹¹³ Para cumprir o objetivo de “ser a expressão da vida econômica e social do Brasil em 1922”, a parte nacional da exposição se comporia de 25 seções representativas das principais atividades do país: educação e ensino; instrumentos e processos gerais das letras, das ciências e das artes; material e processos gerais da mecânica; eletricidade; engenharia civil e meios de transporte; agricultura; horticultura e arboricultura; florestas e colheitas; indústria alimentar; indústrias extrativas de origem mineral e metalurgia; decoração e mobiliário dos edifícios públicos e das habitações; fios, tecidos e vestuários; indústria química; indústrias diversas; economia social; higiene e assistência; ensino prático, instituições econômicas e trabalho manual da mulher; comércio; economia geral; estatística; forças de terra e esportes. A seleção dos expositores seria feita por comissões julgadoras encarregadas de dar parecer sobre a escolha conveniente dos produtos expostos, bem como de avaliar a qualidade e a quantidade daqueles que deveriam ser admitidos na exposição. Estavam ainda previstas atividades paralelas, como a exibição de filmes sobre assuntos que se relacionassem com a produção nacional e as riquezas naturais do país, bem como a realização de conferências sobre temas econômicos. *Ibid.*, p. 3.

¹¹⁴ Estados Unidos, Argentina, México, Inglaterra, França, Itália, Portugal, Dinamarca, Suécia, Tchecoslováquia, Bélgica, Noruega e Japão. *Ibid.* p. 4

apontam para o mês de fevereiro de 1923, considerado fraco pelo calor que assolava a cidade, uma frequência de 175 mil visitantes, com piques de até 14 mil pessoas em um só dia. (MOTTA)¹¹⁵

Treze anos após o início da Exposição Internacional do Centenário Independência do Brasil, começava em Porto Alegre a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha de 1935, no dia 20 de setembro e duraria até 15 de janeiro de 1936, quando foi inaugurada a estátua equestre de Bento Gonçalves, no Parque Farroupilha, local da Exposição.

3.3 Apresentando a Exposição do Centenário Farroupilha

A Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha foi idealizada pela Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (FARSUL), com o apoio da prefeitura de Porto Alegre e do Governo do Rio Grande do Sul e organização do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), produtor de muitos trabalhos a respeito do tema. Vale ressaltar que Walter Spalding, autor de diversos livros sobre a Revolução Farroupilha, foi o responsável pelo Pavilhão Cultural da Exposição que reuniu obras de artistas e colecionadores, sendo, inclusive tema de uma matéria do jornal *Correio do Povo*.

Uma das maravilhas do grandioso certame do Campo da Varzea é, sem dúvida, o Pavilhão Cultural instalado no imponente edifício da Escola Normal, cuja construção foi há pouco terminada. Todas as salas desse vasto edifício foram consagradas as demonstrações culturais, que irão patentear na Exposição Farroupilha o desenvolvimento do Rio Grande do Sul nos domínios das artes plásticas, da literatura, da música, da ciência, da pedagogia e outros departamentos da actividade intelectual.¹¹⁶

Arquitetonicamente, os pavilhões representavam uma tendência do início do século XX, baseado no modernismo, característica já observada na Exposição do Centenário da Independência do Brasil em 1922, no Rio de Janeiro. O Rio Grande do Sul utilizara uma arquitetura característica dessa década na cidade de Porto Alegre para mostrar que estava em compasso com as ideias que povoavam as demais capitais brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo. De acordo com Giovanaz (2017), o Instituto de Educação Flores da Cunha,

¹¹⁵ Ibid.

¹¹⁶ A inauguração do Pavilhão Cultural. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.10, 22 de set.1935.

construído para sediar a o Pavilhão Cultural, teve características arquitetônicas ecléticas e funcionais, assim como os prédios construídos para as exposições de São Paulo e Rio de Janeiro, como citado anteriormente.¹¹⁷ A Exposição estava no interior do embate entre Getúlio Vargas, então Presidente da República que vislumbrava centralizar cada vez mais seu poder, relegando os estados a segundo plano, e Flores da Cunha, governador do Rio Grande do Sul, e opositor político de Vargas. Cunha era contrário a essa centralização, pois entendia ser esse um artifício para a perda de autonomia dos estados perante o Governo Central.

O jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre fez uma edição comemorativa dos 100 anos do início da Revolução Farroupilha, no dia 20 de setembro de 1935. Necessário lembrar que nesse instante o Brasil já era governado por Getúlio Vargas, ainda não na ditadura do Estado Novo, um momento no qual a oligarquia gaúcha necessitava se afirmar como dominante no momento. Evidentemente, que os feitos do passado deveriam ser ressaltados.

A presença de Vargas foi noticiada no periódico, sob o título “O Rio Grande vibrante de entusiasmo cívico, assiste à passagem do centenário da data máxima de sua história”.¹¹⁸ Junto a várias autoridades, o Presidente da República assistiu à parada militar que contou com cerca de 15.000 homens no Parque Farroupilha. Na ocasião, foi inaugurada uma exposição de indústrias de alguns estados, por Getúlio Vargas, e houve um prêmio de turfe¹¹⁹.

Algumas empresas instaladas em Porto Alegre fizeram questão de anunciar a participação nas comemorações do centenário da Revolução Farroupilha. A *Ford Motor Company* participou das comemorações com um *stand*. O *Diário de Notícias* também informou a participação da Casa Masson no evento comemorativo. Ou seja, a iniciativa privada tomava parte no evento como forma de promover seus produtos e serviços, exaltando o viés identitário do evento.

Tratando da parte logística da Exposição, o evento contou com o apoio econômico da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul e do Centro de Indústria Fabril, além da participação de membros do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS), grande artífices da construção de um discurso visando valorizar os feitos dos Farrapos. O sucesso do evento pode ser representado nos números: foram 3.080 expositores de sete

¹¹⁷ GIOVANAZ, Marlise Maria. *As Exposições Universais e seu impacto museológico: o caso da Exposição do Centenário Farroupilha, Brasil*. Revista Vox Musei arte e patrimônio. Vol.1, p.318-329, jan/jun 2013, p. 327.

¹¹⁸ *Diário de Notícias*, 20 de setembro de 1935 in Barbosa, Eni. *Levantamento de fontes sobre a Revolução Farroupilha*. 1ª ed. Porto Alegre: Fundação Mudes, 1986, p. 08.

¹¹⁹ Nos capítulos quatro e cinco, observaremos com mais cuidado a cobertura da imprensa sobre o evento.

estados e de setores importantes da economia do Rio Grande do Sul, além da participação de representantes do Uruguai, Paraguai, da Argentina e Itália, distribuídos em dezessete pavilhões.

Tratando da questão do Parque Farroupilha como local de celebração desse evento comemorativo na capital do Rio Grande do Sul e ainda hoje como ponto que remete à Revolução Farroupilha, trabalhamos com o pensamento de Maurice Halbwachs. De acordo com sua visão, cada grupo deve atuar como resistentes às forças que tenderiam a transformar os lugares que ocupam, pois, resistindo a possíveis mudanças essa memória coletiva consegue continuar se apoiando em tais imagens espaciais. Halbwachs ainda ressalta que um grupo pode desfazer o que foi estabelecido por outro, fato que transformaria a luta pela a manutenção de um espaço como uma batalha pela sobrevivência de uma memória.

De acordo com o pensamento de Halbwachs:

Ainda não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso a que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças apareça. (HALBWACHS, 2015. p. 170)¹²⁰

Ao ler os jornais da época, observa-se como o parque se tornou um local preferido dos porto-alegrenses antes do início do evento:

A Exposição já está se tornando o ponto de atração mais importante da cidade. Para lá convergem todas as tardes multidões de passeantes realizando ali a parada da elegância, até que o Comissariado venha a fechar os portões, o que se dará amanhã. Mas não é só nossos elegantes e curiosos que se dirigem para a Exposição, fazendo daquele parque o centro preferido de ‘footing’. As nossas classes dirigentes e as mais representativas das nossas atividades também vão convertendo a Exposição no ponto obrigatório das suas reuniões e dos seus encontros.¹²¹

A ocasião do centenário do início da Revolução Farroupilha tomou grandes proporções por todo Estado, principalmente em Porto Alegre, capital estadual. Ao relembrar os feitos dos Farrapos, o Rio Grande do Sul procurou se reafirmar como uma unidade com identidade própria, sem cometer o equívoco de ser anacrônico e se pautar apenas nos feitos do passado. A Exposição buscava no passado a inspiração, mas mostrava a riqueza econômica da

¹²⁰ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2015. p. 170.

¹²¹ Inaugura-se a 20 do corrente a Exposição do Centenário Farroupilha Terá início amanhã a colocação dos mostruários do pavilhão. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, p. 03, 01 de setembro de 1935.

região, cabendo lembrar que A Federação de Agricultura do estado era uma das principais organizadoras.

Assim, no evento de 1935, observamos uma tentativa de reafirmação dos valores gaúchos, potencializados com os feitos dos Farrapos, para nunca deixar cair no esquecimento o evento mais importante do calendário do Rio Grande do Sul, como certa afirmação de identidade, imprimindo um caráter patriótico ao episódio. Sem dúvida que encontrar essa modulação entre orgulho local e patriotismo não seria fácil.

O historiador Walter Spalding foi o responsável pelo Pavilhão Cultural do evento organizado e promovido por órgãos governamentais. Esse ambiente da Exposição contemplava obras de pedagogia, pintura, arquitetura, escultura, música, literatura, fotografia e imprensa. A escolha de Spalding faz sentido por se tratar de um intelectual de visão pró-nacionalista e, como já tratamos anteriormente, o evento significou a afirmação do discurso heroico dos Farrapos como preponderante. Sandra Jatahy Pesavento (2003) indica que enquanto se acentuava na década de 1930 a perda da relativa posição de destaque do Rio Grande Sul na economia nacional, bem como a centralização política e administrativa, levada a frente pelo governo Vargas, diminuía as chances de barganha com o centro. Pesavento (2003) acrescenta que vigorava no estado do Rio Grande do Sul um clima de euforia e crença, que “cooperava com o progresso nacional” do pós-30 e conclui que, indiscutivelmente, em 1935, o acontecimento buscou estabelecer um verdadeiro marco, juntando passado e presente e insinuando o próprio futuro, que se acreditava ser de pujança econômica.

Em suma, o Rio Grande procurava evidenciar o progresso e se despojar de um passado que o nobilitava.¹²² Duas notícias dão conta da grandiosidade do evento que estava para começar: o *Correio do Povo* dedica uma pequena parte de seu noticiário com uma informação dando conta que o Sindicato dos proprietários de hotéis e alojamentos, preocupados com a grande procura por lugares para ficar na época do evento, decidiu criar uma secção especial, junto com seu sindicato para atender à grande demanda de visitantes esperados na cidade em setembro. Acrescente-se a nota oficial dos organizadores sobre a preocupação em relação a instalação dos visitantes em Porto Alegre

Alojamentos¹²³

Estando já tomados todos os hotéis e pensões em Porto Alegre, até meados de outubro próximo, e sendo difícil acomodar a totalidade dos visitantes que, em

¹²² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003, p.13.

¹²³ Através do Estado. Alojamentos. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 8, 12 de setembro de 1935.

multidões, serão atraídos pela Exposição do Centenário Farroupilha, aconselha-se a todos quanto queiram assistir ao grandioso certame que adiem a visita para novembro, dezembro ou janeiro próximos ou, se quiserem vir antes, que o façam sómente depois de reservar hospedagem informando-se a respeito com o Departamento de Alojamentos deste Comissariado, à Rua dos

Andradas n.1073, 2º andar – Endereço telegráfico e fonográfico ‘Farrapos’¹²⁴

Já em relação aos produtos a serem expostos no evento o Diário de Noticiais do dia 13 de setembro tinha a seguinte nota:

Lloyd brasileiro vai conceder abatimentos aos mostruários destinados à exposição. Todas as companhias de navegação e as estradas de ferro que mantem serviço regular como Rio Grande do Sul vão conceder abatimento nas passagens a todos os quantos se destinam à Exposição do Centenário Farroupilha. Além desse abatimento, muitas outras dão transporte gratuito ou redução para todos os mostruários.

Assim também o Lloyd brasileiro resolveu conceder abatimento não só nas passagens como também nos fretes dos mostruários.

A propósito do dr. Mario de Oliveira, secretário geral da Exposição acaba de receber do vice-almirante Graça Aranha, diretor do Lloyd, um ofício comunicando haver confirmado as concessões autorizadas as suas agencias, as quais são as seguintes:

- 50% (cinquenta por cento) sobre o frete do mostruário destinado a essa Exposição, e
- 40% (quarenta por cento) sobre o valor das passagens que forem adquiridas pelos visitantes a mesma.¹²⁵

No dia 03 de setembro, o *Diário de Notícias* informava que no dia seguinte começaria a colocação dos mostruários dos expositores inscritos e a instalação dos *stands* nos pavilhões¹²⁶. De acordo com o jornal, os mostruários provinham de outros estados e de diversos municípios do interior. Sobre os *stands*, o jornal informava:

Pela sua grandiosidade tem de ser construídos nos próprios locais em que figurarão, dos quais muito estão bem adiantados devem ser concluídos com brevidade para permitir a colocação dos mostruários em tempo suficiente para que nada percam em beleza e linha de elegância. Por esses motivos, o Comissariado Geral deliberou fechar todos os portões da exposição, a partir de amanhã, devendo ser suspensa a visitação pública que era cada vez mais intensa nos últimos dias. Assim, a partir de

¹²⁴ Ibid.

¹²⁵ Lloyd brasileiro vai conceder abatimentos aos mostruários destinados à exposição. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, p. 05, 13 de setembro de 1935.

¹²⁶ Inaugura-se a 20 do corrente, a Exposição do Centenário Farroupilha. Terá início amanhã a colocação dos mostruários do pavilhão. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.3, 3 de setembro de 1935.

amanhã, só será permitida a entrada no parque ocupado pela Exposição aos empregados e organizadores dos ‘stands’ e mostruários.”¹²⁷.

Já O Jornal *Diário de Notícias*, foi o único a noticiar em suas páginas a matéria intitulada *Vigilância Policial durante as festas do Centenário Farroupilha*¹²⁸, informando que a chefatura de polícia se organizava para a Exposição. A preocupação da ida de corpos policiais ao local, preteritamente, tinha o objetivo de organizar ações para, principalmente, reprimir os batedores de carteira. O prefeito de Porto Alegre, Alberto Bins, também esteve presente na ocasião. Criticamente, observamos que o evento era para todos os gaúchos, *pero no mucho*, já que os o governo do estado e a prefeitura de Porto Alegre não podiam correr o risco de que algum cidadão “indesejável” e não convidado para o evento estragasse a paz daqueles que fossem à Exposição.

Aberta a exposição, os estados brasileiros se fizeram representados nos *stands* montados no Parque da Redenção, com os jornais da época dando grande destaque aos estados que se faziam presentes no evento. Páginas inteiras descreviam como cada pavilhão se encontrava montado. O estado do Pará foi considerado um dos mais belos dos eventos pela imprensa da época¹²⁹, muito em virtude das características marajoaras, tendo seu edifício configurado pela arquitetura dos povos da raça inca que habitaram a Ilha de Marajó nos primórdios, de acordo com estudos arqueológicos apontados pelo jornal *Correio do Povo*.¹³⁰

O Pavilhão de Pernambuco tinha área de 600m² e ficava à direita do pórtico de entrada. O *hall* interno tinha altura de cinco metros e oitenta centímetros preparados para receber grandes expositores. Foram homenageados no local, fatores de exploração, fabrico, indústria e comércio da farinha de mandioca, peixes, frutas doces, tecidos e açúcar. Cerca de sessenta empresas expuseram seus produtos no local.¹³¹

¹²⁷ Ibid.

¹²⁸ *Vigilância Policial durante as festas do Centenário Farroupilha. Diário de Notícias*. Porto Alegre, 01 de setembro de 1935. Suplemento.

¹²⁹ As principais empresas da época que apresentaram seus produtos foram Manoel Pedro e Cia; Bitar e irmãos (produtos derivados da borracha) e Pharmacia Santos. A representação de vários Estados no grande certamen. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 03, 21 setembro de 1935.

¹³⁰ O pavilhão era dividido em três grandes salas em um total de 320m², com o centro de plano mais elevado que as outras partes, Na parte externa, o local era iluminado de uma forma que as quatro faces do local recebia “banhos de luz” fazendo com que o à noite o local estivesse sempre em evidência em relação aos outros. Ibid.

¹³¹ Ibid.

O Distrito Federal construiu seu pavilhão no estilo Mourisco com uma área total de 500 m² com área utilizada pelo *stand* cerca de 250 m², estado ao lado do pavilhão do Pará¹³². A iluminação externa do pavilhão era em gás neon e a na entrada principal havia uma reserva para o Club de Turismo do Distrito Federal.¹³³

Minas Gerais teria seu pavilhão entre os do estado de Santa Catarina e Paraná, na Avenida dos Estados, com 510 m². A fachada do seu pavilhão, Minas Gerais deixaria em destaque o mapa do estado em alto relevo e luminoso com gás neon, fato que causava um grande efeito visual nos visitantes da Exposição.³¹ Internamente, não havia subdivisões.¹³⁴ Outro estado bem representado foi o do Paraná que estava ao lado de Minas Gerais e o Agricultura, em frente ao pavilhão de São Paulo. A área ocupada era de 300m² com um estilo moderno onde a iluminação era seu ponto forte, fato que fez dele um ponto de visitaçao quase obrigatório da Exposição.¹³⁵

Ressaltando a permanência de laço de união entre os dois povos, cabe indicar que a colônia uruguaia residente no Rio Grande do Sul oferecera uma estátua do laçador ao povo gaúcho por conta das comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha¹³⁶. Gaúchos e uruguayos manteriam, assim, sua ligação fraternal e a fronteira, mais uma vez se transformaria em espaço comum dos dois povos. Já colônia argentina também homenageou seus anfitriões ao colocar uma placa alusiva ao evento na praça Argentina, localizada no Centro Histórico de Porto Alegre. A notícia foi uma das principais do jornal *Correio do Povo* de 15 de setembro de 1935.¹³⁷

¹³² A lista de empresas expostas no Pavilhão era grande com destaque para a Phillips do Brasil S.A, levando ao Rio Grande do Sul material elétrico e rádios; a Texas, Atlantic e Alglo Mexican Petroleo; o laboratório Biológico Raul Leite. Ibid.

¹³³ Ibid.

¹³⁴ Nos grandes *stands* a decoração esteve a cargo de Oswando Piancastelli e contaria com a exposição de importantes empresas como Belga Mineira, Uzio Esperança, Barbará S.A Usina Goiceix e Queiroz Junior. Ainda havia mostruários de tecidos, vinhos, madeiras e laticínios. Outra atividade de Minas exposta seria do extrativismo de minério, ferro e mármore.

¹³⁵ Foram expostos objetos de madeira de pinheiros do Paraná. A empresa Essenfender e Cia mostrou pianos totalmente construídos por madeiras do Paraná. Também havia cervejas feitas naquele estado e do Instituto do Matte.

¹³⁶ Estreitando a relação de amizade entre Uruguay e o Rio Grande do Sul. Oferta de um monumento simbolizando um gaúcho. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.6, 12 de setembro de 1935.

¹³⁷ As festividades do Centenário Farroupilha. A colônia argentina prestará uma homenagem ao Rio Grande do Sul. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.12, 15 de setembro de 1935.

O jornal ainda informava que a Exposição já estava se tornando o ponto de atração mais importante da cidade, onde multidões se dirigiam. O ponto era tão concorrido que o Centro de Indústria Fabril e a Federação Rural do Rio Grande do Sul resolveram realizar as suas sessões semanais no restaurante da Exposição. Além disso, a grandiosidade da Exposição foi explorada na edição de 05 de setembro de 1925 do *Correio do Povo*¹³⁸. Os custos para iluminação local chegavam a duzentos contos de reis, uma quantia alta para a época, com consumo de 400 kw/h. Haveria iluminação por quatro horas, tanto nas áreas comuns como nos *stands*. No dia 07 de setembro, cento e treze anos após a Independência política do Brasil em relação a Portugal, o *Diário de Notícias* informava a viagem de uma comitiva carioca formada por grandes nomes da sociedade carioca, entre políticos e da grande sociedade da então capital federal para fazer parte dos festejos. Todos vieram de navio e ficaram hospedados no mesmo. Outra notícia dá conta da presença de representações de Pernambuco e Amazonas¹³⁹. Assim, as comitivas começavam a se deslocar de seus estados para o Rio Grande do Sul, sendo notícia nos jornais locais que vibraram com o sucesso e atenção despertada pelo evento no restante do país.

Com relação aos preços dos ingressos, a entrada geral custaria 2\$000; meia-entrada (menores de 12 anos) 1\$000; entrada popular 1\$000; meia \$500 e entradas especiais 3\$000 e 2\$000. Para se ter uma ideia do valor, o jornal *Correio do Povo* custava cerca de \$300. Ou seja, o valor dos ingressos era acessível a grande parte da população de Porto Alegre e ainda as entradas especiais só seriam disponibilizadas em dias determinados pelo Comissariado Geral e destinados à população pobre. Para os pavilhões, o parque de diversão e Cassino não seriam cobradas entradas.¹⁴⁰ Ou seja, a estratégia de massificar o evento estava em consonância com o objetivo de envolver toda ou a maior parcela possível da população de Porto Alegre na Exposição

Ainda nesse dia, o *Correio do Povo* publicava uma nota da visita da polícia à exposição que ainda estava sendo montada. Porém, o destaque era a informação de um

¹³⁸ A Exposição do Centenário Farroupilha. A iluminação do pavilhão de Indústria rio-grandense – Um jacto d'água de 30 metros de altura – Outros informes. *Correio do Povo*. p.11, 05 de setembro de 1935.

¹³⁹ Notícias gerais. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, p.4, 07 de setembro de 1935.

¹⁴⁰ Exposição Farroupilha. Prosseguem os preparativos para a sua inauguração a 20 do corrente - Outros informes do grandioso certame. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p.07, 07 de setembro de 1935.

monumento equestre de Bento Gonçalves a ser instalado no pórtico ao fim do evento.¹⁴¹Sobre a participação de colégios no evento inaugural, a seguinte nota foi publicada:

No dia 20 de setembro,  hora da inauguração da Exposição do Centenário terá loigrar uma grande parada infantil no qual os collegiaes cantaro o Hymno Nacional e o Hymno Rio Grandense, por ocasião da passagem do presidente da República, governador do Estado e demais autoridades. (...)No pavilhão cultural da Exposição será feita uma exposição pedagógica, da qual participarão os estabelecimentos de ensino público e particular de acordo com organizações feitas pelo professor Tupy Caldas, delegado especial desta secretaria, de harmonia com o senhor Walter Spalding , director daquele pavilhão.¹⁴²

Para entendermos a importância simbólica da Exposição do Centenário Farroupilha, como evento reafirmador de uma identidade local, utilizaremos no próximo capítulo alguns apontamentos teóricos de Fernando Catroga e Maurice Halbwachs no próximo capítulo.

¹⁴¹ Ibid.

¹⁴² Os estabelecimentos de ensino e os festejos Farroupilhas. Uma nota do secretariado de Educação e Saúde Pública. *Correio do Povo*, p.09, 07 de setembro de 1935,

4 EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO FARROUPILHA: ANÁLISES CONCEITUAIS SOBRE O EVENTO

Escolhemos dois artigos para usar como base da análise da Exposição do Centenário Farroupilha: um artigo de Marlise Maria Giovanaz denominada *As Exposições Universais e seu impacto museológico: o caso da exposição do Centenário Farroupilha (2013)*¹⁴³ e outro de Mara Cristina de Matos Rodrigues, *A Releitura do passado Farroupilha no IHGB (2013)*¹⁴⁴. O fato de termos ao menos dois artigos acadêmicos a respeito do evento, indica que, mesmo de uma forma tímida, a Exposição do Centenário Farroupilha ainda mobiliza intelectuais a pensar o que foi aquele evento ocorrido em 1935.

Giovanaz entende a exposição do Centenário Farroupilha de 1935 como propulsora na produção de representações e de imaginários sociais do Rio Grande do Sul na década de 30 do século XX. Ao longo de seu artigo, sustenta a ideia de que o evento, com duração de quase cinco meses, foi importante para que o Rio Grande do Sul reformulasse sua imagem, ressaltando a importância de seu patrimônio e herança cultural, produzindo sentido sobre o passado e sobre o presente do estado.

No que nos interessa analisar, na visão de Giovanaz, a Exposição do Centenário Farroupilha é observada como momento de ruptura de um pensamento característico dos gaúchos de fazer de Porto Alegre uma cidade voltada para o futuro, relegando a um segundo plano seu passado. Podemos observar tal característica com a drenagem do Parque Farroupilha, para receber os visitantes da feira e se transformar em um local de peregrinação para aqueles desejosos em fazer parte das festividades.

Giovanaz também afirma que a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha funcionou como um elemento preponderante para alçar a visão que indicava os Farroupilhas como vitoriosos na contenda contra o Império, além de mostrar a todos a grandeza cultural e econômica do estado do Rio Grande do Sul.

Em 2013, Mara Cristina de Matos Rodrigues publicou na Revista Tempo da Universidade Federal Fluminense (UFF)¹⁴⁵ uma releitura da Revolução Farroupilha no

¹⁴³ GIOVANAZ, Marlise Maria. *As Exposições Universais e seu impacto museológico: o caso da Exposição do Centenário Farroupilha, Brasil*. Revista Vox Musei arte e patrimônio, Vol.1, p. 318-329, jan/jun 2013.

¹⁴⁴ RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *A Releitura do passado Farroupilha no IHGB (1921-1935): memória republicana e legitimidades intelectuais*. Revista Tempo, vol.19 no. 35, Niterói/jul-dez. 2013.

¹⁴⁵ Ibid.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) entre 1920 e 1935. Rodrigues indica que a partir de 1935, o episódio tem lugar cativo na memória do Rio Grande do Sul, articulando tal estado com a memória nacional, a partir de uma produção historiográfica institucionalizada nos Institutos históricos nacional e regional (IHGRS).

Após um breve histórico das produções intelectuais que trataram do assunto desde o século XIX, Rodrigues analisa primordialmente a polêmica que envolveu Tristão de Alencar Araripe e Assis Brasil, sendo o primeiro legalista e o outro um defensor da causa dos Farrapos. Em síntese, o texto trata do ponto de vista divergente dos dois escritores, a saber que Araripe não considerava o movimento como movido por questões referentes a interesses gerais da Província, e sim, causas ligadas aos “caudilhos”, como Araripe designava os estancieiros e Assis Brasil entendia a revolução como um episódio decorrente da contradição entre o caráter centralizador do Império e os habitantes da província, que se julgavam relegados a segundo plano pelo Governo Central.

Quanto mais se aproximava a comemoração do centenário da Revolução Farroupilha, mais se observava a intenção de muitos intelectuais de recuperar a imagem de Bento Gonçalves e companhia, muito no campo em que entendia o republicanismo e o federalismo como exemplos de elementos antimonárquicos. Sem dúvida, existia a percepção dos órgãos oficiais e da imprensa local da importância de divulgar e promover o evento como sendo algo que orgulhasse todo gaúcho, mesmo se o mote para o evento fosse um capítulo controverso e tão caro ao Rio Grande do Sul como foi a Revolução Farroupilha. Em jogo, estava a produção e disseminação de um discurso por vezes reabilitador e, em até certo ponto, com tons épicos de algumas figuras importantes desse embate contra o Império do Brasil no século XIX. Cabe-nos, então, procurar entender quais estratégias foram utilizadas pela imprensa para perpetuar a Revolução Farroupilha na memória dos gaúchos, agindo como fator basilar de sua identidade regional.

No campo teórico, em 1932, após a vitória do gaúcho Getúlio Vargas contra os revoltosos constitucionalistas, Souza Docca precisou manobrar o conceito de “revolução” indicando o caráter federativo da revolta e não separatista. O discurso histórico, nesse caso, era manobrado a partir de interesses do presente para a construção da memória dos gaúchos. Nesse sentido, como mesmo indica Rodrigues, o IHGB foi um dos grandes mentores da reabilitação dos Farrapos, mas não podendo esquecer as batalhas literárias travadas em periódicos e nos comitês oficiais que trabalhavam para organizar as comemorações do centenário da Revolução Farroupilha.

4.1 A Exposição do Centenário Farroupilha contra o esquecimento

No intuito de analisar a Exposição do Centenário Farroupilha como uma forma seletiva de construir o passado em um território de embates entre a memória e amnésia, vamos analisar alguns rituais embutidos no evento.¹⁴⁶ Ao observar a importância da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha na manutenção da Revolução Farroupilha nos corações e mentes dos gaúchos, precisamos entender a importância da memória na luta contra o esquecimento.

Em seu texto, Fernando Catroga (2001) relembra o apontamento de Pierre Bourdieu, indicando os eventos comemorativos como tendo efeitos holísticos e que desempenham funções de sociabilidade.¹⁴⁷ Trabalhando com Catroga, observamos que o autor faz uma crítica aos “ritos coletivos”, que no caso da Exposição do Centenário Farroupilha foram institucionalizados, tratando-os como frios e ainda sendo alvo da mercantilização e das manipulações ideológicas.¹⁴⁸ Como ritos da Exposição, podemos citar os discursos das autoridades, os desfiles militares lembrando os feitos dos Farrapos, além, é claro, de todos o cerimonial de abertura das comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha.

Nesse caso, tendemos a concordar em partes com Catroga. Para isso, necessitamos dividir em duas partes suas afirmações. Ao pesquisar os jornais de 1935, percebemos o uso feito da Exposição por políticos que visitaram os *stands*, em Porto Alegre, no intuito de “colar” sua imagem ao evento, rendendo, assim, importantes dividendos ao seu capital político. Porém, a mercantilização das comemorações, nesse caso, não transformou a comemoração em algo frio, como indicado por Catroga, pois nota-se, através da leitura de jornais, o envolvimento de representantes de várias partes do Brasil que chegavam à eufórica capital Porto Alegre.¹⁴⁹

Já Maurice Halbwachs ressalta que há uma distinção entre pensamento e memória. Em sua visão, o pensamento estaria ligado ao nosso corpo, não sendo possíveis que saíamos dele, não abrindo nenhuma perspectiva do passado, enquanto a memória seria algo oriundo dos grupos aos quais nos ligamos, sendo que esses conseguem retroceder ao passado de acordo

¹⁴⁶ CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

¹⁴⁷ *Ibid*, p. 25.

¹⁴⁸ *Ibid*, p. 33.

¹⁴⁹ Conclusão baseada na leitura dos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* de setembro de 1935.

com o ponto de vista de seus membros representados nas consciências coletivas das quais participam.¹⁵⁰

Dessa forma, a construção de uma memória comum aos gaúchos é essencial para a criação de um sentimento de pertencimento ao Rio Grande do Sul. Naquele momento, da década de 1930, era necessário mostrar ao país quem eram os gaúchos e seu passado heroico. Ainda mais se lembrarmos das pretensões centralizadoras do presidente Getúlio Vargas que, apesar de gaúcho, não via com bons olhos os arroubos políticos do governador Flores da Cunha. Grosso modo, podemos contrapor dois tipos de Brasil: um supostamente moderno, capitaneado por Getúlio Vargas e outro oligárquico, tendo, no caso do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha como seu representante. Pelo menos, essa era a visão dos seguidores de Vargas que enxergavam no presidente um homem à frente do seu tempo, preocupado em urbanizar o Brasil, fator, ainda de acordo com os governistas, algo necessário para a modernização do país.

Outra reflexão sobre memória se baseia no fato de que a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha se constituiu em algo que funcionou como uma espécie de construtor de uma memória comum aos gaúchos. Cabe ressaltar, que Catroga relembra Henrique Lopes de Mendonça ao comparar a memória como um “cimento” indispensável da vida individual, além do próprio Catroga entender a comemoração como uma alusão ao culto dos mortos no cemitério, pois no fim do século XIX e início do XX tais comemorações tinham algo de fúnebre, como o próprio indica.¹⁵¹ No caso da Revolução Farroupilha, não é de se estranhar como as personalidades dos líderes da Revolta como Bento Gonçalves, o General Neto e até Giuseppe Garibaldi são lembradas a cada 20 de setembro e seus feitos imortalizados em poesias ou crônicas, como no caso dos jornais que pesquisamos.

Não custa lembrar a exaltação feita durante a exposição às figuras dos heróis Farrapos.

Colegio realiza duas preleções sobre a Revolução Farroupilha. A professora Theresa Mary Ulrich dissertou sobre o tema (“As causas gerias do movimento revolucionário”). Dirigindo-se às colegas, diz da ufania que devem sentir pelos feitos de seus antepassados tendo em mente o clássico princípio de que “a história sempre se repete” e concita-se a fazerem com que a juventude que as escuta compreenda o valor dos feitos guerreiros de 35 e dos louros por eles conquistados para o Rio Grande do Sul. A Professora Rachel Brasil dissertou sobre a biografia de Bento Manuel.¹⁵²

¹⁵⁰ Ibid. p. 155.

¹⁵¹ CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001, p.60.

¹⁵² Comemorações do Centenário Farroupilha. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.8, 01 de setembro de 1935.

Catroga trabalha com o conceito de comemoracionismo como algo voltado para o futuro, como prática de representação e do devir, tirando do passado simples algo que seja um guia do futuro.

Como se escrevia em 1880, num eco de proposta comtiana, as comemorações cívicas deviam ser promovidas “em honra e glória da humanidade para nortear estádios nesse caminhar incessante da civilização universal... não para impor, em nome de um passado irrestaurável, às novas gerações, a adoração dos seus ‘fetiches’, a idolatria dos seus deveres..., mas para lhe apontar o exemplo dos seus beneméritos.” (Manuel Egidio Garcia, 1880). A esta luz, explica-se que elas se objetivassem em ritualizações que enaltecem figuras modelares, ou momentos de fastígio, para, escondendo o lado mais sombrio das coisas, exorcizar (e criticar) decadências do presente e alentar crenças na redenção futura, marcando, assim, os ritmos ascendentes (e, por contraste, os descendentes) da história. (CATROGA, 2001, p.61)¹⁵³

Os apontamentos de Catroga, também indicam importância da ritualização dos embates entre gaúchos e legalistas para formação da identidade do gaúcho. Percebe-se uma necessidade constante de lembrar a Revolução Farroupilha, seus heróis e suas histórias, reforçando a importância do episódio comemorado anualmente. Halbwachs conclui o seguinte sobre o ato de comemorar:

Na verdade, em suas enunciações, mais afectivas, o *diálogo* entre o passado e o presente, que a anamnese pressupõe, quase anula o distanciamento entre o sujeito e o objecto e constitui, mais do que uma prática frívola e egóide, um acto cordial e comunitário, um *re-cordare* com isto é, um *co-memorar*, o que leva que a memória deva ser dita na linguagem pública, colectiva e instituinte do rito, pois comemorar é sair da autarquia do sujeito (manifestação, potencialmente patológica) e integrar o eu na linguagem comum das práticas simbólicas e comunicativas. (CATROGA, 2001, p.16).¹⁵⁴

Essa operação, a de rememorar, transforma a memória individual, que para Catroga é formada pela coexistência tensional e nem sempre pacífica de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.), em permanente construção devido à incessante mudança do presente em passado e às conseqüentes alterações ocorridas no tempo das representações do pretérito¹⁵⁵, em memória coletiva. Ou seja, estamos sempre construindo o

¹⁵³ CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 61.

¹⁵⁴ Ibid, p. 25.

¹⁵⁵ CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 16.

passado, quando tentamos no presente nos recordar de um fato já ocorrido, principalmente quando tratamos da memória coletiva de uma sociedade que sofre por sobremaneira com o contexto no qual aquela sociedade se encontra. Dependendo do momento histórico, um fato pode ser interpretado de forma oposta àquela feita em um passado não tão distante.

Ao tratar de memória coletiva, Halbwachs a distingue da memória individual, pois essa é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que o mantém.¹⁵⁶ Além disso, existem muitas memórias coletivas, mas apenas uma memória individual. Halbwachs utiliza a premissa que nossas memórias são na sua grande maioria formadas pela memória dos componentes dos grupos que fazemos parte, ou seja, seria como pensar que a memória pessoal seria construída pela contribuição de memórias coletivas, não conseguindo a primeira existir sem a segunda. Tal afirmação é ressaltada quando trabalhamos com a afirmação de Halbwachs que diz ser importante para que nossa memória individual concorde com a memória dos outros, existindo pontos de contato entre as duas partes formando uma base comum. Os dados devem ser transmitidos entre os membros de uma mesma comunidade, sendo reconhecida e reconstruída.¹⁵⁷

Ao utilizar Maurice Halbwachs e seus conceitos relativos à memória coletiva e sua relação com o tempo, lembramos que o sociólogo francês considera as repercussões dos fatos mais importantes do que o próprio fato para a construção de memória de um povo. Sendo assim, a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha funcionou como um resultado das consequências da própria Revolução Farroupilha e dos feitos a dos Farrapos a serem imortalizados¹⁵⁸.

Porém, sobre o resultado dessa interação entre memória individual e coletiva, Halbwachs faz a seguinte advertência.

Contudo, se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram como integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um dele. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Não

¹⁵⁶ Ibid, p. 102.

¹⁵⁷ Ibid, p. 39.

¹⁵⁸ HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Editora Centauro, 2015. p. 130.

é de surpreender que nem todos tirem o mesmo partido do instrumento em comum. (HALBWACHS, 2015, p.69).¹⁵⁹

Maurice Halbwachs diferencia a memória histórica de memória coletiva. Na visão de Halbwachs, a primeira é produto artificial, com linguagem prosaica e ensinável, destinado ao desempenho de papéis sociais úteis, enquanto a segunda tem origem anônima e espontânea, uma transmissão predominantemente oral repetitiva, com aspecto normativo¹⁶⁰. Celso Pereira de Sá também utiliza os apontamentos de Halbwachs quando o cita ao realçar a diferença entre memória coletiva e memória histórica, pois a história só começa quando acaba a tradição, apagando a memória social. Porém, a história é uma só, com diversas interpretações, é bem verdade, mas o fato em si só pode ser resinificado e reinterpretado, mas nunca modificado, diferentemente da memória social que não está calcada em documentos, a não ser que estejamos tratando da oralidade, algo também de suma importância para entendermos e interpretarmos o passado.¹⁶¹

Halbwachs deixa claro que o historiador busca sempre as discontinuidades às quais precisa dar um sentido, construindo um discurso lógico e coerente. No caso da memória coletiva, é vista de dentro pelos membros de um grupo e não ultrapassa o tempo de vida desses que se reconhecem nas imagens produzidas por essa memória. Mais uma vez, cabe ressaltar a existência de tantas memórias quantos grupos existirem e Halbwachs ainda aponta o papel preponderante que a testemunha tem na construção de um discurso histórico. Contudo, no caso da Revolução Farroupilha, entendemos que essas testemunhas não estão mais vivas e, por isso, a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha se tornou preponderante para a perpetuação desse episódio. O evento se constituiu em um formador de uma memória coletiva¹⁶².

¹⁵⁹ Ibid, p. 69.

¹⁶⁰ Ibid, p. 39.

¹⁶¹ JELIĆ, Jordan. *Sobre la identidad (Reflexiones e tesis)*. In: LEMOS, Maria Teresa Toríbio. MORAES, Nilson Alves de; LEIRA, Paulo André. *Memória e identidade: I Congresso Internacional de memória social e documento*. Rio de Janeiro:7 letras, 2000, p. 105.

¹⁶² “Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos, no sentido literal da palavra, ou seja, os indivíduos presentes sob uma forma material e sensível.” HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2015, p. 31.

Já Sandra Jatahy Pesavento em *A invenção da Sociedade Gaúcha (1993)*¹⁶³, entende a memória coletiva como a criação de uma identidade própria de representação social que envolve um resgate da chamada “história oficial”, um passado comum e um mito. Todos esses itens estão presentes na criação da “Epopéia Farroupilha”, já que se trata de um tema da história oficial do Rio Grande do Sul, fazendo parte do passado comum dos gaúchos que, na sua maioria, valorizam e exaltam os feitos de seus míticos heróis. Contudo, Pesavento ressalta a importância da seleção de imagens e textos para a construção dessa memória social. Ou seja, é o trabalho básico do historiador que escolhe algumas fontes e documentos em detrimento de outros. No caso da construção da memória coletiva dos gaúchos, as escolhas são arbitrárias e fazem parte de criar uma coesão social através de uma narrativa palatável e comum à sociedade local.

Cabe ressaltar que os dois jornais analisados (*Correio do Povo* e *Diário de Notícias*) funcionam como um documento que em sua época, o ano de 1935, buscaram envolver os porto-alegrenses nas comemorações do centenário da Revolução Farroupilha. Seria mais um passo na construção da memória coletiva dos gaúchos em torno da Revolução ocorrida de 1835 a 1845.

Halbwachs indica que nossas lembranças também são frutos das circunstâncias nas quais nos encontramos. Em seu entendimento, dificilmente encontraremos lembranças produzidas por simples reflexos dos objetos exteriores, sem a mistura de imagens e pensamentos que nos ligam as pessoas que acompanham o mesmo evento. Não podemos pensar em analisar a Exposição do Centenário sem que não nos atentamos para o fato de se tratar de um evento que procurou aglomerar o público que assistiu a shows tradicionalistas ou fez parte de apresentações que recriaram a atmosfera da Revolução Farroupilha e reafirmaram a identidade gaúcha.

A teoria de Halbwachs que trata do pensamento perpétuo sobre a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha diz respeito à repetição sistemática dos fatos ocorridos no século XIX, através de rituais e encenações. O objetivo de se utilizar tais artifícios na Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha é trabalhar para que haja o reaparecimento das sensações possivelmente vividas durante a Revolução Farroupilha. Para isso, são usados expedientes tais como pessoas vestidas como roupas típicas do Rio Grande do Sul do século XIX, acendimento da chama crioula ou a exposição de peças utilizadas pelos Farrapos. Seria uma espécie de materialização da memória, que ocorre através da ligação de

¹⁶³ PESAVENTO, Sandra Jatahy, *A Invenção da Sociedade Gaúcha*. Ensaios FEE. Pano Alegre, (14)2 3H3-396, 1993.

imagens de objetos que ao produzirem ligações entre esses objetos formando quadros. Seria como algo acionado por sensações que temos ao ter contato com objetos, sons ou imagens. Sandra Jatahy Pesavento, ao tratar das nossas lembranças diz o seguinte:

Quando dizemos que a recordação de certas lembranças não depende da nossa vontade, é porque nossa vontade não é forte o suficiente. A lembrança está ali, fora de nós, talvez dispersa entre muitos ambientes. Se a reconhecemos quando reaparece inesperadamente, o que reconhecemos são as forças que a fazem reaparecer e com as quais sempre mantivemos contato. A intuição sensível é então recriada, mas nesse meio tempo, considerando apenas a nós e nosso organismo psicofísico, ela deixara de existir.

A intuição sensível está sempre no presente. Portanto, não podemos pressupor que ela seja capaz de recriar espontaneamente, como se subsistisse em nós o estado de fantasma pronto a retomar corpo: transportada ao passado a imaginação, ela não é mais nada. (PESAVENTO, 1993, p.59-60)¹⁶⁴

Assim, todos os artifícios sensoriais são importantes para fazer os visitantes da Exposição reviverem ou viverem as sensações do que foi a Revolução Farroupilha. No caso, os organizadores do evento depuraram criteriosamente o que deveria ser apreendido pelos participantes da Exposição, assim como os jornais também selecionaram quais temas deveriam ser expostos ao grande público, já que o ato de lembrar é algo seletivo, dentro de uma lógica onde há um interesse claro de esquecer o indesejado.

4.2 Memória Social da Revolução Farroupilha

Quando falamos de memória social, recorremos ao texto de Jo Gondar *Quatro proposições sobre memória social*¹⁶⁵ que tenta entender esse termo à luz de quatro características referentes a esse conceito, sendo elas: a transdisciplinaridade; a construção processual; a origem ético-política e a não redução da memória à representação. Fazendo um paralelo à Revolução Farroupilha e sua rememoração na Exposição Centenária de 1935, a transdisciplinaridade diz respeito ao uso de signos simbólicos, icônicos e indiciais, ou seja, podemos identificar no caso da Exposição o lançamento de selos comemorativos com

¹⁶⁴ Ibid. p. 59-60.

¹⁶⁵ GONDAR, Jo. *Quatro proposições sobre memória social* IN: *O que é memória social*. GONDAR, Jo e DODEBEL, Vera (org). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

imagens de “heróis” Farrroupilhas ou até estátuas alusivas a nomes importantes desse episódio.¹⁶⁶ Gondar (2005) trata dessa necessidade de se utilizar diferentes ramos do saber para estudar essa memória, tais como a psicologia, filosofia e neurociências, sendo que esses saberes são atravessados, gerando novas ideias. Ou seja, as lembranças de um povo ou indivíduos só podem ser compreendidas com a ajuda de ciências que tentam desvendar os mistérios da mente humana. Hoje, os estudos sobre a mente humana encontram-se em um estágio desenvolvido, mas ainda a capacidade do cérebro ainda é algo não compreendido totalmente por quem se debruça nos estudos da mente. Gondar (2005) fala das escolhas de uma sociedade, do que ela escolhe produzir, além de uma outra sociedade que decide mantê-la viva, no nosso caso a sociedade que criou a o evento de 1935 não é a mesma que hoje recorda esse fato.

Há sempre uma concepção de memória social implicada na escolha do que conservar e interrogar. Há nessa escolha uma aposta, um penhor, uma intencionalidade quanto ao porvir. Tanto quanto o ato de recordar, nossa perspectiva conceitual põe em jogo um futuro: ele desenha um mundo possível, a vida que se quer viver e aquilo que se quer lembrar. (GONDAR e DODEBEL, 2015, p.17).¹⁶⁷

Também ressaltamos a importância do processo de criação dessa memória social, pois ela ajuda a reconstruir o passado e não construí-lo. Como exemplo, citamos os rituais que marcaram o 20 de setembro de 1935, tentando reconstruir os momentos considerados importante da Revolução Farrroupilha. Seria uma construção social de eventos que venceram o tempo, em detrimento de outros esquecidos propositalmente ou varridos pelo tempo ou transformados por esse tempo, o chamado devir histórico. Ou seja, a história é construída diariamente a partir de novas interpretações e até de novas descobertas. A construção de um discurso histórico depende muito do que é lembrado, mas também do que é esquecido, já que não podemos perder de vista ser o discurso histórico uma seleção consciente de informações com as quais pretendemos trabalhar em detrimento de outras alijadas do processo.

Por fim, Gondar (2005) entende a memória social como parte do campo das representações sociais, resultantes do jogo de força bastante complexos envolvendo

¹⁶⁶ O primeiro leilão Farrroupilha. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 12 de setembro de 1935, p. 10.

¹⁶⁷ GONDAR, Jo. *Quatro proposições sobre memória social* IN: *O que é memória social*. GONDAR, Jo e DODEBEL, Vera (org). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005, p. 17.

combinações e enfrentamentos que a todo tempo se alternam.¹⁶⁸ Seriam parte de um processo legitimado pela coletividade, e pelo afeto dessa coletividade, como a narrativa heroica dos Farroupilhas contra o Governo Central.

Desse modo, se a memória é um processo, o que o deflagra são relações e afetos – em outros termos, são jogos de força. A representação poderia, ainda que não necessariamente, integrar esse processo, mas nesse caso viria depois, como uma tentativa de dar sentido e direção ao que nos surpreendeu. (GONDAR e DODEBEL, 2015,p.25).¹⁶⁹

Tratando das narrativas como práticas que ajudam a construir uma determinada memória social nos remetemos ao texto de Lucia M.A. Ferreira¹⁷⁰. No intuito de se criar narrativas, as glórias e de um passado idealizado servem para amalgamar o passado e as identidades de determinados indivíduos de uma sociedade. A base dessas narrativas, que acreditamos ser nossas, mas na verdade são produtos de imagens e narrativas produzidas por outras e apreendidas por nós. Nada do que construímos em nossa mente é totalmente autoral, depende de estímulos externos que recebemos e de nossa interpretação para o que apreendido pelo nosso cérebro. A discurso histórico precisa ser construído para ser inteligível para toda uma comunidade. O passado só passa a ser comum aos membros de uma sociedade se os mesmos possuem os mesmos referenciais teóricos e compartilharem de experiências similares. Por exemplo, se uma pessoa não entende a importância da Revolução Farroupilha para os gaúchos ou não conhece as principais figuras do evento, um discurso sobre o embate do século XIX não surtirá nenhum efeito sobre ela e ainda lhe causará estranheza toda a mobilização entorno das festividades. Ou seja, a narrativa que chega aos gaúchos sobre a Revolução Farroupilha e serviu de base para a Exposição do Centenário foi contaminada por uma vertente de exaltação a esse feito, como já citamos anteriormente, característico da Era Vargas. São heróis, glórias e feitos do passado resinificados para se transformarem em uma memória social da sociedade da gaúcha, agora orgulhosa de si. São momentos, segundo Ferreira, em que o conceito de práticas discursivas remete aos momentos de ressignificações, rupturas de produção de sentidos, correspondendo a momentos ativos da linguagem nos quais

¹⁶⁸ Ibid. p. 23.

¹⁶⁹ Ibid. p. 25.

¹⁷⁰ FERREIRA, Lucia M. A. *As práticas discursivas e os (im)previsíveis caminhos da memória*. in *O que é memória social*. GONDAR, Jo e DODEBEL, Vera (org). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

convivem tanto a ordem quanto a diversidade.¹⁷¹ Para isso, ganha a importância um discurso convincente que conte essa história de forma palatável a quem se destina. No intuito de entender melhor como se constrói o discurso Revolta Farroupilha como episódio identitário da sociedade gaúcha, citamos os conceitos de Eni Orlandi (1994). No caso de nossa pesquisa, são os jornais os grandes responsáveis por construir esses sentidos e criar sentido ressignificações e memórias.

Em seu texto *Discurso, imaginário social e conhecimento*¹⁷², Orlandi (1994) amplia o entendimento do discurso para além da dicotomia emissor e receptor e entende que a Análise do Discurso (AD) é produzida a partir de uma relação entre linguagem e ideologia, tendo a noção de sujeito como mediadora, sendo o produto de uma reflexão sobre o sujeito e o sentido. Isso significa que a AD estaria sujeita à interpretação, abrindo um espaço para o simbólico, presente em diferentes discursos. Orlandi (1994) indica haver uma determinação histórica no sentido de cada discurso. Além disso, também chama a atenção para a necessidade de uma relação crítica quanto ao “conteudismo”, ou seja, o fato de considerar o conteúdo das palavras e não o funcionamento do discurso na produção dos sentidos - fator que indica qual embasamento ideológico foi utilizado para que tal discurso tenha sido construído. No caso de um evento tão marcante para a sociedade gaúcha como a Exposição do Centenário Farroupilha, as páginas das edições de setembro dos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* se transformam em fontes para entendermos as narrativas nas páginas desses periódicos. Os dois veículos de comunicação são testemunhas e, também, por assim dizer, formentadores do clima de euforia que tomava conta de Porto Alegre naquele mês de setembro de 1935.

Concluimos que a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha de 1935 ajudou a perpetuar nos corações e mentes de grande parte dos gaúchos os feitos dos revoltosos Farrapos do século XIX. Esses gaúchos são membros de uma sociedade que valoriza um passado em comum, ressignificando seus símbolos e heróis, sendo que cada pessoa percebe a festa de uma maneira totalmente diferente, embora compreenda que se trate de algo comum aos gaúchos mais ligados a suas raízes. Através de festividades e textos em periódicos, o evento falou aos gaúchos como algo que os liga e o diferencia do restante dos estados da federação, mas sempre os considerando brasileiros e patrióticos. Como fontes, os jornais são

¹⁷¹ *Ibíd.* p. 111.

¹⁷² ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso, Imaginário social e conhecimento*. Em aberto, Brasília, n.61, ano 14, Brasília, jan/mar 1994, p. 52-59.

personagens preponderantes para entendermos como os diversos atores políticos entenderam as comemorações dos cem anos do início da Revolução Farroupilha. Cabe, então, apresentar e avaliar como os discursos expostos nos jornais tiveram participação importante para divulgação e promoção do evento.

4.3 Comemorar para lembrar

No intuito de entender um pouco melhor a importância das comemorações na formação de um povo ou na identidade desse, vale recuperar o texto de Ilmar Rohloff de Mattos, *O gigante e o espelho*¹⁷³. Ao tratar do calendário de 1849, Mattos ressalta o fato de que os dias de festa nacional eram 25 de março (dia em que foi jurada a Constituição do Império); 7 de setembro (dia da independência); e 2 de dezembro (dia do nascimento de D. Pedro II) e em cada província o dia de adesão à independência nacional. Sua conclusão indica que algumas comemorações contribuem para o esquecimento de outras¹⁷⁴.

No caso da exaltação das grandes figuras da chamada epopeia Farroupilha, utilizamos os apontamentos de Aleida Assmann¹⁷⁵. Estudiosa dos fenômenos que propõem à valorização da memória social, a alemã vai fazer uma viagem intelectual até a Grécia Antiga para desenvolver o raciocínio que busca entender como a construção da imagem de heróis perpetua os grandes eventos das sociedades. Além disso, Assmann (2011) ressalta as três formas de nos referirmos ao passado: honra aos mortos, fama póstuma e lembrança histórica. Todas essas características se aplicam às comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha com a exaltação dos combatentes e sua anual realização que atua na eternização do chamado “decênio glorioso gaúcho”. Na sua visão, os poetas eram os grandes responsáveis pela perpetuação dos feitos na Antiguidade, considerando-os como eternizadores, homens

¹⁷³ MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O gigante e o espelho*. In: GRIMBERG, Keila e SALLES, Ricardo (Org.). *O Brasil Imperial (1831-1870)*. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2009.

¹⁷⁴ Interessante lembrar como a República procurou solapar a lembrança do período imperial brasileiro ao “inventar” novos feriados como o 21 de abril em homenagem a Tiradentes e eliminar todos os citados anteriormente, excetuando-se apenas o 7 de setembro.

¹⁷⁵ ASSMANN, Aleida. *Espaços de recordação. Formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

responsáveis pela imortalidade dos grandes heróis que vencem a morte física com a propagação eterna de seus feitos.¹⁷⁶

Assmann (2011) também trata em seus escritos sobre a importância de monumentos, como sepulturas e memoriais para a perpetuação da memória nacional. São esses objetos referenciais como a própria historiadora os classifica como os “contadores” de memória. Assim como os museus e arquivos¹⁷⁷ grandes depositários de elementos da história e dos dramas nacionais. Cotejando Assmann (2011) com o pensamento de Maurice Halbwachs (2015) que trata de memória coletiva e sua relação com o tempo, lembramos que o sociólogo francês considera as repercussões dos fatos mais importantes do que o próprio fato em si para a construção de memória de um povo. Sendo assim, a Semana Farroupilha funciona como um resultado das consequências da própria Revolução Farroupilha e dos feitos dos Farrapos¹⁷⁸.

Ainda no intuito de estabelecer um diálogo entre Assmann (2011) e Halbwachs (2015) indicamos que para esse último, o tempo seria como instrumento no qual um determinado grupo procurar encontrar ou reconstruir suas lembranças. Os heróis apontados por Assmann (General Bento Gonçalves, por exemplo, no caso dos Farrapos) conseguem sobreviver na memória coletiva ainda hoje, pois o tempo é esse meio comum da lembrança¹⁷⁹.

Outro conceito muito interessante que pode ser pensado quando observamos a grande quantidade de museus que procuram eternizar os feitos Farrapos é o desenvolvido pelo professor Manoel Luis Salgado Guimarães¹⁸⁰. Ao entender o patrimônio como uma forma de escrita do passado (patrimonialização do passado), Salgado busca adjetivar o termo histórico como um conjunto de bens e traços do passado, os quais a história, instituída como ciência no

¹⁷⁶ “No antigo sistema de apadrinhamento, o poeta recebia reconhecimento e segurança em troca de uma contrapartida bem delineada: garantir a glória do patrocinador. Ibid. p. 46.

¹⁷⁷ Tratando de arquivo, cabe lembrar que em 1932, Aurélio Porto buscou organizar documentos da Farroupilha no Arquivo Nacional e produziu um material dividido em quatro volumes. Nesse material, constam minúcias de processos, ofícios, depoimentos, correspondências e representações contra o presidente indicado pelo Império, Antônio Rodrigues Fernandes Braga, episódio principal na luta entre província e Governo Central, pois os Farroupilhas consideravam uma afronta a indicação de um homem não nascido no Rio Grande como presidente da província. FLORES, Moacyr. Modelo político dos Farrapos. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1996 4ª edição, p.15.

¹⁷⁸ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2015. p. 130.

¹⁷⁹ Ibid. p.146.

¹⁸⁰ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *História, memória, patrimônio*. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, número 34, 2012, p. 91-112. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Numero%2034.pdf>.

século XIX pode contribuir para sua sistematização e normatização.¹⁸¹ A partir de tal premissa, conseguimos entender o que diz Manoel Salgado ao indicar uma relação estreita, mas não algo que signifique algo análogo, como memória e patrimônio. Não podemos conceber a possibilidade de transformar um objeto em patrimônio histórico apenas pela sobrevivência do tempo sem uma produção de sentido histórico.

A escrita da história, no caso da Revolução Farroupilha, significa uma valorização do passado, de acordo como Salgado.¹⁸² Então, faz muito sentido observar a sistematização da realização dos eventos em terras gaúchas, com a manutenção de ritos e maneiras as mais diversas de perpetuar os feitos dos Farrapos.

Ainda dialogando com Manoel Salgado, percebemos na Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha um elemento de historicização da Revolução e tornando-a algo com sentido histórico para os elementos da sociedade gaúcha. Trata-se de uma batalha infundável pela conquista do imaginário popular, já que percebemos neste evento anual uma inversão de significado que explicaremos a seguir: Cabe esclarecer que foram os estancieiros, membros de uma elite econômica gaúcha, os principais articuladores da revolta contra o Império, já os representantes do povo lutavam de ambos os lados, sem saber bem pelo que lutavam. Os escravos guerreavam em busca de uma liberdade prometida e muitas vezes não alcançada. Ressalte-se que quando um escravo legalista era capturado pelos Farroupilhas era obrigado a trabalhar para seu novo dono e a infantaria estava cheia desses negros que foram lutar no lugar de seus senhores. Porém, em sua versão festiva, a Farroupilha é oferecida a diversas classes como forma de coesão social.

¹⁸¹ Ibid. p. 98.

¹⁸² Ibid. p. 101.

5 EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO FARROUPILHA: JORNAIS COMO FONTE

Itala Maduell (2015) em *O jornal como lugar de memória: reflexões sobre a memória social na prática jornalística*¹⁸³ lembra o apontamento feito por Pierre Nora que entende estarmos vivendo o fim do modelo de uma sociedade-memória, que assegurava e garantia a conservação de valores que garantiam a passagem regular do passado ao futuro, indicando o que se deveria reter. Sendo assim, Maduell entende sobre Nora que os lugares de memória atuam como uma espécie de arquivos, já que não há memória espontânea.¹⁸⁴

Recuperando o próprio Pierre Nora¹⁸⁵, resgatamos um pensamento basilar do autor francês. Ele considera lugares de memória como restos e enquadra os lugares de memória como tendo três características: material, simbólico e funcional¹⁸⁶. Observado isso, percebemos os jornais enquadrados nessas três características, pois se trata de algo material pelo seu valor demográfico; é funcional, pois age para cristalizar a lembrança e realizar sua transmissão; e, finalmente, simbólica, porque registra experiências vividas por um pequeno número de pessoas que não participou de tal evento.

Um trabalho que tratou da importância da imprensa como fonte para história é o artigo *A imprensa periódica como fonte da história do Brasil*, de autoria de Ana Maria de Almeida Camargo.¹⁸⁷ No artigo, Camargo defende o jornal como veículo que informa aos historiadores a consciência que os homens têm de sua época e os problemas que os aflingiam. Contudo, todo material produzido nesse veículo de informação merece um olhar crítico de quem o analisa, pois se trata de um documento produzido calcado nos interesses daquele tempo e muito próximo a esses acontecimentos. Como a própria Camargo informa, são suscetíveis a omissões e escritas críticas e opinativas.¹⁸⁸

¹⁸³ MADUELL, Itala. *O jornal como lugar de memória: reflexões sobre a memória social na prática jornalística*. Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM) – v.4, n.1, p. 1-8, jan / 2015 – jun./2015.

¹⁸⁴ Ibid.

¹⁸⁵ NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, PUC, n.10, p. 07-28, dez. de 1993.

¹⁸⁶ Ibid. p. 22.

¹⁸⁷ CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil. In: ____ PAULA, Eurípides Simões de (org.). Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. São Paulo: Seção Gráfica da FFLCH/USP, 1971, v. 2.

¹⁸⁸ Ibid. p. 225.

A pesquisa em jornais também se transformou em uma forma de se entender como a sociedade na qual se produzia aquele periódico se enxergava e se organizava. Através de anúncios comerciais, avisos de espetáculos ou até mesmo analisando os classificados dos profissionais que colocavam seu trabalho à venda, entendemos quais as necessidades e fontes de diversão de determinada sociedade localizada em um tempo-espço recortado. Acrescentaria ainda a força dos chamados editoriais, a opinião do veículo ou de seu proprietário sobre determinado assunto. Esse tipo de texto se encontra fora do tradicional princípio jornalístico de imparcialidade, constituído-se na visão que esse veículo possui de determinado assunto palpitante do momento. Cabe ao historiador analisar o editorial com o olhar crítico entendendo ser esse documento produzido pelo jornal com um determinado objetivo de mostrar ao público como se posiciona na sociedade vigente.

5.1 A imprensa e o jornalismo do Rio Grande do Sul nos anos 1930

Os anos 1930 representaram um fim do chamado jornalismo partidário, no Rio Grande do Sul. Uma das teorias levantadas diz respeito ao encarecimento no processo de fabricação dos jornais, o que enfraqueceu os partidos que os sustentavam e a necessidade cada vez mais latente de existir veículos de comunicação que atendessem à demanda da classe média emergente, sedenta por um jornalismo mais informativo e menos panfletário.¹⁸⁹ O fim definitivo dos jornais partidários foi decretado durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, no momento que o regime mandou fechar diversos jornais como *A federação*, *O Estado do Rio Grande do Sul*, *O Libertador*, *O Diário Liberal* e *o Echo do Sul*.¹⁹⁰ Aqueles que seguiram precisaram se readaptar ao novo momento e adotaram uma linha que privilegiava mais o aspecto noticioso.

Nos anos 1930, época na qual estão nossas fontes de pesquisa, há um investimento maior na forma de distribuição desses jornais, através de uma rede ferroviária e rodoviária, fato que agiliza e propicia a assinatura de um maior número de leitores, causando um incremento nas receitas dos jornais. Estudiosos do assunto indicam que o movimento de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder, fez com que a imprensa precisasse mais uma vez se

¹⁸⁹ RÜDGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. 2ª edição, Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1998, p.45.

¹⁹⁰ *Ibid.* p.46.

modernizar, já que conjuntura política do país também se alterara, aumentando a demanda por parte dos leitores de um jornalismo mais ágil e moderno. Junto a essas inovações, os jornais sentiram a necessidade de participar cada vez mais da vida política dos cidadãos. Os jornalistas se profissionalizavam e os jornais se tornavam cada vez mais porta-vozes dos anseios de uma nova sociedade necessitada, cada vez mais, de informações que influenciavam suas escolhas, em um período em que surgiam novas pautas no seio da sociedade, como por exemplo, o voto feminino, secreto, universal e livre, além do contexto de maior desenvolvimento industrial e urbano.

Ao pesquisar sobre a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha (1935), vamos analisar dois jornais *Correio de Povo* e *Diários de Notícias*, os mais importantes de Porto Alegre nos anos 1930. São meios de comunicação testemunhais de fatos históricos e que tiveram destinos diferentes ao longo dos anos. O *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias*, depois acompanhados pela *Revista do Globo*, criada em 1929, serão os principais representantes das transformações ocorridas, principalmente a partir da década de 1920, que marcaram esse processo de transição para um novo regime jornalístico.

O *Correio do Povo* foi fundado em Porto Alegre no dia 1º de outubro de 1895 por Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, um sergipano que havia trabalhado como revisor no jornal *A reforma*. Logo no seu primeiro número, informava se tratar de um veículo popular, mas primando por levar aos seus leitores um conteúdo informativo dos fatos, sem se posicionar a favor ou contra determinada linha ideológica ou partido político. Apesar da pretensa neutralidade, Caldas não abria mão de uma visão empresarial do novo órgão de comunicação, necessitando para isso, estar próximo dos círculos de poder da capital gaúcha.

Em 1910, o jornal montou a primeira impressora rotativa do Rio Grande do Sul, seguindo-se a instalação de linotipos, fato preponderante para que o jornal chegasse a tiragem de mil exemplares. Dez anos depois, atingia a marcar de vinte mil exemplares por dia. Um fator que impulsionou as finanças do periódico foi o fato de conseguir aumentar o número de propagandas em suas páginas. Com essas novidades, não foi difícil chegar ao topo do mercado de jornais no Rio Grande do Sul. A partir de 1932, o *Correio do Povo* passou a sofrer violento boicote publicitário por ordem do interventor, tendo tido igualmente sua venda proibida nos trens e nas estações das estradas de ferro.

Já a história do *O Diário de Notícias* é mais breve que a do *Correio do Povo*. Ele era o segundo maior jornal da região, sendo fundado em 1925, chegando em 1930 a tiragem de vinte e cinco mil exemplares, só perdendo para o *Correio do Povo*. A exemplo do *Correio*, o departamento comercial trazia um grande número de anúncios, sendo que a modernização e o

caráter industrial fizeram com que entrasse rapidamente no novo jornalismo empresarial. Em 1930, passou ao controle dos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, chegando nesse ano a tirar 25 mil exemplares diários, pouco menos que o *Correio*.

5.2 O Setembro Farroupilha nos jornais: apresentação e análise

Nosso objeto de estudo e principal fonte de pesquisa serão os jornais acima citados: *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, mais especificamente as edições do dia 01 de setembro até 30 do mesmo mês, já que privilegiamos a preparação, abertura e primeiros dias da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha. A pesquisa foi realizada levando em consideração apenas as notícias veiculadas sobre o evento, mas cabe destacar que o Centenário foi comemorado em várias cidades do Rio Grande do Sul onde também se realizavam eventos festivos. Porém, Porto Alegre era o centro das atenções, pois, como explicado anteriormente, os governos estadual, municipal e federal foram parceiros e incentivadores desse evento, o maior realizado na cidade até aquela data.

Ao começar a analisar os jornais, logo no primeiro dia do mês de setembro, observa-se a coincidência de notícias nos dois jornais ao publicarem matérias sobre a instalação dos “stands” e a colocação dos mostruários nos respectivos pavilhões a partir do dia dois de setembro quando todos os portões que dão acesso ao parque ocupado pela Exposição seriam fechados, para que os diversos serviços não fossem prejudicados¹⁹¹. Por serem matérias idênticas, percebemos ser esse um aviso com função de utilidade pública e uma informação fornecida pelos organizadores do evento. Percebe-se, ao longo da pesquisa, como tanto o *Correio do Povo* como o *Diário de Notícias* cumpriram o papel propagandístico e de principal fonte informativa sobre o evento. Com o passar dos dias, notamos que cada vez mais as notícias a respeito do evento ganham notoriedade e um espaço de maior destaque nos periódicos.

Como exemplo de grande engajamento dos meios dos jornais da época no intuito de mostrar a grandeza da Exposição, temos o fato de o jornal *Diário de Notícias* anunciar a confirmação da presença de delegações de outros estados no evento¹⁹². A Delegação de

¹⁹¹ Exposição do Centenário Farroupilha Aviso ao público. *Correio do Povo*. Porto Alegre, Capa, 01 de setembro de 1935.

¹⁹² Pernambuco na comemoração do Centenário Farroupilha. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, p.30, 1 de setembro de 1935.

Pernambuco seria representada por artistas como Manuel Bandeira e Luiz Jardim – desenhistas e ilustradores - importantes do estado. Ainda de acordo com o jornal, o pavilhão de Pernambuco seria decorado com aspectos da vida nordestina como a pesca e as igrejas de Olinda e Recife. O *Diário de Notícias* fez uma entrevista com o comissário Souza Barros que falou da importância do intercâmbio entre Pernambuco e Rio Grande do Sul, dois estados importantes para a economia do país, na qual destacava a importância da Exposição e alegria de participar das comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha.

O *Correio do Povo* seguia na mesma toada e anunciava que outra delegação confirmada era de São Paulo que chegou a Porto Alegre em carro especial ligado ao trem São Paulo-Rio Grande do Sul chefiada pelo engenheiro Dr. Adalberto Queiroz Telles. A delegação foi recebida em São Leopoldo por uma caravana do Centro Paulista¹⁹³. Nota-se a empolgação do jornal ao perceber que a delegação do principal estado do Brasil já chegara a Porto Alegre para a Exposição. Como todo evento que se pretende nacional, seria muito importante uma chancela dos outros estados da federação, com seus representantes indo à capital gaúcha e participando das festividades.

Já o *Correio do Povo* do mesmo dia 12 de setembro deu grande destaque para a divulgação do programa oficial da Exposição do Centenário Farroupilha. Em sua página 9, informava com pormenores os horários das atrações. Com a definição da agenda das comemorações do Centenário Farroupilha, a cidade de Porto Alegre continuava a se preparar para o maior evento da sua história. Com o feriado decretado nos dias 20, 21 e 22 de setembro, as casas deveriam estar embandeiradas com as bandeiras do Brasil e do Rio Grande do Sul, conforme pedido pela Prefeitura, pelo Governo do estado e pelo Comissariado Geral. Ainda informavam as autoridades que aqueles não possuidores das bandeiras citadas acima deveriam usar as cores desses pavilhões nas fachadas.¹⁹⁴ Nota-se, assim, mais um exemplo da institucionalização do evento e a utilização de símbolos tão caros aos gaúchos como forma de expor seu orgulho e nacionalizar essa Revolução Farroupilha, como mostramos no capítulo 1 quando discutimos as vertentes de interpretação da Revolução.

Com a aproximação da abertura da Exposição, os jornais anunciavam a chegada de representantes de comitivas de quase todos os estados do Brasil e de países vizinhos. Analisando esses documentos, fica clara a importância do evento naqueles anos 1930. A ideia dos organizadores da Exposição de fazer de Porto Alegre o centro do Brasil e até da América

¹⁹³ A Exposição do Centenário Farroupilha. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.10, 4 de setembro de 1935.

¹⁹⁴ O embandeiramento da Cidade. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.11, 18 setembro de 1935.

do Sul parecia estar funcionando de maneira satisfatória. Uma grande quantidade de visitantes chegava de navio, o grande meio de transporte para viagens interestaduais e internacionais daquele tempo. De acordo com o jornal *Correio do Povo*, mais de 15 mil forasteiros estavam na cidade de Porto Alegre para as comemorações. Hotéis e pensões estavam lotados e centenas de casas de famílias já abrigavam visitantes vindos de todas as partes. O Progresso, em sua versão massificada pelos conceitos eurocêntricos, poderia ser visto por todos em Porto Alegre que mostrava ao mundo as modernidades de uma grande metrópole.¹⁹⁵

Entre os visitantes, uma delegação da Câmara Legislativa do Rio de Janeiro chegou no dia 19 de setembro de 1935 com o presidente da Casa, o cônego Olympio de Melo, e os vereadores Atila Soares e Ruy Almeida. O corpo da oficialidade política do Rio de Janeiro deu entrevistas ao *Correio do Povo* exaltando a cidade de Porto Alegre e a grande receptividade dos gaúchos. Também no dia 19, chegava finalmente a Porto Alegre o Presidente Getúlio Vargas e sua comitiva vinda em dois aviões. Após a chegada, Vargas recebeu as homenagens das forças militares da marinha e do exército. Com toda pompa, Vargas era a maior autoridade esperada para o evento, pois era gaúcho e um símbolo de um Rio Grande do Sul que conquistava o poder político no Brasil lutando contra outras oligarquias dominantes desde a Proclamação da República em 1889.¹⁹⁶ Concursos da Marinha, um circuito aviatório e uma prova de automobilismo marcariam as festividades como eventos periféricos à exposição. Nada mais lógico do que ampliar o escopo de eventos para entreter e divulgar cada vez mais as façanhas dos Farroupilhas. Esse artifício de estender as comemorações a outros campos mobilizava ainda mais a cidade de Porto Alegre e seus habitantes.

Tratando temas ligados à logística do evento, o *Diário de Notícias* informou que a agência de viagens “Exprinter” organizou um serviço especial de hospedagem a preços módicos para a época dos festejos Farroupilhas. Para tal fim, essa empresa entrou em entendimento com diversas casas de pensão, hotéis, etc. da capital gaúcha, estando apta para atender a seus clientes. A mesma empresa organizou também um serviço especial para facilitar que os forasteiros pudessem realizar vários passeios aos arredores de Porto Alegre e interior do Rio Grande do Sul.

¹⁹⁵ Ibid. p. 12.

¹⁹⁶ Ibid.

Os dias seguiam e no dia 13 de setembro, o *Diário de Notícias* em sua capa estampava a manchete *O interesse do país pelos Festejos do Centenário Farroupilha*¹⁹⁷ informando que o presidente Getúlio Vargas presidirá a inauguração da Exposição Farroupilha a 20 do corrente mês, regressando a 25 do mesmo mês ao Distrito Federal. A participação da comitiva presidencial, contava apenas com pessoas da família de Getúlio Vargas.¹⁹⁸ Fica claro, assim, como a presença do presidente da República era aguardada com grande expectativa pelos organizadores do evento e meios de comunicação. Por isso, não podemos deixar de notar que a notícia sobre a participação destacada de Vargas na abertura dos festejos esteja na primeira página do periódico, sem dúvida, lugar nobre das notícias nos jornais.

O mesmo *Diário de Notícias* informava que estavam em vias de conclusão as obras da Exposição, entende-se que isso significava já estarem praticamente finalizadas as colocações dos *stands*, a montagem de todos os pavilhões (grande destaque para o auditório e para o pavilhão das indústrias rio-grandenses) e a construção das avenidas que cortavam o parque, inclusive com sua iluminação imponente. O parque de diversões também já se encontrava pronto, sendo a grande atração a montanha russa,¹⁹⁹ e os animais também já estavam na seção de pecuária da exposição, sendo submetidos a julgamento no dia 25, cinco dias após a abertura do evento. Outra informação relevante dava conta do início do processo de venda das entradas marcado para o domingo, dia 15 de setembro.

Como tratava-se de um evento oficial, o governador Flores da Cunha visitou o local onde ocorreria a Exposição Farroupilha na noite do dia 12 de setembro. O Comissariado geral recebeu o governador, junto com A.J Renner, presidente do centro de indústria fabril, organizador do pavilhão da indústria rio-grandense.²⁰⁰ O processo de acompanhamento das obras era algo importante para os mandatários e financiadores da Exposição, pois era de grande importância a forma com a qual o Rio Grande do Sul receberia seus visitantes e como “venderia” sua imagem para o restante do Brasil e exterior.

¹⁹⁷ O interesse do país pelos Festejos do Centenário Farroupilha. *Diário de Notícias*, Capa, 13 de setembro de 1935.

¹⁹⁸ Notícias do Rio de Janeiro. *Diário de Notícias*, Capa, 08 de setembro de 1935.

¹⁹⁹ Porto Alegre prepara-se para comemorar o centenário da Epopeia Farroupilha. *Diário de Notícias*, p.14-16 de setembro de 1935.

²⁰⁰ *Ibid.*

5.3 Análises específicas de temas ligados à Revolução Farroupilha nos jornais

5.3.1 Participação de índios e negros

Cabe recuperar uma discussão já exposta nesse trabalho que dá conta da importância conferida à participação de indígenas e negros na Revolução Farroupilha. Durante a pesquisa nos jornais *Correio do Povo* e *Diários de Notícias* não encontramos menções honrosas a essas duas etnias que participaram ativamente da Revolta. O silêncio pode ser interpretado como uma forma de esconder um fato indesejado ou ainda uma maneira de criar uma seletividade dos acontecimentos. Tenta-se recordar ou evocar apenas o que se julga importante ou digno de lembrança para representantes de determinada visão ideológica, responsáveis por essa seleção. Cabe a pergunta: até que ponto o Rio Grande do Sul do século XX gostaria de ter sua origem ligada a de índios e negros, com esses personagens fazendo parte da Revolução Farroupilha?

Impossível não pensar o esquecimento da participação desses dois grupos nas comemorações como uma estratégia de evitar traumas, como Michael Pollak mesmo diz pode ser um grande embate entre uma sociedade dominante, no caso do Rio Grande do Sul, de homens brancos orgulhosos dos feitos de seus ancestrais, contra grupos minoritários.²⁰¹ Obviamente, partimos do princípio de que a escolha do que será destaque do jornal é uma escolha editorial, da mesma forma, os organizadores do evento tinham uma gama enorme de possibilidades nas mãos no que diz respeito ao que deveria ser lembrado e esquecido. O par lembrar/esquecer não se trata de algo casual e sim um fato sempre a ser considerado quando analisamos o discurso de um meio de comunicação.

²⁰¹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, p. 3-15, 1989.

5.3.2 Os mitos Farrapos

O clima de exaltação aos Farrroupilhas não se restringia aos preparativos para o evento. Com o título *Mithos, symbolos e legendas*, Andre Carrazzoni escreveu para o *Correio do Povo* em 08 de setembro, exaltando os feitos de mitos republicanos como Bento Gonçalves, o General Neto e Giuseppe Garibaldi. Ainda percebemos traços de uma narrativa romântica e do herói nacional, características típicas do pensamento vigente do século XIX, quando foram elementos utilizados para criar identidades nacionais.

Nas próximas festas do centenário da Revolução Farroupilha, afora a accentuação das causas e efeitos da epopeia republicana de 35, para maior conhecimento e melhor julgamento dos contemporaneos, também se irá observar o reflorcer do symbolos e legendas decorativas da scena hystorica. O deccenio que marca a vida e morte da República de Piratiny está tocando desse raio de graça, que é plenilúnio do romance, da poesia e do espírito cavalheiresco banhando os quadros severos da história. Certas figuras que o atravessam e são os próprios baixos-relevos do friso monumental da história do Brasil se revestem hoje de ornamentos legendários e de contorno myticos. Bento Gonçalves da Silva, primeiro general e primeiro mandatário da Republica, bate-se em duelo com Onofre Pires e ante o adversário cahido a seus pés, à orla do bosque que é o oásis dos coxilhões melancólicos do sul, rasga a própria camisa para estancar o sangue a jorrar do mortal ferimento. Antonio de Souza Netto, chefe da famosa cavallaria que esculpiu na pompa rio-grandense os ágeis grupos equestres das suas legiões equestres das suas legiões de centauros, converte-se em cavaleiro andante da jovem república e ao primeiro apello da pacificação da província, batendo nos copos da espada, responde com uma exaltação historica, uma insolencia marcial, uma euphoria guerreira dignas dos conquistadores hespanhóes: enquanto tiver mil piratyninenses e dois mil cavalos, a resposta será esta...”

Arco-íris romântico abrindo entre as tormentas de ódios e paixões, nem os poema idyllico do coração humana falta ao drama dos Farrapos: Garibaldi “condotiteri” e apostolo compõe a pastoral americana do seu destino com a sonhadora mulher que – “belíssima figlia del Continente – havia de ser como elle, a heroína de dois mundos. São essas figuras que varam as névoas do tempo enchendo a história de transfigurações poeticas ou legendas e, deformações lyricas da realidade ou mythos. As festa Farroupilhas celebrando os numes tutelares do civismo sul-rio-grandense e evocando os themas extraordinarios do heroismo nacional, vão reconciliar-nos também com aquella luminosa e transente ingenuidade que sempre foi a matéria-prima das mais desinteressadas creações do espirito colectivo.²⁰²

Aqui, percebemos uma forma utilizada pelos jornais para propagar e perpetuar os feitos Farroupilhas. Ao recuperarmos o que John B.Thompson trata como Ideologia e sua propagação, podemos perceber um esforço do jornal em transformar os principais personagens da Revolução Farroupilha em heróis. Com a invenção de meios de comunicação

²⁰² CARRAZZONI, André. *Mythos, symbolos legendas*. *Correio do Povo*, p.03, 13 de setembro de 1935.

de massa, como os jornais, os fenômenos ideológicos podem tornar-se fenômenos de massa, isto é, prossegue Thompson, capazes de afetar um grande número de pessoas em locais diversos e distantes.²⁰³ Além disso, observamos traços de um romantismo e de um positivismo histórico, pois os personagens da Revolução Farroupilha são tratados como heróis, algo bem típico no modo de entender o mundo no século XIX. Seria essa uma forma de envolver toda a sociedade gaúcha nas comemorações e pensar neles como mentores intelectuais e morais do futuro do Rio Grande do Sul. Figuras como Bento Gonçalves, Garibaldi e Antonio Souza Netto seriam os forjadores de um estado guerreiro, sempre pronto a se insurgir contra o que considerariam injustiças praticadas contra os gaúchos.

Outra matéria que procura exaltar toda a simbologia da Revolução Farroupilha e a sua importância para as gerações futuras está no dia 19 de setembro do *Correio do Povo*²⁰⁴. Em *Os Farrapos atiram-nos a tocha!*, o autor do texto, um imigrante italiano e intelectual Sante Uberto Barbieri, destaca valores presentes na Revolução Francesa – liberdade, igualdade e fraternidade. Seriam os Farrapos os responsáveis por reclamar pelos altos impostos pagos pelos gaúchos ao governo imperial e lutar por uma maior justiça fiscal para o Rio Grande do Sul. Na visão de Barbieri, a fraternidade uniria todos os gaúchos em prol da Revolução em uma sociedade sem patrões e escravos. Voltamos ao conceito desenvolvido no capítulo 2 de comunhão entre todos os gaúchos, ou seja, um povo unido destinado à novas conquistas. Por fim, a liberdade é um valor importante também atrelado aos revoltosos gaúchos. Os homens devem ser livres, na visão de Barbieri, tendo a bandeira do Rio Grande do Sul como um estandarte representante contra o despotismo. O autor do texto só não se manifesta na questão da liberdade para os negros que, como já citado anteriormente no trabalho, se encontravam na condição de escravos tanto dos imperiais quanto dos Farroupilhas. Mais uma vez, nota-se um discurso voltado para o homem branco de posses, utilizando ideologias europeias.

²⁰³ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p.31.

²⁰⁴ BARBIERI, Santo Uberto. Os Farrapos atiram-nos a tocha! *Correio do Povo*, p.14, 19 setembro de 1935.

5.3.3 Mulheres na Revolução Farroupilha

Tratando das minorias participantes da Revolução, a mulher é valorizada em uma matéria do mesmo jornal que noticiou a inauguração. Um texto muito atual, de autoria de Anitta R.Pires²⁰⁵ e em consonância ao discurso moderno das conquistas das mulheres na sociedade moderna. Algumas figuras da Revolução são destacadas, como a de Anita Garibaldi, considerada uma grande heroína do Rio Grande do Sul. “As mulheres Farroupilhas” são descritas como guerreiras, sempre dispostas a resistir a todo tipo de violência e injustiças em favor da Revolução. Sem dúvida, personagens lembradas a cada comemoração desse episódio histórico.

Contudo, não percebemos no texto indicações sobre as “mulheres invisíveis” da Revolução. Hoje, já se tem estudos, a partir de cartas trocadas entre os Farroupilhas e suas esposas sobre as providências a serem tomadas na administração dos negócios dos representantes da elite gaúcha que, durante os dez anos da Revolução Farroupilha, se mantinham muito tempo ausente de suas casas.²⁰⁶

5.3.4 Nacionalização das comemorações

Em 08 de setembro o jornal *Correio do Povo* destacou aos eventos da Semana da Pátria, em comemoração ao sete de setembro, dia da independência do Brasil²⁰⁷ (imagem 5), atrelando à comemoração nacional aos feitos dos Farrapos. Ao unir dois momentos importantes da história do Brasil, quase igualando o processo de Independência no Brasil aos feitos dos Farrapos, mais uma vez, notamos a intenção da nacionalização do evento mais importante da história do Rio Grande do Sul com uma data cívica nacional. A estratégia de integrar e aproximar ainda vez mais o estado do Rio Grande do Sul ao restante do país,

²⁰⁵ PIRES, Anitta R. A mulher e a epopeia Farroupilha. *Correio do Povo*, p.10. Porto Alegre: 25 de setembro de 1935.

²⁰⁶ BARBOSA, Carla Adriana da Silva. Em tempos de guerra: família e correspondência entre a elite farroupilha (Rio Grande do Sul, 1835-1845), 2008, 48f. Dissertação (mestrado em história do Brasil). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

²⁰⁷ O dia da Pátria e os heróis de 35. *Correio do Povo*, p.4, 21 setembro de 1935.

naquele momento, tornou-se algo essencial para o sucesso da exposição e uma estratégia eficaz para não transformar o evento em algo apenas voltado para o público local.

Já no dia 20 de setembro de 1935, após meses de preparação, finalmente chegava o dia de abertura da Exposição do Centenário Farroupilha. Além disso, os jornais do dia 21 de setembro mostravam como as comemorações pela data eram celebradas pelo Brasil nos níveis legislativo e executivo, através de discursos ou menções do fato por importantes personalidades. O Ministro da Guerra enviara à meia-noite daquela sexta-feira um telegrama ao governador do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, com os dizeres

Toda a Nação Brasileira estremece de emoção e orgulho a recordar os feitos gloriosos da epopeia Farroupilha, no momento em que se comemora o centenário. Exército Nacional guarda vigilante e orgulhosas tradições de honra e bravura do povo brasileiro vinculado intimamente ao glorioso Rio Grande do Sul desde albos nacionalidade, envia por meu intermédio aos seus nobres filhos, calorosa saudação com mais ardentes votos que continue sua senda de trabalho e prosperidade para maior glória da Pátria Brasileira.²⁰⁸

O discurso acima tem grande valor de encaixar a Revolução Farroupilha em um episódio não regional, mas nacional, sendo um capítulo não a ser esquecido pelos gaúchos e brasileiros, mas sim lembrado eternamente por todos aqueles que valorizam a unidade nacional e bravura que, segundo o artigo, não se limita ao povo gaúcho, mas sim ao povo brasileiro como um todo. A nacionalização da Revolução Farroupilha é uma peça-chave nessa engrenagem pretendida pela Exposição do Centenário de conclamar todos os brasileiros a comemorar uma data tão cara ao Rio Grande do Sul e que sempre sofreu com controvérsias e a pecha de ser ligada apenas aos gaúchos, muitas vezes acusados de separatistas.

Continuando a análise das notícias, observamos que no Instituto Histórico, no Rio de Janeiro, houve sessão solene, presidida por Manoel Cícero, em comemoração à data. O escritor Barbosa Lima Sobrinho, o historiador Souza Doca, que tanto escreveu sobre a Revolução Farroupilha, Rodrigo Octávio Filho e Basílio Magalhães, o Coronel Octávio de Lencastro Guimarães e Canabarro Reichardt participaram do evento na Capital Federal. Ainda no Distrito Federal, o Teatro Municipal foi palco de uma sessão cívica, aberta a toda população, que teve a execução do Hino Nacional Brasileiro e do Rio Grande do Sul, do “Canto do Lavrador” e do “Canto Pagé”, ambos com letra de Paulo Barros e música de Heitor Villa-Lobos, além de discursos de Miguel Timponi, Secretário do Interior e Segurança do Distrito Federal; Victor Russomano, deputado federal pelo Rio Grande do Sul.

²⁰⁸ A Comemoração do Centenário Farroupilha na capital do país. *Correio do Povo*, capa, 21 setembro de 1935.

O Deputado Federal e grande figura política do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, escreveu ao Jornal do Brasil de 20 de setembro, como descreve o *Correio do Povo*:

Nenhum crítico ou historiador de qualquer época sejam quais forem as ideias e preconceitos que o dominem poderá jamais negar que a revolução rio-grandense de 1835 o espírito da liberdade, civismo e heroísmo que lhe imprimiu excepcional relevo na formação política do Brasil. Se a Revolução Farroupilha foi o principio da explosão do sentimento autonomista que poderia transigir e contentar-se com a monarquia federativa, a reação imperial e a força das circunstâncias sob a influencia decisiva do meio determinaram, afinal, sua transformação em um movimento tipicamente republicano, o Brasil de hoje só tem razões para glorificar o centenário da grande epopeia rio-grandense, memoriando-se no livro das festas nacionais.”²⁰⁹

No texto acima, percebemos claramente o desejo de relacionar a Revolução Farroupilha não a um movimento separatista e antibrasileiro, mas sim algo ligado à liberdade dos povos e a um projeto federalista²¹⁰. O republicanismo de seus líderes seria exaltado em um momento no qual o projeto de República passava por uma ruptura com a chegada ao poder de um representante da oligarquia gaúcha, derrotando líderes de São Paulo e Minas Gerais. A herança de bravura e patriotismo seria lembrado em detrimento do sentimento separatista dos Farrapos. Mais uma vez, apontamos o uso da palavra “nacional” no discurso e a exaltação do republicanismo dos Farrapos, algo antes considerado negativo, principalmente na época do império, ganhou contornos positivos na matéria.

No Senado, também houve Sessão solene presidida por Medeiros Netto e diversos senadores homenagearam a data, lembrando os feitos heroicos do lideres Farrapos. O senador de Pernambuco, José Sá, pediu que constasse na ata daquele expediente um voto de congratulações ao povo e ao governo do Rio Grande do Sul. Arthur Costa, senador por Santa Catarina, enalteceu a bravura de sua conterrânea, Anita Garibaldi e lembrou as figuras que defenderam o lado imperial como Duque de Caxias, artífice da Paz do Poncho Verde²¹¹.

Continuando a tratar das congratulações vindas de diferentes partes do país, o Secretário de Estado dos Negócios, Agricultura e Industria e Comercio, Luiz Piza de Sobrinho enviou uma saudação ao estado do Rio Grande do Sul com os seguintes dizeres:

²⁰⁹ Ibid.

²¹⁰ Mais uma vez, cabe lembrar o apontamento feito Maria Medianeira Padoin sobre o tema, quando comprova o equívoco do argumento de que os Farrapos não teriam sido separatistas porque defendiam o federalismo, já mencionado no ponto 1.1 deste trabalho.

²¹¹ A sessão de ontem no Senado. *Correio do Povo*, capa, 21 setembro de 1935.

O movimento Farroupilha foi a contribuição de sacrifícios e de sangue do heroico povo gaúcho para o estabelecimento da verdadeira democracia no Brasil. Na comemoração do seu centenário, São Paulo não poderia estar ausente. E aqui comparece exibindo no seu pavilhão, o índice do seu trabalho e de seu esforço pela civilização e grande pátria em comum.

5.3.5 Militarização e politização do evento

Tratando das comemorações no Rio Grande do Sul e da Exposição do Centenário houve grande destaque para uma parada militar reuniu 50 mil pessoas no Parque Farroupilha. As tropas do desfile foram comandadas pelo coronel do Exército João de Deus Canabarro Cunha, comandante geral da Brigada Militar, que se fazia acompanhar de seu estado maior.

Conforme traçado previamente elaborado pelo comando geral da 3ª Região Militar, as forças alinharam-se ao largo do Parque Farroupilha, nos trajectos de compreendidos pela Avenida João Pessoa, José Bonifácio de Oliveira e Oswaldo Aranha até a tribuna oficial aramada à frente do edificio da Escola Normal General Flores da Cunha.

Não tendo comparecido à parada militar de hontem pela manhã, por motivos superiores, os corpos do Exército aqui sediados, assumiu commando geral das tropas o coronel João de Deus Canabarro Cunha, commandante geral da brigada militar do Estado.

Além das unidades da Brigada Militar, Tiros de Guerra, Gymnasios militarizados e Collegio Militar, participaram também desse grande certame militar fuzileiros navaes dos vasos de guerra brasileiros e uruguayos, que aqui se encontram aportados, e também um pelotão de cadetes da Escola Militar de Realengo, vindo esta da capital especialmente para esse fim sob o commando do cadete Moacyr Ribeiro Coelho.²¹²

O artigo acima mostra a militarização do evento. Nada mais natural quando lembramos que os principais artífices da Revolta eram militares, inclusive, com serviços prestados ao Império do Brasil e, inclusive, com alguns vindo a ser combatentes da Guerra do Paraguai (1864-1870). Assim, torna-se impossível dissociar o elemento militar das comemorações, ainda mais se lembrarmos que nossa República foi idealizada por militares. Ou seja, um evento só se tornaria oficial e reconhecido pelo governo brasileiro se tivesse a presença de representantes das forças armadas.

Em meio a que chegara ao local da parada militar às 09h30, acompanhado do governador Flores da Cunha, Francisco José Pinto, chefe da Casa Militar da presidência, além de outras autoridades. Todos receberam continências das tropas formadas para o desfile.

²¹² Uma empolgante demonstração militar. *Correio do Povo*, p.2, 21 setembro de 1935.

Como representante maior do Estado brasileiro, Vargas seguiu para a Tribuna Oficial para assistir ao evento, ao lado de representantes de outros estados e países como Borrar Fabini, Consul do Uruguai, e o ministro Justo Prieto, representante do governo paraguaio.

Embora estivessem em campos políticos opostos, o governador Flores da Cunha e o presidente Getúlio Vargas precisavam vender uma imagem de parceria entre as duas esferas de poder, pelo menos durante as comemorações do Centenário Farroupilha. Em seu discurso, Cunha lembra que Vargas é “filho do pago gaúcho” e exalta o amor pelo Rio Grande do Sul do mandatário. O então governador do Rio Grande do Sul também ressalta o esforço feito pelo presidente da República em se fazer presente, mesmo com todos os compromissos que porventura devesse a ter e ainda elogia o governo vigente indicando que este reconstruiu “o edifício político, administrativo e econômico do Brasil”. Seriam os novos tempos do Brasil anunciados por Flores, onde podemos visualizar um país mais voltado para as atividades econômicas urbanas e comprometido com a “modernização” da cadeia produtiva do país²¹³.

No dia 24 de setembro, Vargas discursaria no pavilhão paulista. Cabe lembrar o embate de Vargas, já citado anteriormente, com o estado de São Paulo em 1932. A paz parecia estar selada entre o presidente do Brasil e o importante estado da federação. Os paulistas pareciam estar à frente no quesito qualificação do profissional, de acordo com Getúlio Vargas. Representante de uma visão que exaltava o trabalho e o trabalhador, Vargas, nesse discurso, elogiava as iniciativas do estado de São Paulo de criar escolas profissionalizantes. Note-se que a Revolução Farroupilha fica em segundo plano nessa visita do presidente da República pavilhão paulista, reforçando o caráter político e diplomático da presença do mandatário do Brasil à Exposição da Revolução Farroupilha.

Ainda no dia 24 de setembro, Vargas discursa celebrando o centenário da Revolução Farroupilha que segue na íntegra²¹⁴:

Meus Senhores:

Na qualidade de riograndense e como Presidente da República, levanto-me junto ao fogão gaúcho para dirigir algumas palavras de amizade e de cumprimento às brilhantes delegações estrangeiras que, com a sua presença, vieram abrilhantar as festividades comemorativas do Centenário Farroupilha. Não devemos esquecer o caráter excepcional que essas delegações emprestam a este ato, revestindo-o de significação toda especial. Temos uma embaixada da República Argentina, um dos países mais ricos e bem organizados da América, que para aqui enviou, além de um dos seus vasos de guerra, uma esquadrilha de aviões, e, como Embaixador, o ContraAlmirante Leon Scasso, figura de grande destaque no seio da gloriosa Marinha da República irmã. Temos a representação da República do Uruguai, não

²¹³ A saudação do governador ao presidente da República. *Correio do Povo*, p.11, 24 setembro de 1935.

²¹⁴ VARGAS, Getúlio. *O Centenário da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: 24 de setembro de 1935.

menos brilhante, chefiada por um Ministro de Estado, o Sr. Augusto César Bado, espírito jovem e culto, pertencente à nova geração intelectual uruguaia. Temos, enfim, a representação da República do Paraguai, chefiada pelo ilustre Ministro da Justiça e Educação desse país amigo, homem culto e de elevada projeção nos meios educacionais, enviado em visita especial ao Brasil, no desempenho de uma missão cultural, que tanta simpatia tem por nós, — o Paraguai, que ainda utiliza como linguagem nacional o idioma nativo de seus filhos. Todas as vozes que se fizeram ouvir nas celebrações a que temos assistido timbram em acentuar, confirmadas pelos aplausos gerais, o caráter de brasilidade, não só do grande acontecimento histórico que se comemora, como também dos sentimentos externados nas manifestações oficiais e populares promovidas em homenagem aos heróis da epopéia de 1835. Esses sentimentos e afirmações da unidade pátria, tão vivos no povo riograndense, são os mesmos que dominam os povos argentino, uruguaio e paraguaio, como o Brasil, nações soberanas e perfeitamente concientes dos seus altos destinos. Precisamos elevar os olhos além dos horizontes de cada país, para abranger o Continente americano, numa confraternização afetiva e duradoura. No momento em que as velhas nações, de civilização exausta, procuram limitar-se aos seus domínios coloniais para abastecimento de matérias-primas dos produtos lançados ao consumo mundial pelos países americanos, nada mais natural que estes se unam e congreguem, na legítima defesa dos seus interesses. Defrontando as barreiras levantadas sobre o nacionalismo econômico, na preocupação de fechar ainda mais o círculo da economia mundial, as nações do nosso Continente precisam abater os obstáculos que as separam, sejam fiscais ou sejam de simples distanciamento político, guardando, embora, intacta a sua soberania. Constituirão, assim, um resistente bloco econômico, político e financeiro, capaz de reagir contra a depressão geral e de salvaguardar os interesses comuns dentro das atividades pacíficas e construtivas e sem espírito de hostilidade. O exemplo desta comemoração é sugestivo e animamos a não considerar uma utopia a possibilidade de nos unirmos, formando uma só família e transformando, dessa forma, o Continente americano em Continente da Paz. Ergo o meu copo à fraternidade dos países americanos, exultando pela feliz oportunidade, que se me oferece, para este apelo, que me permite entrever o novo rumo das nossas relações continentais e de cujo fortalecimento há de resultar, sem dúvida, maior garantia para o bem e a paz da humanidade.

Logo no início, notamos a iniciativa de Vargas de se colocar como um membro da sociedade do Rio Grande do Sul. Atitude que demonstra sua habilidade política, pois seria de grande importância ao mandatário máximo da nação atenuar a imagem de um presidente interventor e que teria esquecido seu passado como representante da elite gaúcha. Outro ponto abordado por ele, dá conta da participação de representantes de nações vizinhas, clamando por uma união continental. Talvez Vargas percebesse a ameaça do imperialismo dos Estados Unidos já forte no continente americano. Em 1935, o governo brasileiro ainda não se definiria em seguir valores considerados democráticos (EUA) ou autoritários (Alemanha hitlerista). Assim, interpretamos a utilização desse documento como uma carta de intenções do governo brasileiro com mensagens destinadas ao público interno e externo.

Com o passar dos dias, as notícias sobre a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha começaram a se tornar mais esparsas. Lembramos que nosso corte temporal de pesquisa diz respeito ao mês de setembro. Contudo, como dito anteriormente, é inegável que

Correio do Povo e *Diário de Notícias* foram agentes de suma importância na divulgação e propagação do evento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar o processo de pesquisa sobre a Exposição de Centenário da Revolução Farroupilha de 1935, estranhei a pouca quantidade de trabalhos e livros a respeito do assunto. Encontrei algumas dissertações e teses que tratavam do evento, muitas vezes não sendo esse o tema central de pesquisa e sim apenas um ponto dos pontos abordados. Quando comecei a pesquisar os jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* do mês de setembro de 1935, me deparei com uma grande quantidade de matérias, editoriais e propagandas alusivas ao evento. Ao refazer o caminho da construção da identidade do gaúcho, retornei ao século XIX, mais especificamente à Revolução Farroupilha, mote da Exposição tratada nessa dissertação. Foi um caminho longo no qual precisei analisar e contextualizar ideias de diversos especialistas no assunto, alguns favoráveis aos Farroupilhas e outros contrários à revolta. Independentemente da visão e do posicionamento de cada historiador, fica evidente como é caro para os gaúchos a criação dessa identidade e como polemico é esse assunto, sendo até hoje tema de discussões acadêmicas e literárias.

Quando chegamos ao século XX, mais precisamente aos anos 1920 e 1930, observamos que o Brasil começava a se discutir cultural e socialmente. Em 1922, ocorre a Exposição do Centenário da Independência no Rio de Janeiro e, em São Paulo, A Semana de Arte Moderna, um manifesto de valorização da cultura nacional em detrimento da simples assimilação da cultura estrangeira, sem nenhuma crítica ou adaptação a nossa realidade. Some-se a isso a tomada de poder por Getúlio Vargas em 1930 e a mudança do jogo político, antes comandado pelas oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, e agora com um gaúcho sendo o Presidente da República: Getúlio Dornelles Vargas.

Simbolicamente, o Rio Grande do Sul começava a ter voz mais ativa na política nacional. É verdade que alguns conflitos ocorreram antes no estado, como a Revolta Federalista (1893-1895) onde um grupo clamava por mais autonomia local, tendo a frente figuras fortes Gaspar Silveira Martins, Joca Tavares e Gumercindo Saraiva (Partido Liberal e Partido Federalista) se opondo aos que defendiam a República, exemplo de Julio de Castilhos, (Partido Republicano Rio-grandense).

Depois, em 1923, Borges de Medeiros e Assis Brasil voltavam a dividir o estado em dois, e por que não dizer as elites do Rio Grande do Sul em duas partes ainda muito sentidas pela guerra ocorrida no fim do século XIX. Ecoava na mente de alguns membros da sociedade

do Rio Grande do Sul os corredos durante a Revolta Federalista do fim do século XIX, mostrando como a política do Rio Grande do Sul bebe na fonte de um dualismo entre propostas de uma visão nacional ou regional dos rumos locais.

Fruto dessa briga fratricida dos gaúchos, Getúlio Vargas, ao chegar à presidência, decidiu por uma maior centralização do poder e enfrentou a resistência de setores tradicionais da sociedade brasileira. Um exemplo mais claro desse embate entre Vargas e as forças das antigas oligarquias dominantes é a Revolta Constitucionalista de 1932, onde os paulistas exigiam a promulgação de uma nova Constituição, ameaçando, caso isso não ocorresse, uma separação do Brasil. Vargas venceria essa queda de braço, mas promulgaria uma constituição em 1934, através de uma Assembleia Constituinte. Contudo, sua relação com alguns governadores ainda estava estremecida, como no caso de Flores da Cunha, mandatário do Rio Grande do Sul.

Ao analisar os jornais da época, fica perceptível essa tensão entre Getúlio Vargas e Flores da Cunha. Contudo, observamos que durante a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha houve uma espécie de trégua onde os dois campos souberam exatamente qual função simbólica cabia a cada um. As fotos e matérias de jornais mostram uma ativa participação de Vargas no evento, fato que nos faz pensar na real intenção do presidente naquela oportunidade. Estaria ele querendo angariar a simpatia de uma parte dos gaúchos avessa às suas políticas centralizadoras ou apenas demonstrando uma faceta polida de um político mais conhecido pela utilização de métodos não tão simpáticos à democracia para governar? Na nossa visão, Vargas foi hábil ao perceber a situação a que estava exposto e tentou ao máximo se beneficiar do momento, lembrando, inclusive em seu discurso, sua origem gaúcha.

Tratando da Exposição propriamente dita, cabe ressaltar, mais uma vez, a sua grandeza. Porto Alegre se mobilizou para o sucesso daquele evento de uma maneira nunca vista na história da cidade. Os dois jornais estudados *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* foram promotores da festa anunciando a chegada dos participantes vindos das mais diferentes partes do Brasil e, em alguns casos, da América do Sul e expondo os anúncios de empresas que vislumbraram o potencial mercadológico do evento e prontamente procuraram fazer correlações entre a Exposição e seus produtos. Tratando-se de um grande evento temos um exemplo de como um marketing ainda muito intuitivo se fazia presente em um mercado consumidor ainda embrionário, como por exemplo, as propagandas de lojas de departamento como a Adams, Hermans e cia. e a vidraçaria Fischer (Ver Anexo).

Observando tal atividade com um olhar contemporâneo, percebemos uma forma de utilizar a identidade gaúcha, que tinha a Revolução Farroupilha como seu mito fundador, explicado durante o trabalho, como uma estratégia de alavancar as vendas dessas lojas, fazendo o consumidor se tornar uma participante da festa ao adquirir o produto em questão. A correlação com a atualidade está na venda de produtos alusivos aos megaeventos musicais e esportivos para os quais se produzem objetos exclusivos.

O Rio Grande do Sul escreveria mais uma página importante da sua história ao organizar com perfeição aquela exposição e, mais ainda, plantaria a semente da Semana Farroupilha a ser criada anos depois, com o mesmo intuito de unir o povo gaúcho no ideal de orgulho de ter nascido no Rio Grande do Sul e fazer parte de um povo que sempre lutou pelos ideais que julgava mais justo nas diferentes épocas históricas do Brasil. Sem dúvida, a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha mostrou que os grandes nomes do Rio do Sul do Sul de outrora estavam mais vivos como nunca e sempre seriam convocados quando fosse necessário lembrar ao Brasil e ao mundo os feitos considerados heroicos por muitos gaúchos.

No caso do jornais analisados, percebemos como a Exposição foi tratada por esses meios de comunicação. Notamos uma falta de abordagem da participação de índios e negros na Revolta, da mesma forma que as mulheres que não tiveram uma participação considerada heroica no embate, como no caso de Anita Garibaldi, ficaram invisíveis. Outra característica das matérias veiculadas foi a exaltação aos grandes nomes da Revolução, como Bento Gonçalves, Antonio Souza Neto ou Giuseppe Garibaldi, além de tentar tornar a Revolta em algo nacional, tirando a característica regional ou separatista que o episódio carregava desde o século XIX. Ainda observamos uma tentativa do presidente Getúlio Vargas e do governador Flores da Cunha de obter dividendos políticos ao prestigiarem e apoiarem a exposição, sempre deixando claro a militarização das homenagens, pois não podemos esquecer que tanto a República Farroupilha quanto a República do Brasil foram proclamadas por militares.

Por fim, cabe ressaltar como o Rio Grande do Sul também soube converter em prestígio a organização da Exposição. Se antes a intenção era mostrar a pujança industrial e da agricultura e pecuária do estado, além de desconstruir um discurso separatista da Revolução Farroupilha, ao fim dos mais de três meses de evento, a imprensa conseguiu construir uma imagem dos gaúchos como um povo sempre pronto a valorizar sua cultura, olhando para o passado, mas não se limitando a não pensar no seu futuro como um dos grandes membros da República. São diversos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) espalhados pelo Brasil com encontros periódicos onde a cultura gaúcha é convocada como amálgama dos membros de

uma sociedade ou simpatizantes dessa. Hoje, anualmente, no mês de setembro, o estado do Rio Grande do Sul comemora esse episódio da história gaúcha e do Brasil. Desde 1995, o dia 20 de setembro é um feriado estadual, sendo lembrado através de danças e comidas típicas da região e tendo todos os ritos que fazem alusões aos heróis e episódios que marcaram a Revolução que colocou em campos opostos o Rio Grande do Sul e o Império do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALBECHE, Daysi Lange. *Imagens do Gaúcho. História e mitificação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. 152.p.

ARCE, Ana Ines. *Os verendos restos da sublime geração Farroupilha, que andei a recolher de entre o pó das idades: uma história arquivística da coleção Varela*, 2011, 109 f. Monografia (graduação em arquivologia). Faculdade de Biblioteconomia e comunicação. Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ASSMANN, Aleida. *Espaços de recordação. Formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora Unicamp, 2011. 456 p.

BARBOSA, Luciano Rodrigues. *A cor de Porongos. Percepções raciais flutuantes no século XIX*. Monografia (Graduação em história), 2001, 57f - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BARBOSA, Carla Adriana da Silva. *Em tempos de guerra: família e correspondência entre a elite farroupilha (Rio Grande do Sul, 1835-1845)*, 2008, 48f. Dissertação (mestrado em história do Brasil). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi* Zygmunt Bauman. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 2005. 110 p.

BRASIL, Assis. *História da República Rio Grandense*. Vol.1. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Leuzinger & Filhos, 1882. 208 p.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil*. In: ____ PAULA, Eurípedes Simões de (org.). *Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. São Paulo: Seção Gráfica da FFLCH/USP, 1971, v. 2.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo. Paz e Terra, 1999. p 602.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001. 100 p.

CERONI, Giovanni Costa *A exposição do Centenário da Revolução Farroupilha nas páginas dos jornais Correio do Povo e a Confederação*. Dissertação (Mestrado em história), 2009, 161f. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Ciudades, provincias, Estados: Origenes de la Nación Argentina (1800-1846)*. Buenos Aires: Ariel História, 1997. 645 p.

DA SILVA, Jaisson Oliveira. *A epopeia dos titãs do Pampa: historiografia e narrativa épica na História da Grande Revolução, de Alfredo Varela*, 2010, 200f. Dissertação (mestrado em história) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

DA SILVA, Matheus Luis. *Trajetória e atuação da política de Antônio de Souza Netto (1835-1866)*. 2015. 108 f. Dissertação (Mestrado em história, poder e cultura) - Universidade Federal de Santa Maria: Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-graduação em história, Santa Maria, 2015.

DOBKE, Pablo Rodrigues. *Caudilhismo, territórios e relações sociais de poder: o caso de Aparício Saraiva na região fronteira entre Brasil e Uruguai (1896-1904)*. Dissertação (mestrado em história), 2015, 130f. Universidade de Santa Maria. Santa Maria, 2015.

DORATIOTO, Francisco *O Império do Brasil e a Argentina (1822-1889) in Textos de história*. Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Brasília, v.16, 2008. p 32.

DORATIOTO, Francisco. *O Brasil no Rio da Prata*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2014. p 190.

FERREIRA, Lucia M. A. *As práticas discursivas e os (im)previsíveis caminhos da memória*. in *O que é memória social*. GONDAR, Jo e DODEBEL, Vera (org). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

FLORES, Moacyr. *Notas para a história da Revolução Farroupilha: Relatório ao cônsul da Sardenha por Antônio de Freitas Barreto Queirós*. Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1973. p 83.

FREITAS, Leticia Fonseca Richtofen de Fretas e SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. *A figura do gaúcho e a identidade cultural Latino-Americana*. Disponível: <http://revistaseletronicas.pucrs.br.p.267>. Acesso em: 01 jun.2018.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 32 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. p 238

GIOVANAZ, Marlise Maria. *As Exposições Universais e seu impacto museológico: o caso da Exposição do Centenário Farroupilha, Brasil*. Revista Vox Musei arte e patrimônio. Vol.1, p.318-329, jan/jun 2013.

GOLIN, Tau. *Bento Gonçalves, o herói ladrão*. 25. ed. Santa Maria: LGR, 1983. 64p

GONDAR, Jo. *Quatro proposições sobre memória social* IN: *O que é memória social*. GONDAR, Jo e DODEBEL, Vera (org). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005. p 162.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *História, memória, patrimônio*. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, número 34, 2012, p. 91-112. Disponível em:<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Numero%2034.pdf>.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2015. p 189.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A,2004. P 64.

HOBBSAWN, Eric. *A era do Capital, 1848-1875*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1996. P 459.

JELIĆ, Jordan. *Sobre la identidade (Reflexiones e tesis)*. In: LEMOS, Maria Teresa Toríbio. MORAES, Nilson Alves de; LEIRA, Paulo André. *Memória e identidade: I Congresso Internacional de memória social e documento*. Rio de Janeiro:7 letras, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. P 553.

MACHADO, Marina Monteiro; MARTINS, Monica de Souza Nunes. A modernidade nas teias da floresta: o Brasil na exposição Universal da Filadélfia de 1876. **Geosul**, Florianópolis, v. 32, n. 65, p. 68-86, nov. 2017. ISSN 2177-5230. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2017v32n65p68>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

MADUELL, Itala. *O jornal como lugar de memória: reflexões sobre a memória social na prática jornalística*. Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM) – v.4, n.1, p. 1-8, jan / 2015 – jun./2015.

MARQUES, Leticia Rosa. José Marianno de Mattos: conquistas e desafios de um mulato carioca na Revolução Farroupilha (1935-1945). Dissertação (Mestrado em história), 2013. 117f - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2013.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O gigante e o espelho*. In: Grinberg Keila e Salles Ricardo (Org.). *O Brasil Imperial (1831-1870)*. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2009. P 13-51.

MENEGAT, Carla. *A invenção dos gaúchos*. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, n 86, p.76-79, nov. 2012.

MOTTA, M. *Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil*. Disponível em: <<http://atlas.fgv.br/verbetes/exposicao-internacional-do-centenario-da-independenciado-brasil>>. Acesso em 16 de janeiro de 2018.

NEUMAN, Eduardo Santos. *Um só não escapa de pegar em armas: As populações indígenas na Guerra dos Farrapos*. Revista de História (Revista do Departamento de História da Universidade de São Paulo), São Paulo: USP n.º 171. P83-109, jul.-dez. 2014.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo, PUC, n.10, p. 07-28, dez. de 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003. p 100.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso, Imaginário social e conhecimento*. Em aberto, Brasília, n.61, ano 14, Brasília, jan/mar 1994, p.52-59.

PADOIN, Maria Medianeira. *Federalismo Gaúcho. Fronteira Platina, direito e Revolução*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. p 176.

PADOIN, Maria Medianeira. *Tito Livio Zambecari na história do Rio Grande do Sul e do Prata: uma síntese*, p.1-18. P2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, *A Invenção da Sociedade Gaúcha*. Ensaios FEE. Pano Alegre, (14)2 3H3-396, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003. p 74.

PICCOLO, Helga. O Rio Grande do Sul: fronteira entre duas formações históricas. Ensaios EFE: Porto Alegre, 11 (2): 308-344, 1991.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, p. 3-15, 1989.

PRADO JR, Caio. *História Econômica do Brasil*, São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. p 364.

RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p 464.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1995. p 476.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *A Releitura do passado Farroupilha no IHGB (1921-1935): memória republicana e legitimidades intelectuais*. Revista Tempo vol.19 no. 35, p.161-183, Niterói/jul-dez. 2013

RÜDGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. 2ª edição, Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1998. p 97.

SALAINI, Cristian Jobi. “*Nossos heróis não morreram*”: um estudo antropológico sobre formas de “*ser negro*” e de “*ser gaúcho*” no estado do Rio Grande do Sul. 2006, f.143
Dissertação (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SCHEIDT, Eduardo. *O processo de construção da memória da Revolução Farroupilha*. Revista de História. (Revista do Departamento de História da Universidade de São Paulo), São Paulo, n.º 147, p.189-209. São Paulo: USP, 2002.

SILVA, Juremir Machado da. *Historia regional da infâmia: o destino dos negros e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem imaginários)*. Porto Alegre, RS:Evangraf: Ed.Praça da Matriz, 2011. p 343.

SPALDING, Walter. *A epopeia Farroupilha*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do exército, 1963. p 381.

SPALDING, Walter. *Revolução Farroupilha*. Triunfo: Editora Petroquímica Triunfo S.A., 1987. p 254.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro; apresentação dos principais poemas metalinguísticos, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972*. 19. ed revista e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p 639.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p 425.

VELLINHO, Moysés. *Capitania d'El-Rei: Aspectos da formação Rio-Grandense*. Porto Alegre: Editora Globo, 1968. p 261.

Jornais:

Correio do Povo. Porto Alegre. 1set – 30 set /1935.

BARBIERI, Santo Uberto. Os Farrapos atiram-nos a tocha! *Correio do Povo*, p.14, 19 setembro de 1935.

CARRAZZONI, André. Mythos, symbolos legendas. *Correio do Povo*, p.03, 13 de setembro de 1935.

PIRES, Anitta R. A mulher e a epopeia Farroupilha. *Correio do Povo*, p.10. Porto Alegre: 25 de setembro de 1935.

Diário de Notícias. Porto Alegre. 1set – 30 set /1935.

Discursos:

VARGAS, Getúlio. O Centenário da Revolução Farroupilha. Porto Alegre: 24 de setembro de 1935.

Anexo A – Ilustrações

Ilustração 1: Mapa dos pavilhões da Exposição do Centenário Farroupilha



Fonte: CERONI, 2009, p.85.

Ilustração 2 - Anúncio convocando a população para as comemorações do centenário da Revolução Farroupilha



Fonte: Jornal Correio do Povo / set 1935. Acervo Biblioteca Nacional.

Ilustração 3 - Texto sobre a importância do legado farrapo para o Rio Grande do Sul

Os Farrapos atiram-nos a tocha!

Sante Uberto Barbieri

Um século agoniza sobre a glória dos Farrapos. Outro século surge. O século que morre traz no século que vem avançando de dentro das brumas do tempo uma tocha imensa, como que para iluminar às gerações vindouras o caminho. Que caminho será?

Entre as labaredas daquela tocha notamos irriante a labareda da liberdade. Os cavalleiros intrepidos dos pampas, os guchos intemeratos do passado preferiram deixar o rancho amigo, a viver sem liberdade. Que é o homem sem liberdade? O grande Giadstone disse em certa ocasião a Francisco Nitti, o ex-ministro do Conselho de Ministros da Italia: "A liberdade é como o ar. Sentiu-se a necessidade della sómente quando começa a faltar. Certamente pode-se viver também com ar escasso no fundo d'uma prisão ou n'um carcere. Entretanto sentimos a alegria da vida e a saúde onde o ar é mais puro e livre. Um povo nada pode fazer de grande sem liberdade. "E o povo gaúcho de 1835 também achou que nada podia fazer de grande sem liberdade. Ser escravo no meio da verde planície ampla, immensa; servir a um governo longínquo que exigia tributos, mas não cedia benefícios era demais para a alma grande do riograndino do sul. E achou que não devia supportar tamanho immerecido jugo. A liberdade custou o sangue de muitos heroes, mas a liberdade não morreu. Não podia morrer. O Farrapo nos fita de longe nestes dias de festa e nos pergunta que faremos da liberdade que elle alcançou, sem desnudo, envolto nas rajadas do Minuano, no alto da coxilha. Conservaremos a liberdade para todos? Faremos nós destes pampas immensos um lar dadioso para todos que nelles trabalham, e luctam e esperam? Conservaremos accessa esta labareda para todos?

Outra labareda é a da "fraternidade". (1) A fraternidade é sentimento que une, ou deve unir, como um só os filhos de uma terra. Os Farrapos deram um exemplo de fraternidade. Unidos estiveram na lucta, unidos na glória, unidos na desventura. Dez annos supportaram uma peleja ingrata. Dez annos foram peregrinos em sua própria Terra, para alcançar o que almejavam. Voltaram o rancho só quando os imperiaes reconheceram a justiça do que o Gaucho pedia. Alimentamos nós esta labareda com o fogo d'uma fé indomita na justiça de uma sociedade que se funda, não na exploração vil, mas na cooperação mutua, no respeito mutuo, no serviço commum? Admittimos explorações que eram repugnantes aos heroes que estamos rememorando? Somos realmente irmãos? A labareda da fraternidade não pôde deixar de brilhar. Não ha liberdade sem fraternidade, pois que a fraternidade é a pedra angular sobre que se crige o edificio da liberdade genuina. Onde ha senhores e escravos, nem ha justiça, nem ha amor. O século que nos espera deve ser em todo o sentido um século de novas conquistas neste terreno de congraçamento de todo o povo sulino, n'um desejo continuado de alcançar novos pináculos na cordilheira altaneira do progresso humano.

Outra labareda é a da "igualdade". Ser iguaes nos direitos de cidadões, eis a aspiração de cada ser humano. Ha limitações impostas pela natureza a cada homem. Mas afóra estas differenças naturaes o homem perante a lei, quem quer que elle seja, deve ser sempre considerado como homem. Um povo que faz differenciação entre homem e homem perante a lei, é um povo que cava a sua ruína. Os Farrapos queriam esta igualdade de todos perante a lei. Uns não nascem para soffrer e outros para gozar. Esta philosophia immoral e fatalista é philosophia de tyrannos. Muitos soffrem, porque outros querem se aproveitar demais das davidas generosas da vida e do mundo. Cada qual, entretanto, deve ver em seu semelhante a si proprio e fazer por elle o que faria por si. Isto entenderam os Farrapos. Isto querem que nós comprehendamos. De longe levantam a sua bandeira tricolor: com o verde de nossas coxilhas, com o vermelho de nossas sões, com o amarelo de nosso ouro, e bradam: Liberdade! Humanidade! Igualdade! De suas mãos passa para as nossas, a tocha accessa. No limiar de um novo século farrapo, levantemos a sua luz, bem alto, corajosamente, rijamente e também brademos: Liberdade! Humanidade! Igualdade!

Gloria aos Farrapos da Passado!

Avante Farrapos do Presente e do Futuro!

(1) — Preferimos aqui usar antes a palavra "fraternidade" do que "humanidade" porque julgamos que este era o significado que os Farrapos deram a esta palavra, quando a empregaram em sua bandeira.

Ilustração 4 - Texto sobre a importância da participação das mulheres na Revolução Farroupilha

A mulher e a epopéa farroupilha

Discurso pronunciado na inauguração do obelisco oferecido pela colônia portuguesa pela exma. sra. d. Anna Augusta Itego, pernambucana e actualmente em Porto Alegre

MULHERES FARROUPILHAS!

Fernando Osorio reuniu na bellissima obra que deu publicidade intitulada "Mulheres Farroupilhas" a verdadeira nobreza de um "Farropo" moderno. Como um filho agradecido, quiz demonstrar aos brasileiros da hora presente, que as "Mulheres Farroupilhas" eram dignas da attenção mais progressista, dos cerebros do Brasil actual! Eu pretendo nessa homenagem posthuma, secundar Fernando Osorio, num hymno de agradecimento, ás aquellas heroínas do passado, que preferiram horas de incertezas e annos de sacrificios, a placidez dos lares, e aos brillos dos salões! Sinto bradar pela minha voz, abrasada de nordestina, um grito de associação, á esta descolorada homenagem os vultos longinquos das anonyms filhas de Tejucupapo, igualmente realçadas no Altar da Patria! Merecem duplamente a nossa admiração e respeito, os vultos femininos do passado, de relevo historico, porque naquella época, a mulher ainda era objecto de cuidados, representando sempre fragilidade e virtude, e não tinha reclamado para si, o direito de igualdade, as attribuições masculinas, no terreno social-politico.

Hoje, adquiridos esses direitos, graças aos progressos dos tempos, é justo e humano, que sejam repartidos tambem, com o "passado sexo fraco", em toda sua intezeza, os labores e, descontentamentos que em tempos idos, tocava somente aos homens. Por essa razão, eu genuflexa, rendo a minha homenagem, ás temerarias filhas de Eva, que cem antes, lutaram sem esperar recompensas, nem igualdade de direitos, pelas causas patrioticas, que lhes faziam pulsar, entusiastamente, os corações, numa época, em que, ser mulher, era ser um composto de virtude, dedicação, sacrificio e, modestia. Dessa cohorte, de abnegadas, surgiram rompendo preconceitos, as mulheres farroupilhas. E, rôtas... esfaimadas... umas vezes mentindo, outras vezes dissimulando, quasi sempre envolvidas no troar das balas, ellas ao lado dos seus irmãos de idéas, foram nobres e grandes, generosas e intrepidas, como idealistas que eram, unicamente entregues ás lutas que as assoberbavam. Entre as mulheres farroupilhas, encontraremos vultos inconfundíveis, sobre todos os aspectos. Ora uma Angelica de Gomes Jardim, mantendo uma força revolucionaria. Noutro campo d. Anna Joaquina Osorio, legalista confessa, cultivando em sua residencia um farrapo, que a procurára, e negando-o aos seus perseguidores. Vemos, o espirito fulgurante de Isabel Ignacia de Jesus, que não vacillou, ajudando o seu esposo a cumprir um juramento, que lhe custaria talvez a propria vida.

Admiremos, a impavidez, da d. Maria Josepha da Fontoura Palmeiro, encarando o desterro que lhe fóra imposto, por ter "espalhado, dentro e fóra da praça as proclamações dos seus irmãos politicos". Vejamos o exemplo da jovem Fany, que rejeitando a "carreira commum da maioria das moças de sua idade, orava e soffria, numa terrivel confusão espiritual, vendo o enthusiasmo de seus pais pela causa republicana, e olhando os irmãos, tão innocentes, e tão proximos da orphanidade! O espirito calmo de Fany, não se imbuu de nenhuma idéa rubra, todavia, não deixou de ser uma grande heroína, dispensando aos seus irmãos, os cuidados maternos, e, quando conduzida numa carreta, com sua mãe e seus irmãos, foram atingidas pelas balas inimigas, Fany desdobreu-se, consolando os mais abatidos, "cuidava os irmãos, prestava socorro aos que cahiam feridos a seus pés, rompendo suas roupas, para estancar o sangue que corria de suas feridas, e, impondo um religioso respeito aos soldados, que a contemplavam tão bella, e tão jovem no meio delles!

E, outras tantas figuras de mulher, que Fernando Osorio reuniu, num ramalhete, expressivo de phrases bellas! Gaucho, elle explanou a gratidão da Patria creando aquella obra, "Mulheres Farroupilhas". Assim como o brilhante, entre as demais pedras preciosas, é forçado a espalhar os seus fulgores, eu sinto-me impellida a colher este brilhante e chamal-o simplesmente Annita Garibaldi!

Annita Garibaldi! — A sociedade hodierna, discute não raras vezes, e, bem altamente, o teu passado! A sociedade, se me afigura, uma dama exigente, a quem se tinha de prestar 100 favores, e, por uma circumstancia qualquer, depois de prestados os 99 obsequios, não foi possível attingir o centesimo, ficando para esta setimora sem efeito todo o trabalho anterior. Discute-se hoje o teu passado! No emtanto, obrumar a tua gloria não é possível! Tu detens até hoje o sceptro da maior heroína brasileira! Heroína dos dois mundos! Se o teu amor por Garibaldi, não conheceu limites, tambem desconheceu sacrificios! Foste, uma martyr da collectividade! O genio guerreiro de Garibaldi, sempre teve a iluminar-lhe os feitos, a irradição de tua estrella. E' Garibaldi, quem confessa: Adoro essa mulher! — Não restringiste apenas a tua patria, os effluvios benéficos do teu espirito temerario. Foste além! O teu estado de saude, periclitava sempre. Mas, a tua vontade ferrea, nunca poudes claudicar, entre a lucta, o amor e o dever! — E, nem ao menos, tiveste por doce, o céu da Patria, quando a morte libertou o teu espirito, fazendo-o alar-se aos paramos celestiacos. Tiveste todavia uma compensação. Em agosto brilhava sobre o céu italiano de Ravenna, a luz loura do sol, o mesmo astro que ilumina sempre, a immensa abobada do Brasil. E, pelos raios magestosos deste sol, tiveste inteira uma visão da patria, emquanto o teu esposo, estarecido de dôr colheu num osculo, os teus ultimos lampejos de vida!

Se attingido fosse, o teu vulto de após-vida.
Annita Garibaldi!

Eu te saudaria... sem asperezas de palavras que não dizem, e as subtilezas de tu'alma de Mulher
um riso de creança... puro, ou a dolente vibração de um violino...
diriam muito mais, ao teu vasto coração!

Se attingido fosse, o teu vulto de após-vida.
Annita Garibaldi!

Eu te pouparia... a homenagem mesquinha dos mortaes, e a linguagem de uma patria agradecida, seria plas flores proferida em solemne saudação!

Se attingido fosse, o teu vulto de após-vida.
Annita Garibaldi!

Eu veria... O Rio Grande vestido de menino, Corôando o teu vulto leonino, em nome da Nação!
E, a patria inteira a teus pés prostada
Repetir:

Annita Garibaldi,
Finda é tua jornada.
Mas... Tu vives em nosso coração!

Annita R. Piros

Ilustração 5 - Dia da Pátria e de lembrar os Farrapos



Fonte: Jornal Correio do Povo / 08 set 1935. Acervo Biblioteca Nacional.

Ilustração 6 - Notícias sobre a sessão do Senado de 20 de setembro de 1935



Fonte: Jornal Correio do Povo / 21 set 1935. Acervo Biblioteca Nacional.

Ilustração 7 – Anúncio de loja de departamentos

Camas e mais Camas

APROXIMA-SE A
EXPOSIÇÃO FARROUPILHA

Como não foi possível atender a todos, resolvemos continuar ainda oferecendo as mesmas condições que são:

**15 Mezes de Prazo
sem Entrada e sem Fiador**

Diariamente recebemos novas remessas da afamada marca
"WALLIG" a marca de confiança



ADAMS, HERRMANN & CIA.

10 \$
POR MEZ

15 \$
POR MEZ

20 \$
POR MEZ

Convidamos a V. S. a fazer-nos uma visita para ter ocasião de ver o lindo sortimento de camas que vendemos nas condições acima, afim de V. S. poder festejar o CENTENARIO FARROUPILHA em companhia de um amigo ou algum parente

Convidamos, outrossim, a todos os srs. visitantes do Interior a fazerem-nos uma visita afim de certificarem-se do grande sortimento de todos os artigos domesticos que temos á venda

ADAMS, HERRMANN & CIA.
AVENIDA OCTAVIO ROCHA, 164

K 25004

Fonte: Jornal Correio do Povo / set 1935. Acervo Biblioteca Nacional .

Ilustração 8 - Anúncio comercial alusivo à Exposição

Para a Exposição Farroupilha

Quem quiser acolher forasteiros, havendo em sua casa PERCEVEJOS ou outros insectos, pôde livrar-se destes em 24 horas, por meio de uma desinfecção dos quartos com Gaz asphixiante.

EMPRESA EXTERMINADORA DE INSECTOS de PAULO RUDOLF

Com o meu systema, por mim mesmo executado, tambem extermino radicalmente cupins, morcegos, ratos e quaesquer insectos.

AGORA EXCEPCIONALMENTE MAIS BARATO!

Chamados por obsequio á CASA ALLEMA, rua do Rosario, 413, Tel. 5999 ou CAFE' A B C, rua 7 de Setembro, 1123. K 25014

Fonte: Jornal Correio do Povo / set 1935. Acervo Biblioteca Nacional.

Ilustração 9 - Anúncio de sorteio de prêmios tendo como mote a Exposição do Centenário Farroupilha

Carta Encadeada "Ideal Farroupilha"

A pedido de diversos interessados, vou lançar ao publico do Rio Grande, devidamente controlada, a carta "IDEAL FARROUPILHA", apenas com 4 (quatro) nomes, sendo necessario, desse modo, somente DEZESEIS NOMES para cada participante ser contemplado com a importancia de um conto e seiscentos mil réis (1:600\$000), em apolices da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

As primeiras inscrições começarão no dia 9 do corrente, segunda-feira, ás nove horas da manhã. CONVIDAMOS TODOS OS INTERESSADOS A SE INSCREVEREM SEM PERDA DE TEMPO. Do interior serão attendidos immediatamente, bastando que remetam por carta a importancia de cento e um mil e seiscentos réis (101\$600).

NOTA — O lançamento desta carta não prejudicará em absoluto a marcha da CARTA "IDEAL", anteriormente lançada, e que continuará beneficiando com milhares de apolices da Prefeitura os seus participantes.

Controle perfeito - Seriedade absoluta

F. REIS BIER — Andrade Neves 133

TELEPHONE, 162 CENTRAL — PORTO ALEGRE K. 25201

Legenda: Fonte: Jornal Correio do Povo / set 1935. Acervo Biblioteca Nacional.

Ilustração 10 - Anúncio da loteria do estado tendo como mote a Exposição do Centenário Farrroupilha



Fonte: Jornal Correio do Povo / set 1935. Acervo Biblioteca Nacional.

Ilustração 11 - Anúncio de uma loja de departamentos de Porto Alegre.



Fonte: Jornal Correio do Povo / set 1935. Acervo Biblioteca Nacional.

Ilustração 12 - Anúncio de uma vidraçaria de Porto Alegre.

Srs. Expositores!

Si necessitardes de vidros ou espelhos para os vossos "stands", procurem saber os preços da

VIDRAÇARIA FISCHER

é rua Voluntarios da Patria n.º 359, telephone n.º 5097.
 Estamos habilitados a attender qualquer encomenda de vidros, seja qual fôr a sua qualidade.

K 24514

Fonte: Jornal Correio do Povo / set 1935. Acervo Biblioteca Nacional.

Ilustração 13 - Anúncio do Casino da Exposição do Centenário Farroupilha.

EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO FARROUPILHA
"CASINO"

A brilhante embaixada artistica, integrada por elementos de remarcada projecção nos palcos e "broadcastings" brasileiros que vae inaugurar dentro em breve a temporada das sumptuosas festas

ALZIRINHA CAMARGO
 O "Rouxinol da Paulicea", cantora de canções e marchas brasileiras de grande exito

IDA ALENCAR
 Consagrada soprano lígiero, creadora admiravel da canção brasileira

FERNANDO VITAL — "NHO TOTICO"
 Exímio parodista, cantor admiravel e humorista de grande valor

M. G. BARRETO
 O condottieri artistico, fino apresentador da pista e príncipe da embolada nordestina

ALVARENGA e RANCHINHO
 A magistral dupla catipira

PEDRO GIL
 Notavel barytono, cantor de musicas classicas e canções regionaes

ARDANUY
 Admiravel cantor de ten-
 gos que brilhou em São Paulo e nos Casinos do Rio

PARA INTEGRAR OS SEUS SELECCIONADOS PROGRAMMAS O CASINO CONTRA COM O BRILHANTE CONCURSO DE UMA GRANDE ORCHESTRA, SOB A REGENCIA DO ABALISADO MAESTRO ASCENDIN O LISBOA

INFORMAÇÕES: NA SECRETARIA DO CASINO — EDIFICIO BANCO DO BRASIL — 2.º ANDAR — SALAS 14 E 17 OU PELO TELEPHONE CENTRO FARROUPILHA. 37

Ingressos mediante convites-permanentes que serão entregues, GRATUITAMENTE, a todos os elementos representativos da nossa sociedade e aos visitantes de reconhecida idoneidade social. — Para a inauguração do dia 29 do corrente, RESERVE VAM-SE MESAS, ao preço de 30\$000 por pessoa.

Aviso necessario — A Direcção do Casino comunica aos interessados que o ingresso adquirido no Portico da Exposição Farroupilha não dá direito a visitar o mesmo Casino

Fonte: Jornal Correio do Povo / set 1935. Acervo Biblioteca Nacional.

Ilustração 14 - Anúncio do preço das entradas da Exposição

**Exposição do Cente-
nario Farroupilha**

VENDA DE ENTRADAS

A partir de hoje, das 10 ás 18 horas, estarão á venda, diariamente, nas bilheterias do portico monumental, as entradas para a Exposição, as quaes vigorarão das 15 horas do dia 20 do corrente, em diante. Os preços são os seguintes:

Entrada Geral..	2\$000
Meia entrada	1\$000
Assignaturas por 30 dias.. . . .	50\$000
Coupons com 20 entradas	32\$000
Coupons com 20 meias entradas.	16\$000

Terão direito á meia entrada as crianças até 12 annos de idade, collegiaes fardados, praças de "pret" e os estudantes, portadores da caderneta academica. Os interessados em assignatura deverão comparecer munidos de um photo-film.

Porto Alegre, 15 de Setembro de 1935. K 25566

Fonte: Jornal Correio do Povo / set 1935. Acervo Biblioteca Nacional.

Ilustração 15 - Anúncio de um posto de gasolina na Exposição

Posto de Gazolina na Exposição Farrroupilha

A firma SYLVIO FERREIRA, FILHO & CIA. LTDA. comunica aos srs. automobilistas, aos seus clientes, e ao publico em geral que no dia 19 do corrente, á noite, dará inicio ás vendas de Gazolina Oleos, no posto construido no recinto da Exposição Farrroupilha.

Communica igualmente que dispõe do espaço necessario para a guarda dos autos dos srs. visitantes á Exposição e de pessoal competente, que receberá os carros, dispondo-os convenientemente, e entregando-os á sahida, quer durante o dia, quer durante á noite.

Esse serviço da guarda dos autos será feito mediante o pagamento de 1\$000 por cada auto.

K 25718

Fonte: Jornal Correio do Povo / set 1935. Acervo Biblioteca Nacional

Ilustração16 - Convite aos visitantes da Exposição

QUINTA-FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 1935

Convite

A S. A. Fabrica de Pianos Nardelli, orgulhosa de participar das homenagens aos heroes do movimento de 1835, tem a subida honra de convidar todos os visitantes da Exposição Farroupilha a visitarem o seu "stand" no Pavilhão de São Paulo, onde se encontram expostos os famosos "Pianos Brasil" que, pelo excellente mecanismo importado, impecavel acabamento em madeiras nacionaes de lei e incomparavel sonoridade, constituem um justo motivo de orgulho para a industria brasileira.

PIANOS BRASIL

S. A. FABRICA DE PIANOS NARDELLI — AV. STELLA, 63 — S. PAULO

K. 25

Fonte: Jornal Correio do Povo / set 1935. Acervo Biblioteca Nacional

Anexo B - Fotografias

Fotografia 1 - Inauguração da Exposição Farroupilha em 20 de setembro de 1935



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 2 - Autoridades no dia da inauguração da Exposição Farroupilha.



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 3- Pórtico da Exposição Farroupilha vista do lado de dentro.



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 4 - Legenda Pórtico da Exposição Farroupilha à noite.



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 5 - Flores da Cunha discursa na abertura da Exposição



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 6 - Governador do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, discursa na abertura da Exposição Farroupilha.



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 7 - Getúlio Vargas e o prefeito de Porto Alegre, Alberto Bins, visitam o Pavilhão das Indústrias



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 8 - : Getúlio Vargas e Alberto Bins visitam o Pavilhão das Indústrias do Rio Grande do Sul



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 9 - Getúlio Vargas visita o *stand* dos estúdios fotográficos na Exposição Farroupilha



Acervo: Ronaldo Bastos

Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 10 - Inauguração do Pavilhão de São Paulo



Acervo: Ronaldo Bastos

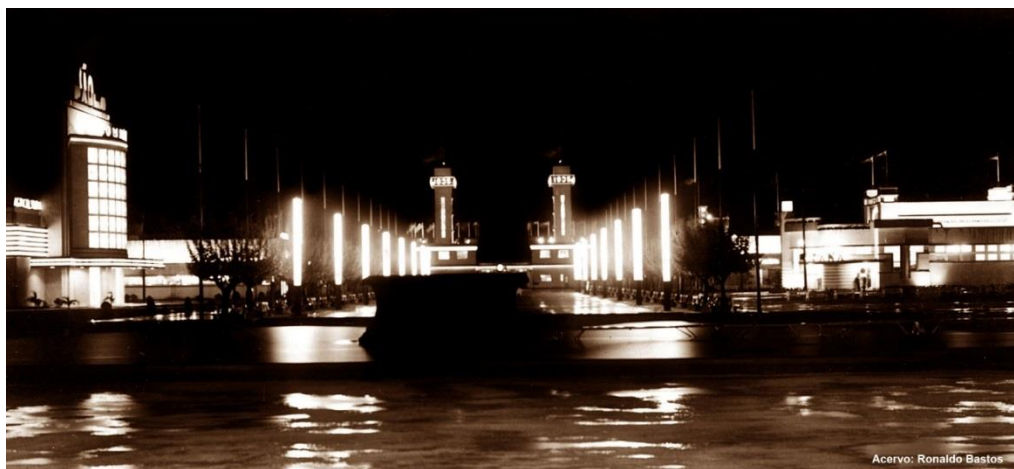
Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 11- Getúlio Vargas visita o Pavilhão das Indústrias do Rio Grande do Sul



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 14 - Vista noturna da Exposição Farroupilha desde a fonte luminosa



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 12 - Vista parcial da Exposição Farroupilha



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 13- Passeio de barco no Lago Farroupilha



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 15- Panorama da Exposição Farroupilha à noite



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 16- Interior do Cassino da Exposição Farroupilha



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 17 - Interior do cassino e do restaurante da Exposição Farroupilha



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 18 - Pavilhão Cultural da Exposição Farroupilha



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 19 - Interior do Pavilhão Cultural



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 20 - Pavilhão da Agricultura do estado do Rio Grande do Sul da Exposição Farroupilha



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 21- Interior do Pavilhão da Agricultura do estado do Rio Grande do Sul



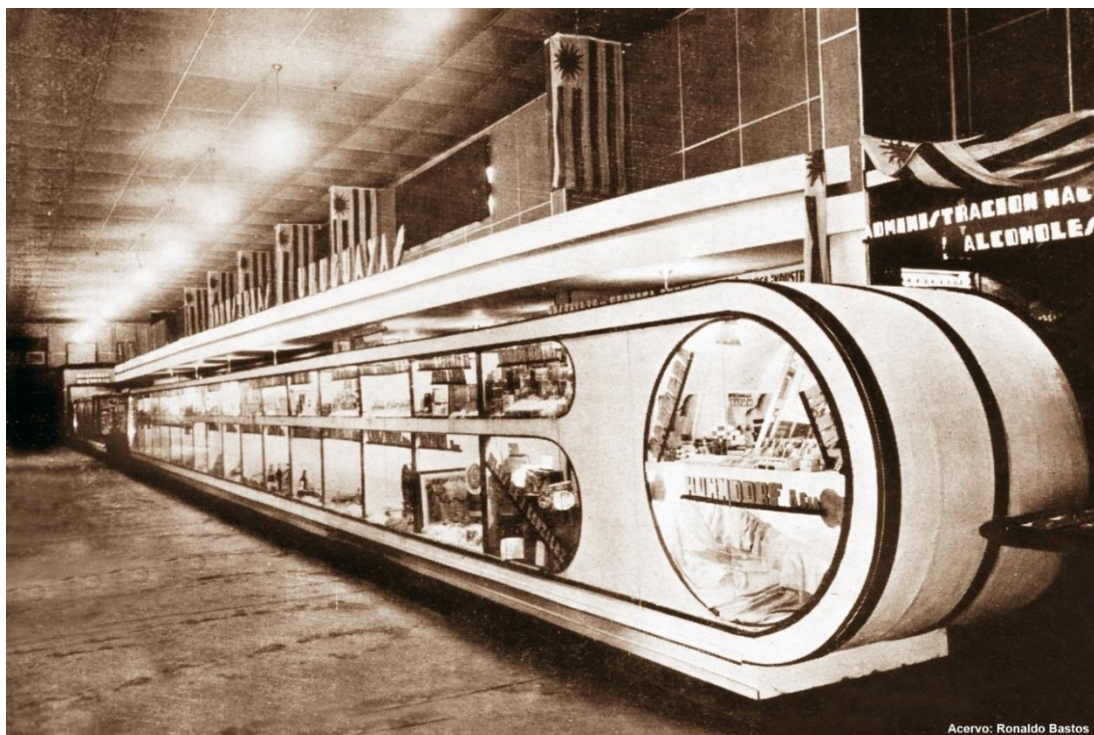
Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 22 - Pavilhão das Indústrias Estrangeiras



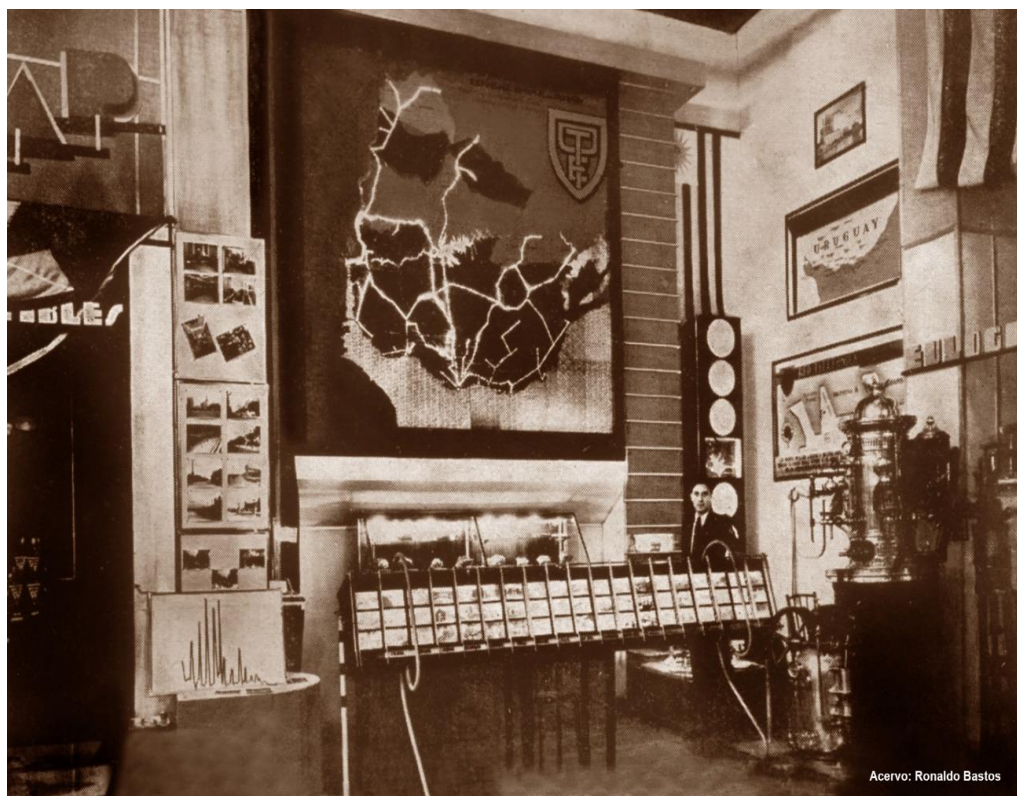
Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 23 - Interior do Pavilhão da Indústria Estrangeira



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 24 - Interior do Pavilhão da Indústria Estrangeira



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 25 – Pavilhão da Agricultura de São Paulo



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 26 - Pavilhão do estado de Santa Catarina



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 27 - Pavilhão do estado de Minas Gerais



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 28 - Pavilhão do estado de Minas Gerais à noite



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 29 - Pavilhão de Pernambuco



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 30 - Pavilhão do estado de Pernambuco à noite



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 31 - Pavilhão do Distrito Federal



Fonte : Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 32 - Pavilhão do Distrito Federal à noite



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 33 - Pavilhão do estado do Pará



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos.

Fotografia 34 - Pavilhão do estado do Pará à noite



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos

Fotografia 35 - Pavilhão do Rio Grande do Sul e Avenida Central



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos

Fotografia 36: Visão aérea do Pavilhão do Rio Grande do Sul



Acervo: Ronaldo Bastos

Fonte: Acervo Ronaldo Bastos

Fotografia 37 - Pessoas assistem ao evento de pecuária na Exposição



Acervo: Ronaldo Bastos

Fonte: Acervo Ronaldo Bastos

Fotografia 39 - Inauguração da estátua Equestre de Bento Gonçalves



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos

Fotografia 39 - Estátua Equestre de Bento Gonçalves



Fonte: Acervo Ronaldo Bastos